

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MARIA JOSÉ DA SILVA FERNANDES

**A REFERENCIAÇÃO CATAFÓRICA: UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO E
ANÁLISE**

Uberlândia-MG

2010

MARIA JOSÉ DA SILVA FERNANDES

A referenciação catafórica: uma proposta de categorização e análise

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Mestrado, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: estudos sobre texto e discurso.

Tema: estudos textuais/discursivos envolvidos no processo de construção do sentido do texto na recepção e produção de diferentes gêneros discursivos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luisa Helena Borges Finotti

Uberlândia-MG

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F363r Fernandes, Maria José da Silva, 1967-
A referenciação catafórica [manuscrito]: uma proposta de categorização
e análise / Maria José da Silva Fernandes. - Uberlândia, 2010.
212 f. : il.

Orientadora: Luisa Helena Borges Finotti.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Referência (Linguística) - Teses. 2. Categorização (Linguística)
Teses. I. Finotti, Luisa Helena Borges. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

MARIA JOSÉ DA SILVA FERNANDES

A referenciação catafórica: uma proposta de categorização e análise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Mestrado, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Linguística Aplicada.

Uberlândia, 29 de outubro de 2010.

Profª Dra. Luisa Helena Borges Finotti – UFU/MG

Profª Dra. Vanda Maria Elias – PUC-SP

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia – UFU/MG

Uberlândia-MG

2010

Dedico este trabalho à memória de meu querido pai que, se estivesse comigo, estaria feliz com esta conquista, já que foi quem primeiro incutiu em mim o amor pelos estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele nada é possível;

À profª Dra. Luisa Helena, pela orientação, calma, compreensão, estímulo e por me ajudar a trilhar o caminho do Mestrado. Obrigada pelas palavras encorajadoras e por acreditar em mim;

Aos professores Dr. Luiz Carlos Travaglia e Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita, pelas valiosas contribuições na Banca de Qualificação;

À profª Dra. Maura Alves de Freitas Rocha pela ajuda com o Programa Varbrul;

A todos funcionários (e ex-funcionários) do ILEEL, pela presteza em me atender;

Aos colegas e amigos da Universidade, pelo encorajamento principalmente nos momentos mais difíceis;

À Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, por autorizar meu afastamento para cursar o Mestrado;

Ao esposo e companheiro Júlio, que me ajudou durante todo esse percurso. Sem seu apoio e disponibilidade esta conquista teria sido praticamente impossível;

Aos meus filhos Pedro Henrique e Luiz Gustavo que, embora adolescentes, souberam entender minhas ausências;

À minha mãe, pelas constantes orações;

Aos amigos da Escola Estadual São Francisco de Assis, pela sincera amizade;

A todos meus familiares e amigos, pelo incentivo em todos os momentos.

Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que fez tua
rosa tão importante.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre um dos mecanismos de coesão, a referenciação catafórica, que se caracteriza por apresentar uma forma remissiva antes de apresentar um referente textual, ou seja, uma entidade é evocada antes de ser introduzida no cotexto. O objetivo deste trabalho é categorizar os tipos de catáfora e os referentes textuais, identificando as categorias dos elementos linguísticos usados cataforicamente e a função textual dos referentes. Para isso, foram analisadas as ocorrências catafóricas em que as formas remissivas são pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos, advérbios, numerais e expressões nominais, conforme apareceram no *corpus*. As catáforas encontradas foram classificadas em catáfora pronominal, nominal e associativa. A primeira apresenta como forma remissiva um pronome, numeral ou advérbio e apresenta um referente textual explícito; a segunda apresenta como forma remissiva uma expressão nominal, e o referente textual também é explícito; a terceira recebeu esse nome, por não apresentar explicitamente no texto o referente textual, visto que precisa ser inferido pelo leitor, a partir de pistas cotextuais e contextuais. A forma remissiva desse tipo de catáfora, de acordo com o *corpus*, é um pronome. Os referentes textuais foram categorizados em nomes comuns, nomes próprios, expressões nominais, períodos simples e compostos e textos inteiros. Foram analisadas também as funções dos referentes textuais. Os pressupostos teóricos adotados são os da Linguística Textual, especialmente os estudos acerca da referenciação (MONDADA & DUBOIS, 2003), processo realizado negociadamente no discurso. O *corpus* desta pesquisa é composto por 193 textos jornalísticos, extraídos do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Veja*, publicados no segundo semestre de 2008. Verificamos uma maior ocorrência da catáfora pronominal (55%), seguida da nominal (41,15%) e da associativa (3,85%). Na catáfora pronominal, a categoria mais atualizada é a dos pronomes pessoais; na associativa, os pronomes indefinidos. Na catáfora nominal, a configuração da expressão nominal mais recorrente é a composta por determinante + nome + modificador. A ocorrência maior da catáfora está no corpo do texto. Dentre as funções textuais dos referentes, as que são mais recorrentes são especificar, explicar e esclarecer. Podemos afirmar, tendo em vista os resultados alcançados, que a utilização da catáfora como forma de referenciar tem sido uma prática recorrente no meio jornalístico, de acordo com as referidas fontes, e que favorece, entre outras possibilidades, a organização e progressão do texto e a focalização de determinados segmentos textuais. Além disso, pode ser usada como forma de atrair a atenção do leitor.

Palavras-chaves: referenciação, catáfora, categorização

ABSTRACT

The study presents a research on one cohesion mechanism - the cataphoric referenciation - that refers ahead to one text referent. That is to say that an entity is evoked before its presentation on the text. The aim of the study is to categorize cataphora types and their textual referents as we identify the linguistic elements used cataphorically and the textual referents functions. We analyzed, in the corpus, cataphoric occurrences of personal, demonstrative and indefinite pronouns; adverbs; numbers; and nominal expressions. The cataphoric references found were classified as pronominal, nominal and associative. The former has a pronoun, a number or an adverb as its remissive form and it has an explicit textual referent. The second presents a nominal expression as its remissive form, and has an explicit textual referent. The latter is named associative because it does not have an explicit textual referent, as the referent must be inferred by the reader from co-textual and contextual clues. According to the corpus, this cataphora type is a pronoun. The textual referents were categorized as common nouns, proper nouns, nominal expressions, simple and compound sentences and whole texts. The functions of the textual referents were also analyzed. The theoretical basis is Text Linguistics, mainly the studies about referenciation (MONDADA & DUBOIS, 2003), negotiation process within discourse. The corpus is 193 journalist newspaper articles from *Folha de São Paulo* and *Veja* magazine, published in the second semester of 2008. We found a major occurrence of pronominal cataphora (55%), followed by the nominal (41,15%), and the associative (3,85%). The most used category of pronominal cataphora are personal pronouns, the indefinite pronouns were most used as associative cataphora. The most common pattern of nominal cataphora is determiner + noun + modifier. The cataphora occurs more frequently within the text. The most common textual referents functions are to specify, to explain and to enlighten. According to the results, we can claim that cataphora use as referential mechanism has been frequently used in journalistic context. It helps the organization, the progression, and the focus on some segments from the text. Finally, we can state that cataphora can be used as a way of catching the reader's attention.

Keywords: referenciation, cataphora, categorization

LISTA DE TABELAS

1 Distribuição das catáforas pronominal, nominal e associativa	79
2 Distribuição das configurações das catáforas pronominais	80
3 Distribuição das configurações das catáforas nominais	92
4 Distribuição dos tipos de catáfora e local da ocorrência	97
5 Distribuição dos tipos de catáfora e fonte de pesquisa	98
6 Distribuição dos referentes textuais de acordo com a forma	99
7 Distribuição das expressões nominais como referentes textuais da catáfora pronominal	100
8 Distribuição dos referentes textuais de acordo com a função textual	103
9 Cruzamento das funções dos referentes textuais com suas formas constitutivas	106
10 Distribuição dos referentes de acordo com a forma e tipo de catáfora	107
11 Distribuição dos nomes-núcleo das expressões nominais	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
Capítulo 1: METODOLOGIA DA PESQUISA	23
1.1 - Natureza da pesquisa	23
1.2 - Perguntas de pesquisa	24
1.3 - Hipótese de pesquisa	24
1.4 – Objetivos	24
1.4.1 - Objetivo geral	24
1.4.2 - Objetivos específicos	24
1.5 - Procedimentos	25
Capítulo 2: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	29
2.1 - A Linguística Textual	29
2.2 - Da referência à referenciação	30
2.3 - A catáfora	36
2.3.1 - Tipos de catáfora	41
2.3.1.1 - A catáfora pronominal	41
2.3.1.2 - A catáfora nominal	42
2.3.1.3 - A catáfora associativa	50
2.4 - Os referentes textuais	51
2.4.1 - Classificação quanto à forma	51
2.4.2 - Classificação quanto à função textual	54
2.4.3 - Algumas considerações	65
Capítulo 3: OS TÍTULOS DE TEXTOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	67
3.1- A relação título e catáfora	67
3.2 - O título como estratégia	73
Capítulo 4: CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DA REFERENCIAÇÃO CATAFÓRICA	79
4.1 - Tipos de catáfora	79
4.2- A catáfora pronominal: configurações	79

4.3 - A catáfora nominal: configurações	85
4.4 - A catáfora associativa	95
4.5 - Os referentes textuais	98
4.5.1 - Os referentes textuais, quanto à forma	99
4.5.2 - Os referentes textuais, quanto à função textual	102
4.6 - Outras considerações importantes	107
4.6.1 - Pronomes demonstrativos: catafóricos e/ou anafóricos?	107
4.6.2 - As duplas atualizações	111
4.6.3 - Os nomes-núcleo	115
CONCLUSÃO	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
ANEXOS	127
Anexo I	129
Anexo II	187

INTRODUÇÃO

Desde o começo do século XX, os estudos linguísticos têm se desenvolvido bastante, mas o interesse do homem pela linguagem não é recente. De acordo com vários estudiosos, as primeiras reflexões do homem sobre sua linguagem aconteceram há mais de 2500 anos. Porém, segundo Marcuschi (2009, p. 26), “os romanos e medievais contribuíram mais para a reflexão filosófica do que para a investigação linguística *stricto sensu*”.

As questões que despertaram o interesse pelo conhecimento linguístico, ao longo dos séculos, foram várias: políticas, religiosas, filosóficas, literárias etc. Segundo Borges Neto (2004), no séc. XIX, o caráter dos estudos linguísticos foi modificado, tendo em vista a alteração de seus objetivos: a linguagem passou a ser estudada como ciência, enquanto em períodos anteriores, estudava-se a linguagem sob perspectiva da filosofia ou da crítica literária.

Em 1916, com a publicação do Curso de linguística geral, de Ferdinand de Saussure, a linguística teve reconhecido seu objeto de estudo, a língua. E embora os estudos saussureanos recebam, hoje, muitas críticas, não podemos negar que eles foram essenciais para que a Linguística tivesse o *status* atual de ciência.

Desde a publicação da referida obra, muitos estudos linguísticos se desenvolveram, com diferentes tendências e perspectivas. Dentre eles, destacamos a Linguística Textual, ramo da Linguística, que tem como objeto de estudo o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, na qual se inscreve nossa pesquisa.

Dentre os vários estudos que abrange a Linguística Textual estão os relacionados aos fatores de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), tais como: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. Para este estudo, selecionamos um desses fatores: a coesão, especificamente a coesão referencial catafórica.

Nosso objetivo é categorizar os tipos de catáfora, identificando as categorias dos elementos linguísticos usados cataforicamente e dos referentes textuais, bem como a função textual desses referentes.

Adotamos como referencial teórico, os pressupostos da Linguística Textual, ou seja, os estudos acerca da referenciação, especialmente os de Mondada & Dubois (2003) e os estudos sobre os títulos de textos de Guimarães (2006) e de Coracini (1988).

Ressaltamos que há uma infinidade de trabalhos abordando a coesão referencial, entretanto, grande parte desses estudos privilegia as anáforas. Em relação às catáforas,

podemos afirmar que são muitas as ocorrências, especialmente nos textos escritos, mas poucas as discussões a seu respeito. Essa constatação despertou em nós o interesse pelo tema, pois apesar de as ocorrências de catáfora serem bastante comuns e recorrentes em diversos textos, com os quais nos deparamos em nosso dia a dia, não encontramos nenhum estudo sistemático sobre ela.

Nesse sentido, para viabilizar esta pesquisa, elencamos como hipótese inicial que diferentes elementos linguísticos são usados cataforicamente, e não somente os pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto*, como indicado pelas gramáticas tradicionais. Ou seja, embora as gramáticas tradicionais, dicionários, manuais etc. façam referência apenas aos pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto*, ao explicitar o uso catafórico, acreditamos que eles não sejam exclusivos desse tipo de referência, pois outros elementos linguísticos, inclusive outros demonstrativos, podem ser usados cataforicamente. Partindo dessa hipótese, ainda indagamos: a) Quais elementos linguísticos têm sido usados cataforicamente? b) O uso da referência catafórica se resume a títulos de textos? c) Como os referentes textuais se atualizam? Eles os fazem por meio de nomes, expressões nominais, orações? d) Que função têm os referentes textuais na referenciação catafórica?

Para tentar responder esses questionamentos, selecionamos 193 textos jornalísticos, do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Veja*, publicados no segundo semestre de 2008, e iniciamos nossa pesquisa, cujos resultados foram organizados em quatro capítulos.

No primeiro, apresentamos a metodologia da pesquisa por nós adotada e, no segundo, apresentamos nossos pressupostos teóricos. Primeiramente falamos sobre a Linguística Textual por esta ser a perspectiva teórica em que nos situamos. Esclarecemos que não pretendemos fazer um histórico de toda a disciplina, mas apenas apresentar noções gerais sobre ela. Em seguida, discorremos sobre a referenciação, bem como sobre alguns conceitos com os quais trabalharemos na análise.

Tendo em vista que a catáfora, de acordo com nosso *corpus* de pesquisa, é muito utilizada em títulos de textos, especialmente nos textos da revista *Veja*, apresentamos, no capítulo três, algumas discussões sobre os títulos, sua relevância e sobre a estratégia de usar a catáfora nessa parte do texto.

No quarto capítulo, fazemos a análise dos dados e apresentamos nossa proposta de categorização dos elementos linguísticos usados cataforicamente, bem como dos referentes textuais. Analisamos também as funções dos referentes textuais, de acordo com nosso *corpus* de pesquisa e, em seguida, apresentamos as conclusões oriundas das análises empreendidas.

Dessa forma, esperamos contribuir para os estudos sobre essa forma de referenciar.

CAPÍTULO 1:

METODOLOGIA DA PESQUISA

1.1 Natureza da Pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de um paradigma qualitativo e interpretativista, pois, segundo Moita Lopes (1996, p.167), a pesquisa de base interpretativista “se centra na ideia de que o social é fruto de significados/interpretações produzidas pelos participantes deste contexto”. Segundo ele, essa pesquisa se caracteriza por representar um foco de investigação diferente e, por isso, revelar novas descobertas que a pesquisa positivista não alcança. Por essa razão, acreditamos ser esse o tipo de pesquisa ideal para nosso estudo.

Embasados pelos pressupostos da Linguística Textual, cujo objeto de análise é o texto, especialmente pelos estudos sobre a referenciação, realizamos essa pesquisa, a partir da análise de textos publicados no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*, como já afirmamos anteriormente. Escolhemos esses veículos de comunicação devido à credibilidade que eles têm na sociedade, ou seja, têm grande circulação nacional e, além disso, oferecem uma grande diversidade de gêneros textuais.

Nesse sentido, o *corpus* deste estudo foi constituído por 193 textos, publicados no segundo semestre de 2008. Da *Folha de São Paulo*, foram extraídos 123; da revista *Veja*, 70. Esclarecemos que o número de textos do jornal é maior devido à sua tiragem ser diária, enquanto a da revista *Veja* é semanal.

Além disso, é importante esclarecermos que os textos analisados foram extraídos de diversos cadernos do jornal (Ilustrada, Folhateen, Folhinha, Equilíbrio, Cotidiano, Esporte, Painel do leitor, Vitrine, Dinheiro, Opinião, Ciência, Brasil ...) e de diversas seções da revista (Entrevista, Cartas, Veja essa, Gente, Radar, Eleições, Educação ...), contemplando diferentes gêneros textuais e que, por isso, a pesquisa não está restrita à análise da catáfora em apenas um gênero, mas em diferentes gêneros textuais, visto que abarca artigos de opinião, crônicas de humor, crônicas esportivas, anúncios, resenhas de filme, carta do leitor, editoriais, notícias, reportagens etc.

Apesar de a catáfora se atualizar em diferentes gêneros textuais, não fazemos, nesta pesquisa, um estudo acerca desse tema, visto que nosso enfoque não é essa questão, mas, sim, a catáfora, suas formas remissivas e referentes.

Retomamos, a seguir, nossas perguntas de pesquisa, hipótese e objetivos.

1.2 Perguntas de pesquisa

- 1) Quais elementos linguísticos têm sido usados cataforicamente?
- 2) O uso da referência catafórica se resume a títulos de textos?
- 3) Como os referentes textuais se atualizam? Por meio de nomes, expressões nominais, orações?
- 4) Que função têm os referentes textuais na referenciação catafórica?

1.3 Hipótese

Nossa hipótese é que há muitos e diferentes elementos linguísticos como pronomes (não apenas os demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto*), artigos etc., sendo usados de maneira catafórica.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

1. Categorizar os tipos de catáfora: as formas remissivas e seus referentes.

1.4.2 Objetivos específicos

- Identificar quais elementos linguísticos têm sido usados cataforicamente, fazendo a categorização dos mesmos quanto à forma;
- Verificar a forma e a função dos referentes textuais;
- Descrever e analisar o contexto de uso das catáforas.

1.5 Procedimentos

Tendo em vista nossas perguntas de pesquisa e objetivos, adotamos alguns passos para seu desenvolvimento. Em relação à seleção do *corpus*, o primeiro passo foi fazer a leitura diária do jornal e da revista escolhidos e, já que nossos objetivos diziam respeito à ocorrência da catáfora, selecionamos somente textos com ocorrência desse fenômeno, ou seja, só nos interessaram os textos que continham elementos linguísticos usados cataforicamente.

Após a leitura e seleção, dos textos, agrupamo-los em dois grupos: grupo 1: textos extraídos do Jornal *Folha de São Paulo* e no grupo 2, os da revista *Veja*. Tivemos a preocupação de, na medida do possível, agruparmos os textos de acordo com o elemento linguístico catafórico, ou seja, as ocorrências dos pronomes demonstrativos do primeiro grupo, os pronomes pessoais e assim por diante.¹ Depois, procedemos à digitação e numeração dos textos de acordo com os agrupamentos feitos anteriormente. Usamos a letra T para designar texto e o número cardinal para numerá-los (T1, T2...), facilitando, assim, uma busca futura. Distribuímos o *corpus* em dois anexos: no anexo 1, estão os textos da *Folha de São Paulo* e, no anexo 2, os textos da revista *Veja*.

Depois de realizada a coleta, o agrupamento dos textos, a digitação e a numeração, procedemos à análise das ocorrências, observando: o local em que a catáfora ocorria (título, subtítulo ou corpo do texto), quais elementos linguísticos foram usados cataforicamente e quais sinais de pontuação aparecem juntamente com a catáfora. Observamos também que a forma remissiva da catáfora pode ser um elemento linguístico, como um pronome, por exemplo, e também uma expressão nominal. Sendo a forma remissiva da catáfora uma expressão nominal, procedemos também à análise da configuração dessa expressão, ou seja, analisamos a constituição da expressão, observando o uso dos nomes-núcleo, dos modificadores e determinantes.

Verificamos que o recurso catafórico é muito utilizado em títulos de textos, especialmente nos textos da revista *Veja*. Essa constatação gerou várias considerações a respeito dos títulos. Por isso, buscamos respaldo teórico em Coracini (1988) e Guimarães (2006).

Para proceder à categorização das catáforas, elas foram classificadas em pronominal, nominal e associativa, de acordo com as formas remissivas atualizadas e com o modo como o referente textual se apresenta no texto, ou seja, se ele está explícito ou não. Observamos também se o referente é um nome comum, um nome próprio, uma expressão nominal, um período simples ou composto ou, ainda, um texto inteiro. Ainda em relação aos referentes textuais, procuramos categorizá-los, quanto à função textual que desempenham no texto.

Para conseguirmos quantificar as ocorrências e relacioná-las entre si, usamos o pacote Varbrul, que pareceu-nos o mais apropriado, para atingir nossos objetivos. A seguir, elencamos os grupos de fatores utilizados na análise:

Variável dependente:

1- pronome

¹ Esclarecemos que todas as ocorrências catafóricas encontradas nos textos que compõem o *corpus* foram analisadas, ou seja, mesmo quando os textos apresentaram mais de uma catáfora, nenhuma foi ignorada.

0- não pronome

Grupo 1: quanto à forma

a- pronome pessoal

b- demonstrativo

B- demonstrativo + aqui

c- indefinido

d- advérbio

e- numeral

f- nome comum

g- nome próprio

h- período simples

i- período composto

j- texto inteiro

k- expressão nominal

K- expressão nominal com nome elidido

/ - não se aplica

Grupo 2: quanto à função

l- especificar por nomeação

m- especificar por denominação

n- especificar por nomeação com predicação

o- especificar por denominação com predicação

p- explicar

q- esclarecer

r- enumerar

s- exemplificar

t- reformular

u- questionar

v- citar

w- parafrasear

x- transcrever

/ - não se aplica

Grupo 3: fonte do texto

1- Jornal *Folha de São Paulo*

2- Revista *Veja*

Grupo 4: localização da catáfora

- 3- no título
- 4- no subtítulo
- 5- no corpo do texto

Grupo 5: tipo de catáfora

- 6- pronominal
- 7- nominal
- 8- associativa

Grupo 6: elementos da coesão

- 9- forma remissiva
- A- referente textual

Com o referido programa, pudemos observar a frequência de ocorrência das diversas categorias de formas remissivas das catáforas e dos referentes textuais. Observamos também a frequência de ocorrência das funções textuais dos referentes, de cada tipo de catáfora, do local de ocorrência (título, subtítulo ou corpo do texto) e da fonte de pesquisa (*Folha de São Paulo* e Revista *Veja*). Com a análise e cruzamentos de alguns fatores, obtivemos os resultados que apresentamos no capítulo destinado à análise.

CAPÍTULO 2: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

“é essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais.”

(MARCUSCHI, 2009, p.80)

2.1. A Linguística Textual

A Linguística Textual, área de pesquisa na qual se inscreve este trabalho, desenvolveu-se a partir da década de 60, na Europa, e, no final da década de 70, no Brasil, quando o objeto de investigação deixou de ser a palavra ou frase e passou a ser o texto, já que os textos são “a forma específica de manifestação da linguagem”, conforme (FÁVERO & KOCH, 2002, p. 11.)

No Brasil, na década de 80, segundo Koch (1999), os aspectos mais enfatizados nos estudos textuais foram os critérios ou padrões de textualidade, principalmente a coesão textual sob a perspectiva de Halliday & Hasan (1976), de Beaugrande & Dressler (1981) em relação aos fatores de textualidade, principalmente os de coerência, e a inspirada nos estudos da escola funcionalista de Praga, quanto às questões de progressão temática. Em relação ao emprego dos tempos verbais, os trabalhos fundamentaram-se na teoria de Harald Weinrich (1964, 1968, 1971), tomando-se sua obra como base principal.

Koch (1999) afirma que em relação aos tipos de textos, Van Dijk com o conceito de superestrutura aplicado à descrição de vários tipos de textos, com o conceito de macroestrutura e com a descrição das estratégias de sumarização foi a influência mais forte.

A fase seguinte dos estudos textuais no Brasil iniciou-se com a publicação de obras específicas relacionadas à coesão e à coerência. Destacam-se autores como Koch (1989), Koch & Travaglia (1989, 1990), Fávero (1991) e Costa Val (1991), que tomaram como base autores como Meyer-Hermann (1976), Kallmeyer (1974) e Charolles (1987).

De acordo com Koch (1999), a partir dos primeiros anos da década de 90, começou a ser desenvolvida uma inclinação para a adoção de uma perspectiva sócio-interacional no tratamento da linguagem e “para o estudo dos processos e estratégias sócio-cognitivos envolvidos no processamento textual”, (KOCH, 1999, p. 171). Os autores que se destacaram foram: Geraldi (1991), Koch (1992) e Marcuschi (1984, 1993, 1994).

Como podemos perceber, muitas mudanças ocorreram desde o início dos estudos da Linguística do Texto. Bentes (2001) afirma que essas mudanças foram em relação às concepções de língua, de texto e em relação aos objetivos a serem atingidos. Isso fez com que a Linguística do Texto passasse a ser compreendida como um discurso interdisciplinar, já que passou a abranger diferentes perspectivas e interesses.

Como o objeto de estudo da Linguística Textual é o texto, transcrevemos abaixo o conceito que adotamos, de Bernárdez (1982), que leva em conta um conjunto de fatores, principalmente o caráter comunicativo, pragmático (intenção do falante, situação) e estruturado do texto. Para esse linguista,

Texto es la unidad lingüística comunicativa fundamental, producto de la actividad verbal humana, que posee siempre carácter social; está caracterizado por su cierre semántico y comunicativo, así como por su coherencia profunda y superficial, debida a la intención (comunicativa) del hablante de crear un texto íntegro, y a sua estructuración mediante dos conjuntos de reglas: las propias del nivel textual y las del sistema de la lengua.² (BERNÁRDEZ 1982, p. 85)

Atualmente, questões relacionadas à tipologia textual, principalmente com base em obras como as de Adam (1990, 1992) e estudos referentes aos gêneros textuais também têm se destacado e sido, frequentemente, objetos de pesquisa nesse ramo da ciência da linguagem. Destacamos, entre outros, os trabalhos de Luiz Carlos Travaglia (UFU/MG), Sueli Cristina Marquesi (PUC/SP), José Luiz Meurer (UFSC), Marcuschi (UFPE), dentre outros.

Além das pesquisas relacionadas à tipologia e gêneros textuais, ressaltamos que, como afirma Koch (1999), desde a metade da década de 90, os estudos relacionados à referenciação, que é nosso objeto de estudo neste trabalho, voltaram à tona e têm sido muito enfatizados.

2.2 Da referência à referenciação

Os estudos relacionados à referência tiveram início em 1976, com a obra *Cohesion in English*, de Halliday & Hasan (1976), que já falavam em referência, ao discutirem os elos coesivos. Eles distinguiram cinco tipos diferentes de coesão textual e entre eles está a **referência**, que eles classificaram como **situacional** (exofórica, extratextual) ou **textual**

² Texto é a unidade linguística comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana, que possui sempre caráter social; está caracterizado por seu cunho semântico e comunicativo, assim como por sua coerência profunda e superficial, devido à intenção (comunicativa) do falante de criar um texto coeso, e a sua estruturação mediante dois conjuntos de regras: as próprias do nível textual e as do sistema da língua.

(endofórica). Há referência exofórica, quando o referente se situa no contexto situacional; e endofórica, quando o referente está registrado no texto. Quando a referência é endofórica, o referente pode aparecer depois da forma remissiva (catáfora) ou antes (anáfora). A referência ainda pode ser, segundo os autores, pessoal, demonstrativa e comparativa, de acordo com os elementos coesivos utilizados (pronomes pessoais, demonstrativos, adjetivos e advérbios). Além da referência, os outros mecanismos de coesão são a substituição (colocação de um item no lugar de outro ou de uma oração inteira), a elipse (omissão de um item lexical recuperável pelo contexto), a conjunção ou conexão (os elementos conjuntivos são coesivos em virtude das relações específicas que estabelecem entre as orações dentro do período, entre os períodos dentro do parágrafo, entre os parágrafos no interior do texto) e a coesão lexical, (obtida por meio da reiteração de itens lexicais idênticos, de termos sinônimos ou de palavras afins, que pertençam ao mesmo campo lexical do antecedente).

Embora Halliday & Hasan tenham sido criticados posteriormente por alguns estudiosos, pela divisão feita entre referência/substituição, não podemos negar que o trabalho deles foi importantíssimo, pois foi a partir daí que os estudos sobre coesão, especialmente a referência, desenvolveram-se e pudemos chegar às atuais pesquisas sobre a referenciação.

Muitos outros autores estudaram este mecanismo de coesão, a referência. E a partir desses estudos, surgiram novas abordagens sobre a questão. Nos atuais estudos, fala-se em referenciação, já que ela é vista como um processo e os objetos de discurso são construídos na interação. Como exemplos de pesquisadores que trabalham nessa perspectiva, podemos citar: Denis Apothéloz (2003), Milner (2003), Mondada e Dubois (2003), que têm explorado a referenciação e dos quais adotamos a base teórica para esse trabalho.

Mondada (2005) explica que

a questão da referência atravessa a filosofia da linguagem e a Linguística, assumindo formas teóricas diferenciadas: para uns, a referência é concebida no interior de um modelo de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo, de modo que a validade das primeiras é avaliada em um quadro vericondicional; para outros, a referência é resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos. (MONDADA, 2005, p.11)

Mondada explica que a primeira posição apoia-se numa longa tradição filosófica e lógica, já a segunda teoria origina-se em reflexões provenientes das ciências humanas e sociais, que se beneficiaram de aportes de outras correntes teóricas, da abertura

contemporânea da Linguística aos dados empíricos, recolhidos em terrenos autênticos, muito distantes dos dados de gabinete fornecidos aos linguistas pela sua introspecção.

Essa pesquisadora esclarece ainda que há, hoje, uma multiplicidade de quadros teóricos diferentes disponíveis para se apreender a referência, que não é mais considerada um problema estritamente linguístico, “mas um fenômeno que concerne simultaneamente à cognição e aos usos da linguagem em contexto e em sociedade” (MONDADA, 2005, p.12).

Para ela, de um lado estão

as abordagens cognitivas que remetem a gestão das atividades de referenciação a saberes compartilhados dos quais dependem as escolhas das expressões referenciais adequadas, isto é, a estados cognitivos que caracterizam o locutor e o interlocutor e a maneira pela qual são apreendidos pelo primeiro e, portanto, podem centrar-se quer no sujeito, quer no estabelecimento de uma intersubjetividade. (MONDADA, 2005, p.12).

Do outro lado, a alternativa às abordagens cognitivas é constituída pelas abordagens interacionistas, centradas muito mais no que é publicamente manifestado pelos participantes do que em processos mentais internos aos sujeitos. Nessa perspectiva, as práticas referenciais manifestadas na interação social são objetos de análise – práticas languageiras, mas também gestuais, movimentos no espaço, orientação do olhar; isto é, ‘os referentes’ que visados por estas práticas, não são tratados como preexistindo a elas, mas como instaurados na realização e no desenrolar da atividade referencial, pela maneira como esta é reconhecidamente organizada” (MONDADA, 2005, p.12).

Mondada afirma que a análise dos recursos formais utilizados nas atividades referenciais depende das opções esboçadas: as escolhas formais podem ser reflexos das propriedades do referente, manifestação de estados mentais ou exploração de recursos para o estabelecimento de um acordo subjetivo ou de um alinhamento, tornando visível e presente um referente que é tratado como um objeto-de-discurso e não como um objeto do mundo.

Para Mondada e Dubois (2003), já que os referentes são objetos-de-discurso, pois são construídos na interação, não se pode considerar a língua como sistema de etiquetas, ou seja, é utópica a perspectiva que considera haver uma cartografia perfeita entre as palavras e as coisas. Nessa perspectiva, os objetos são vistos como estáveis e dados *a*

priori e como tendo propriedades essenciais que são mantidas mesmo quando o objeto evolui perceptualmente ao sofrer transformações materiais.

A título de exemplificação dessa “não-cartografia” perfeita entre palavras e coisas apresentamos um trecho extraído da crônica Criado-mudo, de Mário Prata (CORTEZ, 2003, p. 109):

Tudo começou quando resolvi mudar do décimo para o quarto andar, aqui mesmo neste edifício da alameda Franca. Um carrinho de supermercado seria suficiente. Queria fazer lá embaixo um lar, já que isso aqui virou um vício. E, como todo vício, tesão.

Lá no quarto andar tem quatro apartamentos.

Eu não conhecia ainda os vizinhos quando o fato se deu. Passei o dia levando coisas lá para baixo. Há dois dias faço isso ajudado pela Cristina.

Uma das últimas viagens e lá ia eu – com a Cris ao lado – descendo pelo elevador. Carregávamos o criado-mudo. **O criado-mudo tem uma gavetinha.**

O referente introduzido aqui é o *criado-mudo* e, em seguida, meronimicamente, *a gavetinha*. Se buscarmos em um dicionário o significado para gaveta, teremos:

f.1. Caixa sem tampa, corrediça, que se introduz, como parte integrante, em mesa, em prateleira, cômoda, etc.

Quando o narrador continua contando o fato que lhe aconteceu, o referente, “a gavetinha”, toma novas formas de retomada. Vejamos a continuação da transcrição:

Quando a porta se abriu, tinham duas famílias esperando. Meus vizinhos, pai, mãe, crianças e até uma avó. Foi quando eu estendi o braço para me apresentar como o novo vizinho que tudo aconteceu. E foi muito rápido. Muito.

Quando eu tirei a mão do movelzinho para cumprimentar aqueles que agora são meus vizinhos, **a gavetinha** deslizou. Eu ainda tentei uma gingada com o corpo para ver se evitava a catástrofe, mas não adiantou. **A filha da puta** estava indo para o chão, lisa como o quiabo.

Estava indo para o chão com tudo dentro. E não existe nada mais indiscreto do que **uma gavetinha de criado-mudo de um homem que mora sozinho**. Ou mesmo que não more. **Ali** você vai jogando coisinhas, papéis. Coisas, enfim. Coisas que só têm um destino na vida: **a gavetinha do criado-mudo**.

Entre **a danada** escapar do móvel e esparramar tudo pelo chão não devem ter sido nem dois segundos. Mas estes dois segundos foram sofridos. Neste pedacinho de tempo, tentei, em vão, me lembrar do que era que tinha lá dentro e, conseqüentemente, toda a vizinhança ia ver. Além da Cristina.

Não deu outra. **A gaveta** caiu de quina e tudo voou de cabeça pra cima, tudo querendo se mostrar. Ar livre. Há quanto tempo aquilo tudo não via luz do dia, já que ficavam debaixo do abajur lilás? [...]

Como podemos observar, não encontraremos em nenhum dicionário as formas que são utilizadas pelo narrador para se referir à gaveta, como sinônimos para gavetas (danada, filha da puta...), exceto as que estão no diminutivo.

Por essa razão, concordamos com Mondada e Dubois (2003), ao afirmarem que:

não se pode mais, a partir de agora, considerar nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida *a priori* “no mundo”, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra adequada dentro de um estoque lexical. Ao contrário, o processo de produção das seqüências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto. (MONDADA; DUBOIS 2003, p.33)

Cunha Lima (2004), ao estudar a referenciação, a partir da perspectiva teórica adotada por Mondada e Dubois, também afirmou que os referentes não se apresentam naturalmente no mundo, com nomes-etiquetas virtuais afixados a eles. Para designá-los e introduzi-los no discurso, é necessário que o produtor do texto faça escolhas, implicando tratamentos da realidade e trabalhos com o mundo. A autora lembrou, ainda, que essas escolhas são motivadas e sancionadas na interação e que, por isso, não devemos falar em referência, mas em referenciação, “um processo pelo qual os indivíduos, numa prática discursiva, social, histórica e contextualmente situadas, negociam sentidos e constroem objetos de discurso que põem em relevo determinados aspectos da realidade” (CUNHA LIMA, 2004, p.59).

Nesse sentido, é interessante observar como o produtor do texto escolhe, interpreta e apresenta a seu interlocutor os objetos de discurso de que fala, o que prova que a língua não opera mesmo em “estado de dicionário”. Para Koch e Marcuschi (1998 apud CUNHA LIMA, 2004, p. 52),

a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável, e socialmente constituída, não servindo como mero instrumento de espelhamento da realidade. Em conseqüência, será essencial postular o princípio da indeterminação em todos os níveis. A língua não é o limite da realidade, nem o inverso. Língua é trabalho cognitivo e atividade social que supõe negociação. Não pode ser identificada com instrumentos prontos para usos diversos.

Assim, para Mondada e Dubois (2003), as categorias e os objetos de discursos pelos quais os sujeitos compreendem o mundo se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Daí, a importância de reconhecermos a instabilidade constitutiva que marca as categorias e objetos de discursos.

Segundo as autoras, essa instabilidade pode ser observada por meio das operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação. Porém, há também,

práticas que exercem um efeito estabilizador observável, por exemplo, na sedimentação das categorias em protótipos e em estereótipos, nos procedimentos para fixar a referência no discurso, ou no recurso às técnicas de inscrição como a escrita ou as

visualizações que permitem manter e “solidificar” categorias e objetos de discurso.
(MONDADA; DUBOIS, 2003, p.17)

Essas autoras contestam a concepção do saber e do discurso como uma representação adequada da realidade e da linguagem com poder referencial, fundado ou legitimado por uma ligação direta entre as palavras e as coisas. Questionam também os próprios processos de discretização, assim como a estabilidade constitutiva das categorias linguísticas e cognitivas e seus processos de estabilização, pois levam em conta um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo.

Veem, portanto, a necessidade de se deslocar a atenção do problema das entidades da língua, do mundo ou da cognição para a análise dos processos que a constituem, assegurando às entidades evidência e estabilidade. Elas afirmam que o problema, então, não é mais o de se perguntar como é transmitida a informação ou como são representados os estados do mundo, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturaram e dão sentido ao mundo.

Também para Rastier, a referenciação não se refere a uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, ela diz respeito a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado, práticas que são imputáveis “a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, modificações, ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (RASTIER 1994 apud MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Mondada e Dubois (2003), questionando os processos de discretização e estabilização, levam em conta um sujeito sócio-cognitivo que atua indiretamente entre os discursos e o mundo, não somente o sujeito “encarnado”, e se propõem a reintroduzir explicitamente atores situados que discretizam a língua e o mundo, dando sentido a eles, ao constituírem individual e socialmente as entidades.

Dado que as abordagens linguísticas e psicológicas, como explicam Mondada e Dubois (2003), estão estreitamente imbricadas, pois são concernentes às práticas e aos discursos e que o fundamento comum dessas abordagens é a importância dada à dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, responsável pela ilusão de um mundo objetivo “pronto” para ser percebido cognitivamente pelos indivíduos racionais, pode se falar em referenciação e não em referência, visto que os objetos são construídos na interação.

Como podemos observar, o que marca atualmente os estudos sobre referenciação é seu aspecto dinâmico, já que essa deve ser tomada como um processo, como construção dos objetos de discurso, que são introduzidos, modificados e mantidos no discurso, no decurso da

interação. Além disso, a ideia de língua como sistema de etiquetas deve ser descartada, pois o léxico é trabalhado no discurso e as categorias podem ser construídas e transformadas.

2.3 A Catáfora

Iniciamos este item afirmando, segundo Halliday & Hasan, que as relações coesivas de um texto são importantes para promover textura e que “a coesão é afetada não apenas pela presença do referente, mas pela relação estabelecida entre esse referente e a forma remissiva.” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p.2). Ou seja, a interpretação de um elemento do texto é dependente de outro, um pressupõe o outro no sentido que sua decodificação só é alcançada a partir dele.

Nesse sentido, se o referente vier após a forma remissiva, haverá o que os autores denominam de catáfora. Geralmente quando há catáfora, essa é assinalada na escrita com dois pontos – sinal de pontuação que objetiva unir duas partes da sentença em uma.

O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) traz para a palavra catáfora, em relação aos estudos linguísticos, as seguintes informações:

Catáfora *s. f.* 1 GRAM LING uso de um termo ou locução ao final de uma frase para especificar o sentido de outro termo ou locução anteriormente expresso (p. ex.: *A noite resumiu-se nisto: comer, beber e conversar*) [No texto, tem função catafórica ger. o que se segue a uma pergunta, e tb. expressões como, p. ex., *isto é, ou seja, a saber* etc., e, na escrita, o que vem após os dois-pontos.] [...] ETIM. gr.*kataphorá*, *âs* ‘ato de lançar de cima para baixo, donde queda, descida; ... prov. pelo lat. tar. *cataphora*; o voc. é us. em LING em contraste com *anáfora* e o emprego advém de noções como ‘levar adiante, para frente’; cp. ing. *cataphora* (1976) LING ‘id’, form. de *cata* + (ana)*phora*; ver *cata-* e *-fora*. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.649)

Como podemos perceber, essa definição de catáfora não corresponde à definição por nós adotada, visto que ela apresenta vários equívocos, principalmente no que diz respeito a determinar o local da frase em que ocorre a catáfora e até ao que é chamado de catáfora. O que o referido dicionário chamou de catáfora (*comer, beber e conversar*), chamamos de referente textual e chamamos de forma remissiva o elemento catafórico que nos remete ao referente textual, ou seja, a forma remissiva do exemplo citado pelo dicionário é o pronome *nisto* (em + isto).

A noção de forma remissiva ou elemento catafórico (também chamada de item coesivo ou forma referencial por alguns estudiosos), diz respeito ao fato de um elemento linguístico (pronome ou expressão) remeter a outro.

Portanto, a catáfora é um tipo de referência endofórica, ou seja, um tipo de referência interna ao texto, em que o referente é designado ou inferível depois da atualização da forma remissiva, fazendo com que o leitor, na procura por esse referente, dirija sua atenção para a continuidade do texto.

Percebemos que em dicionários e gramáticas, os autores, ao falarem da catáfora, limitam-se a dizer que a referência é endofórica e que o referente vem após o item coesivo. Abaixo seguem dois exemplos dessas abordagens:

- (1) *Cumpri todas as promessas, menos esta: a de praticar atividades físicas durante as férias.* (exemplo construído)
- (2) *Só lhe posso dizer isto: neste mundo nada somos.*

Nesses exemplos, os pronomes demonstrativos *esta* e *isto* estão sendo usados cataforicamente, visto que se referem ao que vem a seguir (a promessa de praticar atividades físicas durante as férias e a afirmação de que neste mundo nada somos).

O uso catafórico dos pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto* é bastante comum, principalmente, porque algumas gramáticas tradicionais recomendam o uso desses pronomes para se referir ao que se vai dizer.

Essas mesmas gramáticas recomendam em relação ao que já mencionamos anteriormente no texto, o uso dos pronomes *esse(s)*, *essa(s)* e *isso*. Vejamos:

- (3) *Canetas, lápis e gizos: foram essas as mercadorias que chegaram.*
- (4) *Natação, equitação e vólibol [sic]: são essas as modalidades de esporte que aqui se praticam.*
- (5) *Fugir aos problemas? Isso não é de meu feitio.*³

Com esta pesquisa, verificamos que não somente os pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto* são usados cataforicamente, ou seja, os pronomes *esse(s)*, *essa(s)* e *isso* e até *aquele(s)*, *aquela(s)* e *aquilo* podem também ser usados como catafóricos, o que mostra que os falantes, mesmo na escrita com registro formal, nem sempre atendem às recomendações da gramática normativa.

Uma das exceções em relação à recomendação de uso dos pronomes demonstrativos é a do gramático Evanildo Bechara que afirma: “no discurso, quando o falante deseja fazer

³ Os exemplos 2, 3, 4 e 5 foram extraídos de SACCONI, L.A. **Gramática Essencial Ilustrada**, 18. ed. São Paulo: Atual, 1999. p. 174 - 175.

menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões)” (BECHARA 2006, p. 158) e exemplifica:

Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda.” [CBr]
“Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.e.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade, pela angústia da filha de Agame-não, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.
_Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.e.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine. [CBr] (BECHARA 2006, p. 158)

Em relação à noção de espaço dos demonstrativos referidos, Bechara afirma que “estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação” (BECHARA 2006, p. 157). Por isso, segundo ele, há exemplos de bons escritores que contrariam os princípios examinados.

Diferentemente de outros gramáticos, este estudioso reconhece que há situações embaraçosas em relação ao emprego do demonstrativo anafórico ou catafórico. Ele comenta alguns casos como, por exemplo, o que ocorre “nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1ª pessoa ou ao tempo em que se fala” (BECHARA, 2006, p.159). Segundo ele, nestas situações, prevalece, em geral, a preferência para nossas próprias palavras, ou seja, aparece, assim, o pronome *este* (e flexões) em lugar de *esse* (e flexões).

Continuando nossas reflexões sobre a catáfora, examinemos um trecho extraído de uma matéria publicada na Revista Veja de 27/10/1999:

(6) Onde tudo começou

Descobertas arqueológicas revelam a
importância da civilização egípcia para
o Ocidente e a egiptomania volta à moda
Eliana Simonetti

O pronome indefinido *tudo* do título do texto é um elemento catafórico, tendo em vista que só saberemos a que ele se refere (o que é que começou) se dermos continuidade à leitura do texto, ou seja, parece-nos que é uma forma de *encapsulamento* do todo que vai ser narrado a seguir.

Para Cavalcante (2003 apud CUNHA LIMA, 2004, p. 91), o vocábulo encapsular “consiste em resumir proposições, empacotando-as numa expressão referencial [...]”. Essa autora, ao falar do encapsulamento, refere-se à anáfora. Pensamos, porém, que tal termo pode servir também aos estudos da catáfora, visto que o referente não está localizado em apenas

um item lexical ou elemento linguístico, mas no todo que será narrado. É isso que ocorre no exemplo 6, com o pronome indefinido *tudo*. Parece-nos que com esse pronome faz-se um encapsulamento de todas as informações que aparecerão na parte subsequente do texto.

O uso catafórico parece ser bastante comum em títulos de matérias jornalísticas, em títulos de livros, sinopses de filmes e em algumas narrativas. Ao folhearmos um jornal, por exemplo, é comum encontrarmos títulos (manchetes) como a apresentada a seguir:

(7) *Olha ele aí*

*Quando cheguei ao Palácio do Planalto, o famoso **Dragão da Inflação** estava no gabinete presidencial, refeitado na larga cadeira de couro vermelho, com “olhos de tigre e corpo de serpente”.* (grifo nosso) (T5 – Anexo I)

Esse fragmento é parte de texto publicado na coluna dos editoriais, gêneros da ordem do argumentar, de acordo com a proposta de agrupamentos de Schneuwly & Dolz (2004). Ao lermos a manchete, não podemos nem imaginar a que esse “ele” está se referindo, podendo ser um objeto, um animal ou uma pessoa do sexo masculino. É preciso ler todo o texto ou parte dele, para entendermos o sentido do “ele”. No texto em questão, cujo autor é José Sarney, o pronome pessoal do caso reto, *ele*, refere-se, na verdade, *ao famoso dragão da Inflação*.

Ressaltamos que Milner (2003, p.111), ao refletir sobre a referência e correferência, especialmente no que diz respeito à anáfora, fala da referência real e da referência virtual. Ele afirma que as unidades dotadas de referência real são de dois tipos:

de um lado, os grupos nominais constituídos de unidades lexicais; de outro, os pronomes. Os primeiros, pelo simples fato de conterem unidades lexicais particulares, têm uma referência virtual própria, composta, podendo ser seguida de modos diversos, das referências virtuais de cada unidade lexical particular. Os segundos, pondo de lado os pronomes de diálogo, ligados à enunciação, não têm referência virtual própria. Eles são, todavia, dotados de uma referência real: a única dificuldade é que, por si mesmo, eles não permitem determinar a que condições deve responder um segmento da realidade para constituir essa referência real.

Essa citação reforça a análise do exemplo (7), visto que o pronome “ele” tomado isoladamente carece de referência virtual; tem referência real, mas é indeterminável se levarmos em conta somente o título do texto.

Reproduzimos, abaixo, para exemplificação, o primeiro parágrafo de outro texto também publicado na página dos editoriais da Folha de São Paulo de 09/04/2008, cujo título é *Chacrinha a bordo*, de Ruy Castro:

(8) RIO DE JANEIRO – Pronto. As operadoras venceram e eles, finalmente, chegaram ao último reduto: o interior dos aviões. Refiro-me aos **telefones celulares**. Os jornais deram ontem: o uso dos celulares foi liberado durante os vôos no espaço aéreo europeu. Com isso, podemos apostar que, em breve, a novidade se estenderá também ao nosso lindo céu azul. (grifo nosso)

Nesse exemplo, mais uma vez, o pronome pessoal “eles” é atualizado no início do texto, sem menção prévia de um antecedente. É preciso, portanto, continuar a leitura para sabermos de quem ou de que o autor está falando. Descobrimos, então, que se trata dos telefones celulares. Entendemos que a catáfora, nessa situação, tem um objetivo a mais do que apenas referenciar, como já dissemos anteriormente, pois se o autor do texto, ao invés de usar “eles”, usasse os *telefones celulares*, teria um outro efeito. Pensamos que esse uso é proposital, um recurso linguístico para prender a atenção do leitor, fazer com que ele leia o texto, mesmo que seja por curiosidade.

Bentes (2001), ao discutir o uso do pronome *eles* em situação semelhante, afirma que o locutor inicia o texto com uma estratégia de suspense. No título do texto analisado pela pesquisadora, *Quem são eles*, o locutor anuncia que falará sobre algumas pessoas, mas não as identifica de imediato. Assim, o pronome “eles” é mobilizado para iniciar a construção do referente textual.

No texto, *Chacrinha a bordo*, o locutor também mobiliza o pronome *eles*, não no título, mas na primeira oração do texto. Assim como Bentes, cremos que, ao usar uma estratégia diferente para iniciar o texto, ou seja, não introduzindo o referente textual por meio de expressões nominais definidas (os telefones celulares), o editorialista está utilizando o recurso da pronominalização como uma estratégia diferente para prender a atenção do leitor, uma forma de fazer suspense. Concordamos com Bentes quando ela afirma que esse mecanismo de coesão referencial não é utilizado ingenuamente, “está a serviço dos objetivos do locutor no momento da produção de seu texto” (BENTES 2001, p. 279).

2.3.1 Tipos de catáfora

Observando as formas remissivas e os referentes textuais da catáfora em nosso *corpus*, verificamos que a referenciação catafórica pode ser de três tipos: pronominal, nominal e associativa.

2.3.1.1 A catáfora pronominal

De acordo com Koch (2006), a referenciação pode ser realizada por meio de formas gramaticais (pronomes, numerais, advérbios) que exercem a “função pronome”, operação essa descrita pela linguística como pronominalização.

Partindo dos estudos sobre a pronominalização, classificamos como **catáfora pronominal** o tipo de catáfora em que as formas remissivas são pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos, advérbios e numerais e o referente textual está explícito no cotexto. Nesse tipo de catáfora, o elemento catafórico (ou forma remissiva) é uma forma gramatical com função de pronome, ou seja, está no lugar do nome. A seguir, exemplificamos com um texto do nosso *corpus*:

(9) *Ela voltou. **Carla Dualib**, que cuidava do marketing corintiano, almoçou nesta semana com Márcio Braga. Foi saber dos projetos do Flamengo e se colocou à disposição do presidente para ajudar.* (T10 – Anexo I)

Nesse exemplo, temos o pronome pessoal *ela* usado cataforicamente. Com a leitura do texto, verificamos que o referente textual, ao qual se refere o elemento catafórico é *Carla Dualib*. Como o elemento catafórico é um pronome, chamamos esse tipo de catáfora de **catáfora pronominal**.

2.3.1.2 A catáfora nominal

Classificamos como catáfora nominal o tipo de catáfora em que a forma remissiva é uma expressão nominal e o referente textual está explícito no cotexto.

Por expressões nominais, entendemos os grupos nominais, as descrições nominais ou as formas nominais. Koch e Elias (2010) afirmam que são expressões nominais aquelas “expressões que constam de um núcleo nominal (substantivo), acompanhado ou não de determinantes (artigos, pronomes adjetivos, numerais) e modificadores (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas)” (KOCH; ELIAS, 2010, p.147). Essas autoras classificam as expressões nominais em definidas ou indefinidas. São definidas, quando constituídas de um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo) seguidas de um nome, e são indefinidas, quando introduzidas pelo artigo indefinido. Vejamos os exemplos abaixo:

(10) [...] Também foi sob responsabilidade da Rússia que milícias de ossetas se lançaram à milenar prática da vingança contra os odiados vizinhos georgianos – Simon Sebag Montefiore, autor de uma biografia do mais notório dos georgianos. Stalin, conta que na fase pós-soviética o conflito no Cáucaso foi retomado por agricultores usando tratores “transformados” em tanques. Da ação das forças irregulares redundaram, os maiores abusos: **saques, vilarejos incendiados e mortes**. Quantas? Até a semana passada, a Geórgia havia informado oficialmente 213, entre militares e civis. (T61 – Anexo II)

(11) [...] Em 2006, Booker ganhou, com mais de 70% dos votos. Está no meio do mandato e já tem um sucesso vistoso: **reduziu drasticamente a taxa de crimes violentos**. Booker faz parte da primeira geração de políticos negros que era jovem demais – ou nem nascida – para ter participado da luta contra o racismo nos anos 60. [...] (T66 – Anexo II)

No exemplo 10, a expressão nominal catafórica é definida, visto que é constituída pelo artigo definido *os* + o adjetivo *maiores* + o nome *abusos*. Já no exemplo 11, temos uma expressão nominal catafórica indefinida composta pelo artigo indefinido *um* + o nome *sucesso* + o adjetivo *vistoso*.

Ressaltamos que, na referenciação catafórica, as expressões nominais podem aparecer tanto como referentes textuais, quanto como formas remissivas. Porém, chamamos de catáfora nominal apenas o tipo de catáfora em que a forma remissiva é uma expressão nominal. O núcleo dessa expressão é um nome ou um vocábulo de outra classe gramatical ocupando a função de núcleo. Nesse caso, é entendido como um nome.

Vejamos outro exemplo do nosso *corpus* em que ocorre catáfora nominal:

(12) “Casa da Mãe Joana”, que estréia no dia 19 deste mês, tem um argumento delicioso: **conta a história de quatro malandros à moda antiga que fazem de tudo para não perder seu apartamento querido**. O filme de Hugo Carvana tem José Wilker, Antônio Pedro, Paulo Betti e Pedro Cardoso como os mosqueteiros da malandragem, mas não perderia em graça se fosse protagonizado pelos personagens que deram origem ao filme. Isso mesmo: “Casa” é baseado numa república da alegria real e que tinha como personagens o próprio Carvana e mais seus amigos Daniel Filho, Luís Carlos Miéle e Roberto Maya, que dividiram um apartamento em um “passado remoto”, como brinca o diretor. (T111 – Anexo I)

Neste exemplo, a expressão **um argumento delicioso** é o elemento catafórico a partir do qual o leitor irá relacionar um referente textual. Esse referente, por sua vez, aparecerá na sequência do texto, em que se explicita que argumento delicioso é esse. No caso do exemplo em questão, o tal argumento é a história de quatro malandros que fazem de tudo para não perder seu apartamento. A constituição do elemento catafórico nominal é importante, visto que o fato de o mesmo ser formado por um determinante (artigo) + nome + modificador (adjetivo) faz com que a apresentação do referente seja antecipadamente prevista. Ou seja, algo *delicioso* é algo extremamente agradável, excelente, perfeito, encantador. Portanto, o uso do adjetivo na forma remissiva catafórica pode ter valor argumentativo, pois além de classificar o que será dito como algo positivo ou negativo, ainda desperta a curiosidade do leitor. Nesse exemplo, o uso do adjetivo *delicioso* é fundamental para que vejamos o argumento do filme como algo bom.

Além disso, podemos perceber que assim como a escolha do nome-núcleo da expressão nominal catafórica é relevante para o processamento textual, o uso de modificadores e/ ou determinantes também têm um papel importante neste tipo de referenciação.

Koch afirma que “a seleção dos modificadores avaliativos é feita de acordo com a orientação argumentativa que se pretende dar ao texto” (KOCH, 2006, p. 98). No exemplo (12) analisado, vimos como o uso do adjetivo *delicioso* nos conduz à determinada opinião positiva em relação ao argumento do filme.

Observemos mais um exemplo, extraído do nosso *corpus*, em que o uso de um modificador muito contribui para determinada conclusão:

(13) *Há, no entanto, uma diferença fundamental entre as novas vendinhas e as do passado: quem está no comando não são comerciantes amadores, mas os três líderes no varejo de alimentos do país: Carrefour, Pão de Açúcar e Wal-Mart.* (T64 – Anexo II)

Neste texto, o uso do modificador *fundamental* para falar da diferença que há entre as vendinhas do passado e as novas, é importante para ressaltar o valor que é dado a essa diferença. Não é uma diferença qualquer, é uma diferença fundamental, ou seja, quem está no comando das novas vendinhas são os três líderes no varejo de alimentos do país.

Como podemos perceber, por meio dos exemplos arrolados, o uso de uma expressão nominal catafórica sumarizando uma parte subsequente do texto é um recurso relevante para o processamento textual, não apenas em relação à progressão, mas também em relação à orientação argumentativa que se pretende dar ao texto. Assim, acreditamos que a configuração

das expressões nominais também deva ser analisada, já que determinantes e modificadores desempenham papel importante na apreensão do sentido do texto.

Para Koch (2006), as expressões referenciais definidas podem ter as seguintes configurações: a) Det. + Nome; b) Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es).

São considerados como determinantes artigos definidos e pronomes demonstrativos; e, como modificadores, adjetivos, sintagmas preposicionados e orações relativas. Em análise preliminar, verificamos que, nas cataforas, outras configurações podem aparecer, mas isso será explicitado no capítulo destinado à categorização e análise.

Em relação à descrição definida, Koch (2006) afirma que ela é caracterizada pela seleção operada pelo locutor, ou seja, o locutor seleciona dentre as várias “qualidades” que podem ser atribuídas a um referente, aquelas que são relevantes para seu projeto de dizer, naquela situação discursiva específica. Dentre os conhecimentos partilhados com o interlocutor, ocorre a ativação de características ou traços do referente que o locutor quer enfatizar.

Nesse sentido, ao selecionar o que quer enfatizar em relação ao referente, o produtor textual dá uma orientação argumentativa ao seu texto, pois utilizando uma expressão nominal como forma remissiva, na referência catafórica, ele pode rotular os referentes textuais prospectivamente.

Koch e Elias (2007) explicam que as nominalizações e rotulações ocorrem

quando se designa, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado expresso por uma proposição ou proposições precedentes ou subseqüentes no texto. A nominalização ou rotulação designa, portanto, o fenômeno pelo qual se transformam enunciados anteriores em objetos-de-discurso. (KOCH; ELIAS, 2007, p.131)

É bom ressaltar que as nominalizações e rotulações têm sido analisadas, na maioria das vezes, em construções anafóricas. Koch e Elias (2007), ao discutirem as rotulações nas anáforas, lembram que o encapsulamento (sumarização) pode ser em relação à informação difusa no cotexto precedente ou subsequente. Sendo assim, os rótulos podem ser **prospectivos** e **retrospectivos**. São retrospectivos quando rotulam informações precedentes, como no exemplo a seguir, extraído do nosso *corpus*⁴, em que a expressão nominal *a proposta dos ministros* rotula uma parte do cotexto anterior, a saber: o projeto do ministro Haddad, apoiado

⁴ Ressaltamos que apresentamos o exemplo de rótulo retrospectivo, ou seja, anafórico, apenas com o intuito de exemplificar, já que nosso interesse é pela ocorrência catafórica.

pelo ministro Carlos Lupi, que deixava parte dos recursos arrecadados para o governo, além de outras medidas. Vejamos:

(14) *Acordo bom para todos*

Empresários e governo selam consenso sobre o Sistema S

*Na semana passada, governo e entidades empresariais chegaram a um acordo para remodelar a aplicação dos recursos do sistema S – rede de treinamento profissional, recreação e cultura que congrega entidades como Sesi, Senac, Senai e Sesc. Mantido com a contribuição das empresas do comércio e da indústria, de 2,5% dos gastos com a folha de pagamento, esse sistema administra um valor estimado em 8 bilhões de reais ao ano. Os recursos são das empresas e sua administração é feita inteiramente pelo setor privado. É assim que tem funcionado há mais de sessenta anos, quando foi criado para suprir a necessidade de mão-de-obra treinada. Mas o ministro da Educação, Fernando Haddad, entrou em atrito com as confederações empresariais ao criticar a gestão atual desses recursos. Segundo Haddad, haveria falta de transparência nas contas. Além disso, a rede de ensino teria sido “elitizada”, porque a maior parte dos cursos é paga. Para além das críticas, **Haddad, com o apoio do ministro do Trabalho, Carlos Lupi, preparava um projeto que, entre outras medidas, deixava com o governo parte dos recursos arrecadados.***

A proposta dos ministros desagradou em cheio aos empresários e já prometia ser mais uma dor de cabeça para o presidente Lula – que, aliás, foi aluno do Senai, onde aprendeu a profissão de torneiro mecânico. [...]

Ganharam os trabalhadores, com mais oportunidades, e as empresas, que terão uma oferta maior de mão-de-obra qualificada.

(T9 – Anexo II)

Os rótulos prospectivos, por sua vez, sumarizam uma parte subsequente do texto, como no exemplo a seguir:

(15) *Tradicionalmente, esportes que não exigem tanto do corpo, como hipismo e tiro esportivo, são redutos de atletas “velhinhos”. O cavaleiro japonês Hiroshi Hoketsu, de 67 anos, ao participar de sua segunda Olimpíada depois de um hiato de 44 anos, será o mais velho dos Jogos de Pequim. Já o iatista americano John Dane III, de 58 anos, finalmente realizará um antigo sonho: **ele vai disputar uma Olimpíada pela primeira vez, na classe Star** – a mesma em que competem os brasileiros Bruno Prada e Robert Scheidt.* (T65 – Anexo II)

Nesse exemplo, temos um rótulo prospectivo, a expressão *um antigo sonho* que sumariza a informação subsequente do texto: ele vai disputar uma Olimpíada pela primeira

vez, na classe Star. Ou seja, o produtor do texto afirma que disputar uma Olimpíada na classe Star, é para o iatista americano John Dane III, a realização de um sonho antigo.

A escolha do nome-núcleo, assim como a dos determinantes e modificadores que compõem a expressão nominal também desempenham papel importante na construção do texto. Koch (2006), ao analisar os nomes-núcleo das formas nominais em relação aos aspectos semântico-pragmáticos, afirma que eles podem ser: genérico, metafórico, metonímico ou meronímico, introdutor clandestino de referentes, metadiscursivo e denominação reportada.

De acordo com nosso *corpus* de pesquisa, percebemos que na catáfora nominal, o nome-núcleo apresenta baixo grau de informatividade, visto que pode ser associado a um número quase ilimitado de referentes. Dada essa característica, esse tipo de catáfora encontra nos nomes genéricos, nos metadiscursivos e nos metafóricos sua maior ocorrência, pois tais nomes anunciam, sem precisar, um referente que aparecerá na continuidade do texto para, dessa forma, se fazer entendido.

a- nome núcleo genérico:

Koch (2006) afirma que nas nominalizações e nas rotulações de sequências textuais anteriores, o nome-núcleo, mesmo sendo genérico, é dotado de carga avaliativa. Apesar de a autora estar se referindo às formas nominais referenciais anafóricas, acreditamos que isso sirva também para o caso das catafóricas, como exemplificamos com o texto a seguir:

(16) *Da ação das forças irregulares redundaram, os maiores abusos: saques, vilarejos incendiados e mortes. Quantas? Até a semana passada, a Geórgia havia informado oficialmente 213, entre militares e civis.* (T61 – Anexo II)

Observemos que a expressão nominal *os maiores abusos* tem uma carga avaliativa e, por isso, conduz uma orientação argumentativa, pois apesar de o termo abuso ser genérico, ele dá ideia de algo ruim, exagerado, injusto, errado. Os saques, os incêndios nos vilarejos e as mortes são abusos, na opinião do produtor, aliás, são classificados como os maiores abusos.

Segundo a autora, as formas nominais referenciais são recursos coesivos produtivos na construção da textualidade e podem funcionar como anafóricas e como catafóricas. Quando essas expressões são catafóricas, geralmente, “o referente da expressão nominal é apresentado apenas de maneira vaga, inespecífica, de forma que, apenas depois de “rebatizado” lexicalmente, fica claro em que consiste verdadeiramente esse ‘objeto de discurso’” (KOCH, 2006, p.93).

b- nome-núcleo metafórico

Dizemos que o nome-núcleo da expressão nominal catafórica é metafórico, quando ao se sumarizar uma parte subsequente do texto, utiliza-se uma metáfora nessa expressão, como acontece no texto a seguir:

(17) *BRASÍLIA – Vencida a guerra da eleição, José Serra deveria enfrentar com igual ânimo uma outra batalha: **a greve da Polícia Civil**, que já dura mais de mês, pode piorar muito e se prolongar por um bom tempo, alastrar-se por pelo menos oito Estados e desabar no Congresso.*

(T106 – Anexo I)

Para o substantivo batalha, o dicionário Aurélio (1986) traz em uma de suas acepções: “Ato essencial da guerra, constituído por um conjunto de combates simultâneos ou sucessivos travados pelas diversas armas, e em que toma parte a totalidade ou a maioria das forças que atuam num teatro de operações” (FERREIRA, 1986, p. 239). Tal acepção, no entanto, não condiz com o sentido do texto, pois não se trata desse tipo de batalha. Na verdade, esse termo está sendo usado de maneira figurada. *Batalha*, nesse contexto, refere-se ao fato de o governador de São Paulo ter um trabalho árduo pela frente, ou seja, ele teria, à época da publicação do texto, 30/10/08, que resolver o problema da greve da Polícia Civil. É interessante notar também que, logo no início do parágrafo, o produtor do texto utiliza o termo *guerra*, que é do mesmo campo semântico que batalha, o que auxilia para o entendimento do sentido figurado da palavra.

c- nome-núcleo metadiscursivo

Nas expressões nominais catafóricas, o nome-núcleo pode ser classificado também como uma forma metadiscursiva ou metalinguística. Koch e Elias (2007) afirmam que quando o uso de expressões nominais permite realizar a categorização/ e ou avaliação da própria enunciação realizada, ocorre categorização metaenunciativa de um ato de enunciação.

Para essas autoras, “há rótulos que encapsulam o conteúdo de um segmento textual, nomeando-o como *fato, acontecimento, situação, cena, ato, evento etc.*” (KOCH; ELIAS, 2007, p.148). Outros rótulos, ao encapsularem conteúdos antecedentes ou subsequentes, podem:

-classificar como certo tipo de ação ou atitude (*declaração, advertência, promessa, reflexão, comentário, avaliação etc.*) o conteúdo produzido por alguém;

-nomear a entidade linguística (*frase, sentença, parágrafo*) por meio da qual o conteúdo foi realizado;

-constituir uma reflexão do produtor do texto sobre seu dizer ou sobre o dizer de outro. Nesse último caso, é comum o uso de aspas para designar distanciamento, não concordância, ironia.

Esses fenômenos são denominados categorização metaenunciativa. Segundo Francis (1994 apud Koch 2006, p. 96), entre as formas metalinguísticas ou metadiscursivas, podem-se mencionar: nomes ilocucionários (*ordem, promessa, conselho, advertência, afirmação, asserção, crítica, proposta, alegação, cumprimento etc.*), nomes de atividades “linguageiras” (*descrição, explicação, relato, esclarecimento, resumo, história, debate, exemplo, ilustração, definição, denominação etc.*), nomes de processos mentais (*análise, suposição, atitude, opinião, conceito, convicção, avaliação, constatação etc.*) e nomes metalinguísticos em sentido próprio (*frase, pergunta, questão, sentença, palavra, termo, parágrafo etc.*).

Em nosso *corpus* de pesquisa, observamos a ocorrência do nome-núcleo metadiscursivo, como no exemplo abaixo:

(18) *Se na seleção já tinha os três melhores jogadores de todos os tempos – Pelé, Mané Garrincha e Diego Maradona, nesta ordem na modesta opinião do escriba -, nela faltaram dois nomes indiscutíveis, que não estão no livro: o goleiro russo Lev Yashin, de 22 de outubro, para muitos o maior de todos os tempos, apelidado Aranha Negra; e, tão grave como, Mestre Didi, o Príncipe Etíope, eleito o melhor jogador da Copa de 1958, na Suécia, uma Copa que, veja bem, teve Yashin, Mané e Rei Pelé.*

[...]

O time, então, ficaria assim: Yashin; Augusto, Elias Figueroa, Darío Pereyra e Cabrini; Bob Charlton, Falcão, Didi e Diego Maradona; Mané Garrincha e Pelé.

Correções devidamente registradas, resta deixar uma opinião dessas definitivas e um desafio impossível de ser vencido: não há hipótese de alguém montar um time melhor do que esse;tente, se for capaz. (T109 – Anexo I)

Na primeira ocorrência de catáfora nominal, temos a expressão catafórica *dois nomes indiscutíveis*, sendo o nome-núcleo o termo *nomes*, que pode ser classificado como nome metalinguístico em sentido próprio.

Não podemos deixar de observar o quanto o modificador *indiscutíveis* é relevante nessa expressão. Algo indiscutível é algo sobre o que não se admite discussão, ou seja, é algo evidente, autêntico, incontestável. Assim, os nomes arrolados Lev Yashin e Mestre Didi são,

segundo Juca Kfoury, nomes que incontestavelmente deveriam ter sido listados na escalação do time alguns dias antes da publicação do seu texto, em 30/10/08.

Nesse mesmo texto, temos outra ocorrência de catáfora nominal: *uma opinião dessas definitivas e um desafio impossível de ser vencido*. Nessa expressão, temos dois nomes-núcleo, *opinião e desafio*, que também são metadiscursivos.

2.3.1.3 A catáfora associativa

Por catáfora associativa, entendemos um tipo particular de relação endofórica, em que no interior do texto não há menção a um objeto particular ou a informações explicitamente formuladas, para que se dê a identificação do referente da forma remissiva. Para isso, caberá ao leitor ou ouvinte, a partir de conhecimentos gerais supostamente partilhados, estabelecer a relação de referência e, assim, construir o sentido do texto.

Vejamos um caso:

(19) *Eleições 2010*

O que eles pensam dela?

O.k. Dilma Roussef é a candidata de Lula. Mas em março o governo fará uma grande pesquisa nacional de opinião – qualitativa e quantitativa – sobre sucessão. (T27 – Anexo II)

Esse texto apresenta no título dois elementos catafóricos: o pronome pessoal – eles – e o pronome pessoal – de + ela. A identificação do segundo referente (correspondente à forma remissiva dela) é facilmente estabelecida na leitura do texto, visto que esse pronome nos remete à Dilma Roussef, tema do excerto. Já o referente textual do pronome pessoal *eles* não se atualiza explicitamente no texto. Portanto, para que o referente – os brasileiros – fosse identificado, tivemos de estabelecer uma associação com algumas palavras que compõem o excerto, tais como: candidata, Lula, governo e pesquisa. Considerando que essas palavras fazem parte da temática eleições e, considerando que temos com o produtor textual um conhecimento partilhado (Lula é o atual presidente do Brasil e Dilma sua candidata), ao usar o catafórico “eles” na proposição – *O que eles pensam dela* –, o autor está nos direcionando para que interpretemos esse pronome como “brasileiros”, visto que é a eles que a pesquisa se destina.

Portanto, levando-se em conta que alguns referentes textuais não se atualizam explicitamente no texto, mas que podem ser inferíveis a partir de associações feitas pelo leitor, chamaremos a esse tipo de catáfora de **catáfora associativa**.

Esclarecemos que, em nosso *corpus*, não encontramos expressões nominais catafóricas como formas remissivas da catáfora associativa. As formas remissivas desse tipo de catáfora, de acordo com o *corpus*, são pronomes.

2.4 Os referentes textuais

Para a análise dos referentes textuais, adotamos dois tipos de critérios: análise quanto à forma e às funções textuais que desempenham nos textos do *corpus*.

2.4.1 Classificação quanto à forma

De acordo com o primeiro critério, classificamos os referentes em: nome comum, nome próprio, expressão nominal, período simples, período composto e texto inteiro.

Vejamos alguns exemplos:

(20) *Eles por eles*

Adolescentes escrevem peça que estréia no próximo sábado

“Mãeêêê, fala pra Natasha pegar o controle pra mim que eu tô doente.” Até quem é filho único já teve a oportunidade de testemunhar a cena ao menos uma vez. Esse e outros episódios do cotidiano adolescente são representados na peça “Yoga É Química”, que estréia no próximo sábado, no pequeno teatro da Indac, escola de atores na Vila Madalena.

“É uma peça feita por adolescentes para adolescentes”, afirma Lara Maria Manesco, 15, uma das atrizes do elenco. O texto foi criado com base nas improvisações feitas pelos sete alunos, com idades entre 15 e 17 anos, durante as aulas do curso. (T19 – Anexo I)

[...]

Nesse exemplo, o referente textual do pronome pessoal *eles* catafórico, no título do texto, é o nome comum *adolescentes*, que aparece sozinho, no subtítulo do texto, sem nenhum determinante ou modificador.

No exemplo a seguir, temos o pronome pessoal *ela* catafórico e seu referente textual é *Carla Dualib*, um nome próprio.

(21) *Ela voltou. **Carla Dualib**, que cuidava do marketing corintiano, almoçou nesta semana com Márcio Braga. Foi saber dos projetos do Flamengo e se colocou à disposição do presidente para ajudar.* (T10 Anexo I)

Ressaltamos que quando o nome próprio ou o nome comum estiver acompanhado de determinantes/ e ou modificadores, classificaremos como **expressão nominal**. Como já dissemos anteriormente, estamos considerando determinantes os artigos (definidos ou indefinidos), os numerais, os pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos; como modificadores, os adjetivos, orações adjetivas e os sintagmas preposicionados. As expressões nominais podem apresentar diferentes configurações, como será explicitado no capítulo destinado à análise.

Vejamos um exemplo em que aparece uma expressão nominal como referente do pronome pessoal *eles* catafórico. O nome-núcleo da expressão nominal é o termo *jovens*. Temos como modificador o adjetivo *evangélicos*, que caracteriza e especifica os jovens. Não se trata de quaisquer jovens, mas dos jovens evangélicos.

(22) *ELES SÃO DIFERENTES E ADORAM ISSO*

***Jovens evangélicos** não bebem, não fumam, não têm sexo fora do casamento. Mas a rigidez diminuiu, eles se sentem melhores que os outros e acreditam num futuro de prosperidade*
JULIANA LINHARES

Eles vão a baladas, namoram, surfam, usam roupas da moda. A diferença entre os evangélicos e a maioria dos outros jovens é que suas festas são sem álcool, o namoro é sem sexo e as roupas, sem exageros – nada de saias pelos pés e cabelos pela cintura, mas decotes e comprimentos moderados. [...] (T56 – anexo II)

Classificamos como período simples, o período em que aparece apenas um verbo, flexionado ou não, como no exemplo abaixo:

(23) *JOSÉ SIMÃO*

Socuerro! Morcego transa com a sogra!

*BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!
Direto do País da Piada Pronta! [...]*

*E mais uma: “**Cumbica opera por instrumentos**”. Cuíca, pandeiro e reco-reco. Rarará.
[...]*

E adorei essa: “Dantas usa a mulher como laranja”. Então já temos a Mulher Laranja. Era a fruta que faltava. (T39 – Anexo I)

Nesse exemplo, temos dois períodos simples com os verbos *operar* e *usar* (flexionados no presente do indicativo) que são referentes textuais. O primeiro, *Cumbica opera por instrumentos*, refere-se ao numeral *uma* catafórico, e o segundo, *Dantas usa a mulher como laranja*, refere-se ao pronome *essa* catafórico.

Apresentamos, a seguir, um exemplo em que o referente textual é um período composto, entendido por nós como um período em que aparece mais de um verbo, flexionado ou não. Nesse exemplo, temos o verbo *avisar*, empregado no modo imperativo, e o verbo *confundir*, no infinitivo.

(24) *José Simão*

Dólar! Vou pra PARIScida do Norte!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Crise! Ai Ai Street! Eu quero estabilidade emocional! Dólar sobe, dólar sobe, reduz, baixa, acelera, solta óleo e quebra! Chega de montanha-russa. Montanha-russa só em motel. E com espelho no teto!

[...]

*E todo candidato que o Lula apóia perde. Por isso que o Obama fica gritando nos comícios: “Eu não tenho o apoio do Lula, eu não tenho o apoio do Lula”. E essa é velha mas não custa lembrar: **avisa pro Lula não confundir Obama com OBRAHMA!*** (T23 – Anexo I)

A seguir, apresentamos um exemplo em que o pronome demonstrativo catafórico *isso* tem como referente não um nome, uma expressão nominal ou um período, mas um texto inteiro. Vejamos:

(25) *RUBEM ALVES*

Carta ao Luigi

A SÍNDROME DE Werdnig-Hoffman é uma doença genética raríssima, sem cura, mortal, também conhecida como atrofia muscular espinhal. As crianças que são vítimas dessa síndrome raramente atingem um ano de idade.

Eu conheço um menininho que é vítima dessa doença. Tem quatro anos e meio e vive permanentemente na cama, cheio de tubos e fios que cuidam que suas funções vitais sejam mantidas. Seu quarto é uma UTI. Ele é cuidado 24 horas por dia por uma equipe de

enfermeiros e parentes. Sua diversão é ver televisão, deitado na sua cama. Seu herói favorito é o Tarzã.

Seus pais e avós resolveram escrever um livrinho contando a vida do Luigi e me pediram que escrevesse a apresentação. Foi isso que escrevi:

Meu querido Luigi, menininho valente que gosta de viver!

Seu pai e sua mãe me contaram que o Tarzã é o herói de que você mais gosta.

Quando eu era menino, eu também gostava do Tarzã. Ele era um homem forte, diferente de todos os outros, morava na selva, no meio das árvores e dos bichos. O que me dava mais inveja no Tarzã era quando ele, lá num galho de uma árvore muito alta, se agarrava num cipó e balançava para outra árvore!

[...]

(T25 – Anexo I)

A seguir, apresentamos a classificação dos referentes de acordo com o segundo critério, ou seja, quanto à função textual.

2.4.2 Classificação quanto à função textual

Quanto às funções textuais dos referentes, identificamos as seguintes: especificar por nomeação, especificar por denominação, especificar por nomeação com predicação, especificar por denominação com predicação, explicar, esclarecer, enumerar, exemplificar, reformular, questionar, citar, parafrasear e transcrever.

a- especificar

Pelo termo *especificar*, entendemos: indicar com exatidão, apontar individualmente, indicar a espécie, detalhar.

Chamamos de especificação a função desempenhada pelo referente textual quando esta for a de especificar a forma remissiva, por meio de um nome comum (**especificar por denominação**) ou um nome próprio (**especificar por nomeação**). Embora saibamos que nomeação e denominação sejam sinônimos, optamos por usar nomeação quando, ao nomear, for utilizado um nome próprio, e denominação, quando for usado um nome comum.

Exemplifiquemos:

(26) *Ele* que fez. A diretoria do São Paulo tem resposta na ponta da língua para **Muricy**. Admite que falhou nas contratações e que, por conta disso, o elenco deixa a desejar. Mas, dizem os cartolas, 2008 foi o ano em que a comissão técnica teve mais liberdade para indicar reforços.

(T3 – Anexo I)

Neste texto, temos o pronome pessoal ele, que, ao ser usado cataforicamente, nos remete ao referente textual Muricy, que é um nome próprio. Dizemos, então, que a função do referente é a de **especificar por nomeação**, já que é constituído por um nome próprio.

No exemplo a seguir, temos um caso de **especificação por denominação**, em que o pronome pessoal *elas* catafórico nos remete ao referente *cantoras*, que é um nome comum. Observamos também que o referente não é apresentado com acréscimo de informações que o qualificam, como ocorre com o exemplo anterior.

(27) QUANDO ELAS QUEREM SER ABUSADAS

I kissed a Girl, de Katy Perry, fala de um beijo lésbico. Parece forte, mas **cantoras** já foram muito mais ousadas ao abordar tabus

SÉRGIO MARTINS

A canção mais picante do pop atual foi escrita por uma ex-artista gospel. Katy Perry, que nos tempos de moça carola atendia pelo nome de Katy Hudson, é autora de *I Kissed a Girl*, que traz os versos: “Eu beijei uma garota e gostei/ Do gosto do seu brilho de cereja / Eu espero que meu namorado não fique chateado”. A música ficou dois meses no topo da parada dos Estados Unidos – e ganhou inimigos. [...]

(T50 – Anexo II)

Como algumas vezes esses nomes não aparecem sozinhos, porque lhe são predicados atributos, essa função do referente textual será identificada em nossa análise como **nomeação com predicação** e **denominação com predicação**.

Vejamos:

(28) *Ele* acredita em duendes?

O GATO, modelo, celebridade e jogador de futebol David Beckham, agora, não desgruda de um amuleto feito de xristais, que usa enrolado no pulso. “Hype” instantâneo, o colar-pusleira-gargantilha ou o que você quiser é uma criação da Energy Muse (www.energymuse.com). [...]

(T7 – Anexo I)

Nesse texto, temos um caso de **especificação por nomeação com predicação**, ou seja, além de nomear com nome próprio, ao referente são agregadas características que o qualificam. Nesse sentido, ao usar essas especificações, o produtor do texto, emite sua opinião sobre o referente que, neste caso, é o famoso jogador de futebol, David Beckham (que é um gato, modelo, celebridade e jogador de futebol).

No texto seguinte, o pronome pessoal *ela*, catafórico, nos remete ao referente *menstruação regular*, que é composto por um nome comum + um adjetivo. Nesse caso, falamos de **especificação por denominação com predicação**. Como já foi dito anteriormente, estamos usando o termo **denominação** para nos referir ao ato de nomear com nome comum; e falamos em **predicação**, quando esse nome vem acompanhado de palavras ou expressões que o qualificam (ou desqualificam).

(29) *Ela* ainda não veio

*“Sempre tive **menstruação regular**, já que tomo pílula há cinco anos. Mas, neste mês, ela ainda não veio. Sei que passei o mês todo muito nervosa, emagreci quase cinco quilos porque não comia e estou com anemia. Comecei a tomar vitaminas para estresse e remédio para micose. Será que isso influenciou? O que posso fazer?”* (T11 – Anexo I)

b- explicar

Por explicar, entende-se o fato de o referente textual dar a razão ou o motivo de algo que foi expresso anteriormente na forma remissiva.

Exemplificamos, a seguir, com um texto do nosso *corpus*:

(30) *Os jovens Ph.Ds.que circulam pelo Parque Alfa, o maior pólo de tecnologia de Florianópolis, pertencem a um grupo com hábitos aparentemente inconciliáveis: **raramente são vistos longe de um computador, mas, sempre que podem, estão sobre uma prancha de surfe.***

[...]

*“Trata-se de uma comunidade de pessoas que ambicionam o mesmo: **ser reconhecidas por um grande invento tecnológico**”, resume Cláudio. [...]* (T67 Anexo II)

Nesse texto, temos a expressão nominal catafórica, *um grupo com hábitos aparentemente inconciliáveis*. Sabemos, por meio das informações precedentes, que o grupo

mencionado é o de jovens Ph.Ds., que trabalham no maior polo de tecnologia de Florianópolis, o Parque Alfa, e que possuem hábitos supostamente inconciliáveis. Essa expressão, no entanto, é vaga do ponto de vista informacional e nos incita a saber que hábitos são esses entendidos como aparentemente inconciliáveis.

Dando continuidade à leitura do texto, na parte subsequente, aparece a explicação para o que o produtor do texto chamou de hábitos inconciliáveis. Ele explica que raramente esses jovens são vistos longe de um computador, mas que, sempre que podem, estão sobre uma prancha de surf. Ou seja, segundo nossas crenças, é aparentemente incompatível ser um grande cientista do setor de tecnologia e praticar surf.

Portanto, o referente textual dessa expressão catafórica tem a função de explicar o que foi expresso na forma remissiva.

c- esclarecer⁵

Esclarecer é também uma função textual que o referente da forma remissiva catafórica pode ter. Como já dissemos anteriormente, *especificar*, *explicar* e *esclarecer* podem ser sinônimos, mas percebemos que com determinadas formas remissivas a distinção entre esses termos é desejável.

Assim, *esclarecer* no sentido em que estamos usando, é precisar as informações, ou seja, elucidar informações que não estão muito claras.

Exemplifiquemos:

(31) *Marcelo Gleiser*

Decifrando a 'mente de Deus'

Somos amantes da regularidade. O que foge aos padrões da normalidade, o comportamento irregular, inesperado, incontrolável, é sempre visto com censura ou mesmo com medo. Isso é tanto verdade na sociedade quanto na natureza.

[...]

A falta de resultados experimentais indicando a direção certa dificulta muito as coisas. Ou, talvez a natureza esteja tentando nos dizer algo: a ordem que tanto buscamos nela, é na verdade, a ordem que buscamos em nossas vidas. (T65 – Anexo I)

⁵ Embora saibamos que os termos *especificar*, *explicar* e *esclarecer* podem ser usados como sinônimos em diversas situações, optamos por usá-los de maneira distinta, como apresentamos, já que também sabemos que não existem sinônimos perfeitos na língua portuguesa e que em determinadas situações um termo parece mais adequado que outro.

Nesse texto, o elemento catafórico é o pronome indefinido *algo*. Marcelo Gleiser, o produtor do texto, ao perceber nossa dificuldade de entender certos fatos, afirma que talvez a natureza esteja querendo nos dizer algo. Sendo assim, a função do referente que aparece logo em seguida é esclarecer a forma remissiva, *algo*, pois, segundo o autor, o que a natureza está tentando nos dizer talvez seja que a ordem que tanto buscamos nela, é a ordem que buscamos em nossas vidas.

d- enumerar

Por enumerar, entendemos contar um a um, listar, relacionar informações, ações etc.

Vejamos um exemplo:

(32) ROSELY SAYÃO

Brigas e desentendimentos

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando o filho se desentende com amigos ou colegas, quando chega em casa com marcas de briga, quando tem o costume de dirigir palavrões aos outros, quando se queixa de ter sido humilhado por colegas etc.

[...]

*Um dos motivos para tantas brigas pode ser a falta de tato resultante do pouco aprendizado no convívio com pessoas próximas. Muitos pais costumam manifestar amor aos filhos com beijos e abraços, elogios em profusão e muitos presentes, isso sem falar na dedicação à gestão da vida dos filhos, o que tem sido bem desgastante. Boa parte do tempo que os pais têm para dedicar ao filho é gasto nisto: **levar, buscar, acompanhar o estudo, checar do que mais ele precisa etc.** [...] (T73 – Anexo I)*

O elemento catafórico, nesse texto, é o pronome demonstrativo *nisto* (em + isto), que nos remete para a parte subsequente do texto, o referente textual. Se quisermos saber em que os pais gastam boa parte do tempo que têm para dedicar aos filhos, segundo Rosely Sayão, a autora do texto, precisamos ler o que vem em seguida: uma enumeração das ações realizadas pelos pais (*levar, buscar, acompanhar o estudo, checar do que mais ele precisa etc.*) Dizemos, então, que a função desse referente é enumerar⁶.

⁶ Ressaltamos que consideramos enumeração, quando aparecem três ou mais itens sendo listados.

e- exemplificar

Exemplificar é dar exemplos. Essa também pode ser uma das funções dos referentes textuais a que nos remetem os elementos catafóricos. Vejamos um exemplo:

(33) *JOSÉ ROBERTO TORERO*

Tudo azul para os tricolores

[...]

*Sim, hoje os são-paulinos podem fazer piadas de tudo e de todos, dizer que são os melhores, que têm o clube mais organizado, o melhor goleiro, o melhor técnico, o melhor tudo. Se alguém os chamar de Bambi, nem vão se importar. Só darão de ombros, como se aquilo fosse uma formiga tentando derrubar um obelisco. Se bem que alguns talvez se dêem ao trabalho de responder, e nesse caso falarão algo como: “**Bambi? Acho que estou mais para o Rei Leão. Há, há, há...**”.*

(T70 – Anexo I)

Nesse texto, o elemento catafórico é o pronome indefinido *algo*. Tendo em vista que, em 2008, o São Paulo Futebol Clube foi o vitorioso no Campeonato Brasileiro e, ainda, que alguns adversários gostam de se referir aos são-paulinos como “Bambi”, o produtor do texto, José Roberto Torero, afirma que naquele dia, 09/12/2008, um dia após a conquista do título e dia em que foi publicado o texto, os são-paulinos poderiam até ser chamados de “Bambi” que não se importariam. O autor afirma também que se os torcedores do São Paulo quisessem ter o trabalho de responder às provocações, poderiam dizer que estavam mais para Rei Leão do que para Bambi. Então, esse referente textual (“*Bambi? Acho que estou mais para o Rei Leão. Há, há, há...*”) é um exemplo de resposta que poderia ser dada pelos tricolores aos seus adversários. A função desse referente textual, portanto, é exemplificar a fala/resposta de um torcedor virtual.

f- reformular

Em algumas situações, percebemos que o referente textual reformula, reelabora algo que já foi expresso anteriormente. O produtor do texto reformula a proposição, apresentando

novos dados, novas informações ou, até mesmo, nova interpretação. Por reformular, entendemos formular de novo, dar nova formulação.

Vejamos um exemplo, em que o referente textual é um trecho reformulador:

(34) *Sem-terra impedem brasiguaios de plantar*

No departamento de San Pedro, brasileiros não conseguem semear e colher soja em terras reivindicadas pelo movimento

Com período ideal para cultivo chegando ao fim, tensão cresce, e produtores ameaçam pegar em armas contra os manifestantes

JOSÉ MASCHIO

DA AGÊNCIA FOLHA, EM LIMA (PARAGUAI)

Na última terça-feira, o agricultor brasileiro Ildo Kaeffer e seu filho Marcelo, 23, tentavam preparar a terra da família, em Lima, departamento de San Pedro (norte do Paraguai). Uma brigada de mais de 200 sem-terra paraguaaios os impediu. Seu trator foi apreendido.

Há seis meses, produtores brasileiros e paraguaaios vivem o mesmo drama dos Kaeffer. Estão impedidos de plantar ou colher em suas lavouras.

“É uma situação insustentável. Para colher a safra de inverno, tivemos que negociar muito. Agora nos impedem de plantar a safra de verão”, afirma Ildo, que também tem cidadania paraguaia. Ele só recuperou o trator depois que acionou a Polícia Nacional do Paraguai.

Nos três principais municípios agrícolas de San Pedro – Lima, Santa Rosa e General Resquín -, a cena é a mesma: na terra preparada para o plantio, mas não semeada, é possível ver estacas de madeira com as cores da bandeira do Paraguai que mostram que os sem-terra já demarcaram suas áreas.

[...]

(T43 – Anexo I)

Nesse exemplo, apesar de a expressão catafórica *a mesma* dar a impressão de que serão apresentadas as mesmas informações já apresentadas, isso não ocorre. O produtor do texto reformula as informações apresentadas anteriormente e acrescenta outras novas. Na parte antecedente à expressão catafórica, não foram mencionadas a questão das estacas de madeira, por exemplo. Daí, nomearmos essa função de *reformular*.

g- questionar

Por *questionar*, entendemos fazer ou levantar questão sobre determinado assunto, a partir de algo dito anteriormente. Vejamos um exemplo típico de questionamento:

(35) *MUITAS MULHERES se queixam de que o computador se tornou seu rival: os maridos passam horas, sobretudo noturnas, na internet, atrás de conteúdo erótico e, quem sabe, de encontros sexuais. [...]*

A questão que ele levanta é a seguinte: quando, num casal, um dos dois tem o hábito (geralmente, secreto) de assistir a material pornográfico (prática facilitada imensamente pela net), será que o outro se sente traído? E será que é certo sentir-se traído nesse caso?

Uma pesquisa recente entre estudantes universitários dos EUA mostra que 70% das mulheres nunca entraram num site pornô, enquanto a mesma coisa vale só para 14% dos homens. Ou seja, os homens procuram pornografia na net muito mais do que as mulheres.

(T92 – Anexo I)

O exemplo seguinte é um caso, em que o questionamento é apenas retórico, ou seja, o produtor do texto lança mão de uma pergunta com o objetivo de sugerir, levantar reflexões acerca do assunto que está sendo tratado.

(36) *Apesar disso, tomo a liberdade de fazer uma sugestão: por que não condenar esses parasitas, predadores da pior espécie, a quatro ou cinco anos, como é feito com as moças presas nas portas dos presídios?*

É pouco, dirá você. Também acho, mas é melhor do que nada. (T71 – Anexo I)

h- citar

Adotamos o termo *citar* para classificar a função do referente, de acordo com a perspectiva do produtor textual, quando este deixa claro que está trazendo para seu texto, um trecho/ou texto de outra fonte, apresentado entre aspas.

Vejamos um exemplo:

(37) *RÔ!RÔ! RÔNALDO! O Papai Noel 2008! Adorei a apresentação do Ronaldo à torcida do Corinthians. Preço do ingresso: 1 kg de alimento. Assim o cara não emagrece nunca. Adorei a declaração dele: “Não vou usar o Corinthians como trampolim”. Nem consegue: o trampolim quebra! E essa: “Timão sonha estrear Ronaldo contra Boca”. Mas*

ele vai lutar contra o Boca ou pra manter a própria fechada? E o Ronalveca pegou traveco achando que era mulher e veio pro Corinthians achando que é time. Errar é humano, persistir no erro é corintiano. (T32 – Anexo I)

Nesse texto, temos o pronome demonstrativo *essa* como forma remissiva da catáfora. O referente textual é o que está entre aspas: *Timão sonha estrear Ronaldo contra Boca*. José Simão, o autor do texto, colocou o referente entre aspas, para, paralelamente às declarações de Ronaldo, citar outra declaração, a do Corinthians, dada a outro articulista.

i- parafrasear

Tendo em vista que, às vezes, o autor recorre a outro texto, embora não utilize as aspas ao mencioná-lo, entendemos que esse produtor está parafraseando trechos (frases ou até parágrafos inteiros) de outros autores.

Borba (2002) afirma que paráfrase é a reprodução ou imitação de um texto, conservando a mesma ideia, porém, com outras palavras. Assim, poderíamos questionar em que se difere a paráfrase da reformulação. Esclarecemos que falamos em paráfrase, quando percebemos que o autor do texto não modifica a ideia do texto original, não acrescenta suas opiniões ou mesmo informações novas, ou seja, apenas reproduz o texto com outras palavras.

A seguir, apresentamos um exemplo dessas ocorrências:

(38) PASQUALE CIPRO NETO

O peixe, na peixaria; o doce, na...

ENTÃO, CARO LEITOR? Onde se fabricam e/ ou se vendem doces? A pergunta talvez fosse inútil ou tola, não fosse um detalhe: nem sempre o que efetivamente se usa é reconhecido ou registrado pelos dicionários, cujo papel – teoricamente – é ou deveria ser o de funcionarem como “cartórios” do léxico.

[...]

Justiça seja feita: em suas últimas edições (a partir da de 1999, creio), o “Aurélio” registra “doceria”. O registro, no entanto, é “tímido”, já que o dicionário diz simplesmente isto: “S. f. 1. Doçaria (2)”. O leitor certamente sabe o significado de “S. f.” (“substantivo feminino”). A tradução de “Doçaria (2)” é esta: o dicionário manda-o ir ao termo “doçaria” e levar em conta a segunda acepção apresentada (“Lugar onde se fabricam e/ ou vendem doces; doceria”). (T77 – Anexo I)

O autor do texto, na segunda ocorrência da catáfora, não reproduz a definição que o dicionário apresenta para o termo *doçaria*, mas parafraseia a definição do dicionário.

Vejamos outro exemplo:

(39) *JOSÉ SIMÃO*

Ueba! Quero levar sapatada da Simone!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

*Essa é direto de Goiânia: **Edir Macedo da Igreja Universal condenado a pagar indenização**. Como é o nome do juiz? JEOVÁ. Jeová Sardinha! Jeová condena Edir Macedo.*

E o Ronalducho pedalando na orla do Rio! Aí pára pra descansar um pouco. Onde? Na barraca Fome Zero. TÁ REDONDO. É verdade. Tô com a foto. (T29 – Anexo I)

Nesse texto, o elemento catafórico é o pronome demonstrativo *essa* que nos remete ao referente *Edir Macedo da Igreja Universal condenado a pagar indenização*. Provavelmente o autor do texto não o reproduziu tal como apareceu no original, já que não utilizou as aspas, o que nos permite deduzir que o trecho foi parafraseado.

j- transcrever

Sabemos que *transcrever* e *citar* podem ser sinônimos, de acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001). Porém, utilizaremos *citar*, quando o produtor do texto utiliza as aspas, deixando claro que o trecho/texto citado não é uma produção sua, ou seja, que se trata de uma citação. Consideramos *transcrever*, quando o produtor do texto mostra claramente que copiou, reproduziu o conteúdo de um lugar para outro, mas não utilizou as aspas. Exemplifiquemos:

(40) *RUBEM ALVES*

Carta ao Luigi

A SÍNDROME DE Werdnig-Hoffman é uma doença genética raríssima, sem cura, mortal, também conhecida como atrofia muscular espinhal. As crianças que são vítimas dessa síndrome raramente atingem um ano de idade.

Eu conheço um menininho que é vítima dessa doença. Tem quatro anos e meio e vive permanentemente na cama, cheio de tubos e fios que cuidam que suas funções vitais sejam mantidas. Seu quarto é uma UTI. Ele é cuidado 24 horas por dia por uma equipe de enfermeiros e parentes. Sua diversão é ver televisão, deitado na sua cama. Seu herói favorito é o Tarzã.

Seus pais e avós resolveram escrever um livrinho contando a vida do Luigi e me pediram que escrevesse a apresentação. Foi isso que escrevi:

Meu querido Luigi, menininho valente que gosta de viver!

Seu pai e sua mãe me contaram que o Tarzã é o herói de que você mais gosta.

Quando eu era menino, eu também gostava do Tarzã. Ele era um homem forte, diferente de todos os outros, morava na selva, no meio das árvores e dos bichos. O que me dava mais inveja no Tarzã era quando ele, lá num galho de uma árvore muito alta, se agarrava num cipó e balançava para outra árvore! [...] (T25 – Anexo I)

Nesse texto, o autor Rubem Alves transcreve um texto que ele escreveu em outra ocasião. Ele não utiliza as aspas, mas deixa claro que está transcrevendo a apresentação, escrita por ele mesmo, de um livro que conta a vida de um garotinho chamado Luigi.

2.4.3 Algumas considerações

Como vimos, os referentes, na referência catafórica, podem desempenhar diversas funções textuais. No capítulo destinado à análise dos dados, por meio de alguns cruzamentos possibilitados pelo programa Varbrul, veremos que algumas funções textuais são mais comuns em relação a determinadas formas remissivas.

Como sinalizamos na introdução deste trabalho, apresentaremos, a seguir, algumas considerações sobre os títulos de textos, já que encontramos um grande número de catáforas nesta parte do texto.

CAPÍTULO 3:

OS TÍTULOS DE TEXTOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

3.1 A relação título e catáfora

Tendo em vista a grande quantidade de elementos catafóricos encontrados em títulos de textos de nosso *corpus* de pesquisa, não poderíamos deixar de fazer algumas considerações acerca dessa constatação. Nosso objetivo, neste capítulo, é mostrar como ocorre a referência catafórica nos títulos de textos publicados pelo jornal *Folha de S Paulo* e pela Revista *Veja* e fazer algumas reflexões sobre o papel que os títulos desempenham.

Halliday & Hasan afirmam que “the interpretation of an implicit device is said to be exophoric when the source for its interpretation lies outside the co-text and can only be found through an examination of the context”⁷ (HALLIDAY & HASAN, 1989, p.76). Os autores nos dão um exemplo, pedindo que imaginemos a seguinte situação: uma criança está batendo em algum brinquedo, fazendo, com isso, barulho. Sua mãe, enquanto isso, está tentando se concentrar na escrita de um trabalho. É bem provável que ela dirá à filha: *Stop doing that here. I’m trying to work.* Os autores explicam que nenhum dos elementos linguísticos do referido enunciado pode ser interpretado a não ser pelo contexto da situação. Por isso, trata-se de referência exofórica, presente no contexto extralinguístico.

Nesse sentido, poderíamos pensar que quando um elemento catafórico aparece no título de um texto e não podemos identificar seu referente, seria, então, um caso de referência exofórica. Porém, defendemos que se podemos identificar o referente no próprio texto, a referência é endofórica, visto que não precisamos analisar o contexto da situação, basta, simplesmente, continuarmos a leitura, pois se trata de referência explícita textualmente. Para nós, portanto, o título faz parte do cotexto, não é um elemento extralinguístico ou situacional, mas, muitas vezes, atua como orientador da temática.

Por meio do *corpus*, verificamos que em muitos títulos aparecem os elementos catafóricos, principalmente os pronomes pessoais de 3ª pessoa, singular e plural. Para sabermos a que se referem esses pronomes usados cataforicamente, faz-se necessário continuarmos a leitura do texto, já que apenas pelo título não conseguiremos identificar o referente correspondente ao elemento catafórico. A seguir um exemplo dessa situação:

7 A interpretação de um mecanismo implícito é chamado de exofórico quando o recurso para sua interpretação fica fora do cotexto e somente pode ser encontrado por meio de um exame do contexto.

(41) *Ela ainda não veio*

*“Sempre tive **menstruação regular**, já que tomo pilula há cinco anos. Mas, neste mês, ela ainda não veio. Sei que passei o mês todo muito nervosa, emagreci quase cinco quilos porque não comia e estou com anemia. Comecei a tomar vitaminas para estresse e remédio para micose. Será que isso influenciou? O que posso fazer?”* (T11- Anexo I)

No título *Ela ainda não veio* aparece o pronome pessoal de 3ª pessoa do singular, *ela*. À primeira vista, talvez pensemos que o pronome se refira a uma pessoa do sexo feminino. Porém, com a leitura do texto, percebemos que o pronome *ela* se refere à menstruação, pois é a menstruação que ainda não veio. Ou seja, temos nesse título o uso de um pronome catafórico, que nos remete a algo que virá em seguida. Interessante observar, nesse exemplo, que nessa mesma oração, já no cotexto, “Mas, neste mês, ela ainda não veio”, o pronome *ela* já não está empregado cataforicamente, visto que, por meio do período anterior, sabemos que se refere à menstruação, portanto, há uma anáfora.

Outro uso, também nos títulos, nos chama a atenção. Encontramos principalmente nos textos extraídos da revista *Veja*, a seguinte situação: há o emprego de um pronome pessoal catafórico, mas aparece também, ao lado, embaixo ou acima do texto, o elemento não-verbal, ou seja, uma foto ou uma ilustração/imagem que nos ajuda a identificar a quem ou a que o elemento catafórico se refere. Vejamos um exemplo:

(42)



(T43 – Anexo II)

Nesse texto, o elemento catafórico é o pronome pessoal *ele*. É provável que a maioria dos leitores de *Veja* já saiba a quem o pronome se refere, mesmo sem continuar a leitura do texto, visto que, ao lado, aparece a foto do famoso jogador de futebol, Ronaldo. A imagem, nesse caso, talvez bastasse para que a maioria dos leitores tivesse certeza sobre a quem o pronome se refere. Mas a curiosidade em relação à pessoa retratada e o que vai ser dito sobre ela, faz com o leitor prossiga a leitura do texto. O emprego do pronome *ele*, nesse exemplo, é catafórico e a função da imagem pode ser a de auxiliar na compreensão imediata da informação veiculada no título, visto que os leitores, ou pelo menos alguns, podem associar o elemento linguístico, nesse caso o pronome pessoal *ele*, à imagem que acompanha o texto.

Também é comum encontrarmos usos semelhantes, com personalidades menos conhecidas, pelos menos em determinadas regiões do nosso país. Observemos o exemplo a seguir:

(43)



FERNANDO GOMES/ZERO HORA



JULIO CORDEIRO/ZERO HORA

EU SOU VOCÊ AMANHÃ

As candidatas têm perfil parecido. Manuela d'Ávila (ao lado) é do PCdoB, o partido que lançou a bela e petista Maria do Rosário

Elas contra ele

Três mulheres enfrentam Fogaça em Porto Alegre



No primeiro turno, a verdadeira refrega em Porto Alegre se dá no campo feminino. Três candidatas de perfil semelhante disputam uma vaga no segundo turno contra o prefeito José Fogaça, do PMDB, à frente nas pesquisas. Elas são esquerdistas, deputadas e reverenciadas como musas de sua agremiação. A bela Maria do Rosário, do PT, está em segundo lugar, empatada com Manuela d'Ávila, uma espécie de Maria do Rosário catorze anos mais nova. Como a petista, Manuela ganhou fama no movimento estudantil e obteve seu primeiro mandato de vereadora pelo PCdoB. A diferença

é que Maria do Rosário trocou de partido depois que foi eleita. Manuela continua lá, mas adotou um comunismo desbotado. Até na bandeira. Em vez do clássico pavilhão, seus correligionários usam um lilás. Em quarto lugar está Luciana Genro, do PSOL, que fez escova e caprichou na maquiagem. Um de seus cabos eleitorais é o delegado Protógenes Queiroz, aquele mesmo, da grampolândia. Nesta fase da campanha, as três se atacam mutuamente e deixam Fogaça de lado. No segundo turno, o jogo mudará. Elas devem se unir e centrar sua artilharia no prefeito. Se Maria do Rosário ou Manuela forem para o segundo turno, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aportará em Porto Alegre e tornará a vida de Fogaça ainda mais difícil. As simulações de agosto já mostravam o prefeito em empate técnico com ambas as opositoras no próximo round. ■

IGOR PAULIN

(T51 – Anexo II)

Nesse texto, temos os pronomes pessoais *elas* e *ele*, usados cataforicamente. Para alguns leitores, é provável que as fotos que acompanham o texto não sejam suficientes para identificar quem são as pessoas referidas com os pronomes. Nesse caso, a situação é diferente da arrolada no exemplo anterior, já que as pessoas envolvidas não são tão conhecidas e famosas como Ronaldo, o fenômeno. Pensamos que, nesse exemplo, o interesse do leitor é

despertado pelo uso catafórico dos pronomes e continua pelo fato do leitor querer saber quem são as pessoas retratadas e o que será dito sobre elas.

Com a leitura do subtítulo e do restante do texto em questão, ficamos sabendo que o *elas* se refere a Maria do Rosário, do PT, a Manuela d'Ávila, do PCdoB, e a Luciana Genro, do PSOL. Elas eram candidatas à prefeitura, de Porto Alegre-RS à época da publicação desse texto (01/10/2008). O pronome *ele* se refere a José Fogaça, prefeito da cidade e candidato à reeleição, na mesma época. Sem a leitura da parte verbal do texto, fica difícil, para alguns leitores, compreender o título, principalmente, identificar o referente.

Em outro exemplo, também notamos a importância da continuação da leitura, para que compreendamos o título adequadamente.

veja 3 DE SETEMBRO DE 2008

Panorama

Imagem da Semana

Holofote ■ SobeDesce ■ Conversa ■ Números ■ Datas ■ Radar ■ Veja Essa



Tomara que ela acerte

Se for primeira-ministra de Israel, Tzipi Livni poderá fazer a paz com vizinhos árabes — ou apertar o botão da guerra com ataque às instalações nucleares do Irã

■ O gesto de Condoleezza Rice, a secretária de Estado americana, parecia dizer: vai com calma. Mas Tzipi Livni, atual ministra das Relações Exteriores de Israel, está com a maior pressa. Quer ser primeira-ministra, e logo. Terá sua chance no próximo dia 17, quando Ehud Olmert deixará o cargo, enxovalhado

por envelopes de dinheiro que entravam em seus bolsos via empresário amigo e outras ilicitudes. Livni é a favorita para ganhar a eleição pela liderança do partido majoritário, o Kadima, e formar o novo governo. Caso se torne a primeira mulher no comando desde Golda Meir, poderá caber a ela fazer, por fim, uma paz

abrangente, incluindo palestinos, Líbano e Síria. Ou apertar o botão, metafórico mas terrível, de um ataque contra as instalações nucleares do Irã (no cenário mais apocalíptico, o Irã retalia com mísseis e Israel responde com uma bomba atômica). Aos 50 anos, casada, dois filhos, vegetariana, fama de honesta e, na descrição de uma amiga, “150 de QI” — o que em Israel pode ser linguagem figurada ou não —, Tzipi Livni tem uma biografia que parece inventada. Com 22 anos, foi ser agente do Mossad. Agente de campo mesmo, baseada em Paris.

Depois, estudou direito. Entrou para a política por intermédio do linha-duríssima Ariel Sharon e, com ele, caminhou uns poucos passos em direção ao centro. A mãe de Livni, que como o pai foi militante do Irgun, grupo sionista radical, enfrentou as críticas dos velhos colegas para os quais era anátema devolver territórios aos palestinos, como aconteceu com Gaza. Até morrer, em outubro passado, dizia a única coisa possível para uma mãe judia: “Minha filha tem sempre razão”. Tomara que tenha acertado. ■ **VILMA GRZYNSKI**

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE PAULO VITALE; AG. STF

veja | 3 DE SETEMBRO, 2008 | 45

(T36 – Anexo II)

No título, *Tomara que ela acerte*, temos o pronome pessoal *ela* catafórico. Nesse caso, apesar da ilustração, também é necessária a continuação da leitura do texto para que entendamos a quem se refere o pronome *ela*, já que as mulheres da foto provavelmente não sejam conhecidas por todos os leitores. Nesse exemplo, acreditamos que há mais um

agravante, como há duas mulheres na ilustração, a qual delas se refere o pronome? Só com a leitura do texto é possível desfazer o impasse. O *ela* se refere a Tzipi Livni, ministra das Relações Exteriores de Israel, à época da publicação do texto.

Por meio desses e de outros textos do *corpus*, constatamos que, muitas vezes, a ilustração que acompanha o texto é praticamente suficiente para identificarmos a que ou a quem o elemento catafórico se refere. Isso ocorre, quando a personalidade referenciada é famosa ou conhecida por uma infinidade de pessoas. Porém, apesar de, às vezes, a imagem ser suficiente, o interesse do leitor continua *em aberto*, visto que ele quer saber o que o texto informa sobre a personalidade. Quando, porém, a pessoa retratada não é tão conhecida, o interesse pode ser despertado, principalmente, pela estratégia que o produtor do texto usa no título. Isso vale não somente para as matérias sobre pessoas, mas também para as que tratam de qualquer assunto. O título, sem dúvida nenhuma, contribui para despertar o interesse do leitor.

Como no *corpus* encontramos uma quantidade expressiva de ocorrência da catáfora em títulos dos textos, isso nos leva a concluir que a referenciação, por meio da catáfora, também contribui para que o título fique mais interessante, despertando o interesse do leitor.

3.2 O título como estratégia

Elisa Guimarães (2006), em suas considerações sobre as partes do texto e sua integração, afirma que o título é parte componente e importante da mensagem, é um fator estratégico da articulação do texto. Ele pode desempenhar a *função factual* e *de chamada* e também a *função poética* e *expressiva*. Seu desempenho é factual, quando, resumindo as linhas fundamentais do texto, passa a desenvolver funções de natureza prática como “substituir a leitura da sinopse; auxiliar na elaboração de trabalhos de indexação, resumo e tradução; ser ponto de partida para a seriação de assuntos de catálogos dicionários; funcionar como roteiro na sequência do texto didático” (GUIMARÃES, 2006, p. 51).

Essa autora lembra o papel fundamental do título no esquema específico de notícias, e destaca as seguintes categorias da superestrutura da notícia: acontecimento principal, história, antecedentes, consequências ou expectativas. Ela explica que no discurso jornalístico, a organização do texto “condiciona-se por um princípio de relevância: os títulos, o cabeçalho e o ordenamento do texto não são cronológicos nem lógicos, mas determinados por um princípio de primazia. – os aspectos mais importantes figurando em primeiro lugar” (GUIMARÃES, 2006, p.51).

Para Guimarães (2006), alguns títulos expressam a macroestrutura. Quando são lidos, orientam a compreensão para a estrutura de relevância na apresentação das notícias. Os títulos não são, pois, meros artifícios publicitários, mas chaves para a decodificação da mensagem, quando propostos convenientemente.

Em relação aos subtítulos, essa autora explica que eles desempenham um papel análogo ao dos títulos. Eles realçam os elementos de significação do texto e facilitam a retenção do conteúdo, como ocorre no texto de natureza didática.

Elisa Guimarães (2006) afirma que a ancoragem do texto no título pode ser processada por uma ligação anafórica. Nesse caso, o título funciona como lembrete de uma informação conhecida e remete a um elemento anterior, não enunciado no texto, mas que está presente no espírito do leitor.

A autora faz uma observação importante: o título pode estabelecer uma ligação catafórica com aquilo que se segue, induzindo a uma dada leitura do texto. Nesse caso, ele anuncia uma informação a figurar no texto, situação muito frequente, segundo a autora.

Coracini (1988) também faz considerações importantes a respeito do título. Para ela, o título é o lugar privilegiado de manifestação da subjetividade do autor, e que

redigido depois do texto, portanto, anafórico do ponto de vista da produção, o título desempenha, no processo da leitura, uma função eminentemente catafórica e, assim, ao mesmo tempo em que camufla o percurso discursivo, exerce grande influência sobre o leitor, na medida em que funciona como estímulo ou desestímulo à leitura. Nesse sentido podemos afirmar que o título desempenha uma importante função argumentativa; afinal, constitui uma estratégia a serviço das intenções do sujeito enunciatório que pretende influir sobre o leitor, interessá-lo, senão convencê-lo, numa situação real de interlocução. (CORACINI, 1988, p. 167)

Coracini afirma que, do ponto de vista da leitura, o título determina *a priori* o tipo de leitor e de leitura – rápida/lenta, atenta/superficial, afetiva/intelectual – desempenhando uma função pragmática (VIGNER, 1980 apud CORACINI, 1988). O título de uma revista, de um livro, de um filme, de um artigo, além de criar uma situação de comunicação, permite ao enunciatório atingir seu enunciatário, implicando-o pelo assunto (tema) ou pela forma de apresentação.

Segundo ela, há estratégias a serviço das intenções argumentativas do sujeito enunciatório, em relação à criação do título. Um sujeito comunicante tem determinadas intenções, ao se dirigir a um sujeito leitor, que também já terá formulado suas intenções (projetos) de leitura. “O sujeito da comunicação, no desejo de fazer coincidir os dois projetos enunciatórios, se servirá de estratégias já convencionadas e aceitas e/ou criará outras” (CORACINI, 1988, p. 167). Essas estratégias dependem da ideia que o sujeito enunciatório faz da expectativa que o enunciatário tem, quanto ao tema e à forma de abordá-lo. Dependem

também do tipo de ideia que o enunciador deseja criar de si próprio no e pelo dizer e também do tipo de leitor que ele quer construir no seu texto.

Assim, o interesse despertado pelo título depende da comunidade interpretativa e do projeto de leitura, do momento e do lugar em que ocorrerá. Mas, sem dúvida,

o título desempenha papel incontestável na decisão do leitor criando suspense, suscitando interrogações, conflitos, dúvida, curiosidade que serão certamente resolvidos no texto (é ao menos o que parece ser sugerido); para tanto, o título deverá não apenas informar sobre o conteúdo da obra ou texto, mas caracterizá-lo sem, no entanto, formulá-lo por completo. (CORACINI, 1988, p.170)

Diante do exposto acerca dos títulos, parece-nos clara a ideia de que o título tem, sim, um cunho argumentativo. O produtor do texto, ao elaborar o título, tem uma intenção e vai utilizar os recursos disponíveis para atingi-la. Um desses recursos, de acordo com o que verificamos por meio de nosso *corpus*, tem sido o emprego da referenciação, por meio da catáfora. Fica evidente que essa estratégia muito contribui para que o título desperte a atenção do leitor, atice sua curiosidade ou mesmo instale a dúvida em seu pensamento. Esse emprego, portanto, repetimos, não é inocente.

Assim como certos autores postulam que alguns recursos retóricos, como o uso de interjeições, determinados sinais de pontuação, recursos gráficos etc., são usados para dar força argumentativa ao discurso, consideramos que o uso da catáfora também tem esse intuito. É claro que não estamos afirmando que todos os usos catafóricos se enquadram nessa situação, porém, sem dúvida, muitos deles têm sido usados com essa intenção.

O texto abaixo ilustra essa situação:

(45) *ELA SE ACHA*

A modelo Isabella Fiorentino, 31, não era a preferida do SBT, mas levou a vaga de apresentadora do reality “Esquadrão da Moda” porque era a única entre as postulantes que tinha alguma experiência em TV – ela substituiu Ana Hickmann no extinto “Tudo a ver” (Record). Mas Fiorentino está dando trabalho à emissora. Erra muito, o que atrasa as gravações do programa, que ocorrem em locações, como lojas, e no mesmo estúdio de “Casa dos Artistas”. Ela divide o programa com o stylist Arlindo Grund. Na atração, faz comentários sobre o guarda-roupas dos participantes e dá dicas de vestuário. Ainda não há previsão de estréia.

(T12 – Anexo I)

Nesse texto, além da estratégia do uso catafórico, o produtor utiliza uma expressão (gíria) que é conhecida e usada por muitas pessoas: dizer que alguém se acha. Quando se diz

que alguém *se acha*, geralmente quer-se dizer que a pessoa é esnobe, se considera melhor do que as outras pessoas etc. Se o leitor conhecer essa expressão, o que é bastante provável, construirá com facilidade o sentido, porém, continuará sem saber quem é que *está se achando*, e, isso, ele só poderá descobrir lendo todo o texto, não ficando somente com a leitura do título.

Koch e Elias (2010) também discutem a importância do título. Elas afirmam que o título é “o primeiro desencadeador de perspectivas sobre o texto, que vai servir de fio condutor para as inferências que o leitor terá de fazer.” (KOCH;ELIAS, 2010, p.90). Essas autoras esclarecem que o título, se for bem dado, prepara o leitor para o que encontrará no texto, ativa na sua memória os conhecimentos necessários para a compreensão do texto, como os *frames* e esquemas, por exemplo, e ainda, permite que o leitor faça previsões e levante hipóteses que serão testadas, confirmadas ou não, na sequência da leitura, já que há títulos despistadores, intencionalmente ou não, como os de produções de publicitários ou humoristas, principalmente.

Acreditamos que o texto seguinte, extraído do nosso *corpus*, ilustra bem a situação apontada por Koch e Elias, no que se refere aos títulos despistadores. O título *O dele é maior que o dela* pode nos levar a imaginar que se refere ao tamanho do salto dos sapatos que Nicolas Sarkozy e Carla Bruni estão usando, se observarmos somente a imagem que acompanha o texto. Porém, com a leitura do texto, verificamos que a expressão *O dele e o dela* refere-se, na verdade, ao ego do casal. Vejamos:

(46)



O dele é maior que o dela

■ Falamos, claro, do ego (embora o salto dele também seja maior, como se vê na foto à entrada da missa de corpo presente de Yves Saint Laurent). Por causa disso, o presidente **NICOLAS SARKOZY**, todo orgulhoso, permitiu que a mulher, **CARLA BRUNI**, se abrisse. No livro *Carla e Nicolas, a Verdadeira História*, os detalhes da paixão. Conheceram-se em casa de amigos em 13 de novembro passado, foram para a cama (dela, à luz de velas) no dia seguinte. Casaram-se oitenta dias depois a conselho da ex-primeira-dama Bernadette Chirac, por conveniência protocolar. Carla elogia a inteligência do marido: “Ele tem cinco ou seis cérebros, excepcionalmente irrigados”. Não há ego que resista.

FRANÇOIS MORI/AP

(T42 – Anexo II)

Portanto, o uso da catáfora no título do texto, é, sem dúvida, uma estratégia que o produtor usa para atrair a atenção do leitor e, conseqüentemente, despertar seu interesse pela leitura do texto.

Embora reconheçamos a existência do elo coesivo que, muitas vezes, há entre a imagem e o título do texto, assim como a função que a imagem pode desempenhar de acordo com a posição que ela ocupa, ou seja, antes, ao lado ou depois do texto verbal, não foi nosso objetivo analisar essa relação, já que limitamos nossa análise à parte linguística do texto.

Apresentados os pressupostos teóricos que norteiam nosso estudo e nossas considerações sobre os títulos de textos, passemos, então, ao próximo capítulo, em que apresentamos a categorização e a análise das catáforas encontradas.

CAPÍTULO 4

CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DA REFERENCIAÇÃO CATAFÓRICA

4.1 Tipos de catáforas

Como já observamos anteriormente, ao analisarmos nosso *corpus*, percebemos que quanto à forma, as catáforas podem ser de três tipos: *pronominais*, *nominais* ou *associativas*.

A seguir, na tabela 1, apresentamos o resumo das ocorrências das catáforas pronominal, nominal e associativa.

TABELA 1: Distribuição das catáforas pronominal, nominal e associativa

<i>Tipos de catáfora</i>	<i>Percentual de ocorrências</i>
Pronominal	55 %
Nominal	41,15%
Associativa	3,85%
Total	100%

Como podemos perceber, a catáfora pronominal representa 55% do total de ocorrências no *corpus*; a catáfora nominal 41,15% e a catáfora associativa 3,85%.

4.2 A catáfora pronominal: configurações

Relativamente à catáfora pronominal, detectamos que, quanto à forma, essa se constitui por: pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos, advérbios e numerais.

Vejamos o percentual de frequência desse tipo de catáfora, de acordo com a categoria da forma remissiva.

TABELA 2: Distribuição das configurações das catáforas pronominais

<i>Configuração das catáforas pronominais</i>	<i>Percentual de ocorrências</i>
Pronomes pessoais	41,26%
Pronomes demonstrativos	26,58%
Pronomes indefinidos	17,48%
Advérbios	9,09%
Numerais	5,59%
Total	100,00%

Como podemos perceber, as formas remissivas na catáfora pronominal são de diversas classes gramaticais, sendo os pronomes pessoais os que apresentam maior ocorrência, ou seja, 41,26%. Em seguida aparecem os pronomes demonstrativos⁸ 26,58%, os indefinidos 17,48%, os advérbios 9,09% e os numerais 5,59 %. Essas ocorrências demonstram que, embora os estudos gramaticais tradicionais, em geral, ao falarem dos pronomes catafóricos, citem apenas os pronomes demonstrativos, em nosso *corpus* a maior ocorrência não foi desse tipo de pronome, como podemos perceber pela tabela 2.

Tendo em vista a grande ocorrência dos pronomes pessoais catafóricos, buscamos verificar quais desses pronomes são mais usados nessa forma de referenciar. Verificamos que há ocorrência maior do pronome pessoal *ele*, no singular com 34,32% e no plural com 23,88%. O pronome pessoal *ela* e sua forma flexionada representaram 19,40% e 13,42%, respectivamente, das ocorrências. Os pronomes *dele*, *dela* e o oblíquo *la* também apareceram no *corpus*, com 1,5%, 5,98% e 1,5% das ocorrências respectivamente.

Exemplifiquemos⁹:

(47) *Ele* ainda é o quarto mais querido

⁸ As ocorrências em que os pronomes demonstrativos estão acompanhados do advérbio *aqui* (3,50%) foram incluídas nesse número, .

⁹ Em nossa análise, o texto do *corpus* está em itálico; a forma remissiva, sublinhada; o referente textual, em negrito.

*Quanto deve estar valendo a imagem de **Ronaldo Fenômeno barrigudo e fumando** para as empresas que o têm como garoto-propaganda, como AmBev, TIM e Nike? Ainda não se sabe exatamente o efeito que o desleixo do Fenômeno terá na avaliação que os brasileiros fazem dele. [...]*

(T43 – Anexo II)

(48) SAUDOSOS DO ESCRITÓRIO

Depois de conquistarem a regalia de trabalhar em casa, eles se viram solitários – e buscam compartilhar salas

*Trabalhar em casa era um sonho acalentado por **funcionários de algumas das maiores multinacionais na década passada**. Com o surgimento da internet, parte delas aderiu ao home office, modalidade que deu àquelas pessoas, pela primeira vez, a alternativa de executar tarefas longe do escritório. Nos Estados Unidos, 10 milhões de empregados passaram a cumprir parte do expediente em casa. No Brasil, foram 4 milhões. Depois de uma década levando uma vida que eles próprios definiam como “mais livre” e “menos entediante”.*

(T52 – Anexo II)

Os pronomes demonstrativos são a segunda categoria mais usada, de acordo com o *corpus*. É interessante observar que a gramática tradicional tem orientado, ao longo dos anos, o uso dos pronomes demonstrativos de primeira pessoa, grupo do *este, esta e isto*, sempre que a referência for catafórica e o uso dos pronomes de segunda pessoa, ou seja, grupo do *esse, essa e isso*, se a referência for anafórica. Com esta análise, percebemos que essa recomendação não tem sido seguida pelos usuários da língua, ou seja, os usuários usam indistintamente tanto os pronomes do primeiro grupo, quanto os do segundo, seja como anafóricos ou catafóricos.

Fato curioso foi perceber que, em nosso *corpus*, a ocorrência dos pronomes do segundo grupo como catafóricos foi maior que a do primeiro grupo, ou seja, das ocorrências de pronomes demonstrativos catafóricos, 64,7% são pronomes do segundo grupo e 35,3% são do primeiro grupo.

Além dos pronomes demonstrativos *esse, essa, isso, este(s), esta(s) e isto*, foram encontrados também os demonstrativos contraídos com preposições: *disso* e *nisto*.

Vejamos alguns exemplos desses pronomes demonstrativos usados cataforicamente.

(49) Não há como prever se a esperada vitória de Obama, com a habilidade política que lhe é atribuída, atenuará ou encrespará o risco que o circunda. De certo, só isso: a expectativa receosa o seguirá, dentro e fora dos Estados Unidos, na (provável) Presidência.

Com motivo para tanto, porque não há sistema de proteção que possa defendê-lo sempre, ou a qualquer pessoa, na população mais armada do mundo e mais afeita ao uso de suas armas. Armas e usos pessoais, não as que vão ao Iraque, ao Afeganistão e se espalham entre bases incontáveis, porque há as secretas, por todo o planeta. (T27 – Anexo I)

(50) *Essa é direto de Goiânia: **Edir Macedo da Igreja Universal condenado a pagar indenização.** Como é o nome do juiz? JEOVÁ. Jeová Sardinha! Jeová condena Edir Macedo.* (T29 – Anexo I)

(51) *De fato, nesta semana, em seu depoimento aos congressistas, Ben Bernanke chegou a dizer que o maior perigo do pacote era justamente este: comprar **barato demais, desvalorizando os próprios ativos.** As autoridades monetárias dos Estados Unidos querem cortar a carne dos mercadores que se arriscaram estupidamente no mercado de hipotecas, mas sem sangrá-los até a morte.* (T3 – Anexo II)

O exemplo seguinte ilustra o emprego do pronome demonstrativo + advérbio *aqui*, que embora pouco significativo, apenas 3,5% de ocorrências, mereceu nossa atenção, por acreditarmos que o uso do advérbio *aqui* reforce a função catafórica.

(52) JOSÉ SIMÃO
Ueba! O Maluf tá levando um quibe!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

E adorei aquele candidato: “Estou sofrendo acusações ABDOMINÁVEIS!”. Abdomináveis? Vai ganhar na academia do bairro.

*Ereções 2008! A Galera Medonha! Faltam cinco dias! É a xepa! Tô adorando esse aqui: “**Walter, filho da finada Matilde**”. A cidade deve ser um ovo! Essa Matilde devia ser aquela que aplicava injeção, fazia parto, bolo, salgadinho! [...]* (T31- Anexo I)

Com relação ao emprego dos pronomes indefinidos, eles representam 17,48% das ocorrências de catáforas pronominais, sendo os pronomes *tudo*, *algo*, *todos*, *outro*, *outros* e *outra*, os representantes dessa categoria.

Vejamos algumas ocorrências:

(53) *Uma chance já remota para Amy seria uma internação mínima de dois anos numa clínica longe de tudo: da família, dos amigos, da imprensa, do trabalho, do celular e, em resumo, do mundo.* (T87 – Anexo I)

(54) *A Bienal, seu presidente, conselheiros e curadores que continuarem a se omitir precisam aprender algo com Edegar: na Bienal, a repressão não é um fim em si. Confesso que, quando soube da grafiteagem, pensei que fosse um gesto autorizado numa Bienal que ia criar uma praça de convivência que estimulava a participação da cultura pop jovem. Era estratégia de marketing ou efetiva proposta de política cultural?* (T66 – Anexo I)

Em relação ao pronome catafórico *tudo*, observamos que seu uso, muitas vezes, requer uma especificação maior devido a sua característica inespecífica. Na frase “Tudo foi criado por Deus”, entende-se que o pronome *tudo* se refere à totalidade das plantas /animais/ pessoas. Provavelmente ninguém entenderá que as coisas como construções, objetos, automóveis etc., são criações de Deus. Assim, pensamos que esse pronome favorece o uso catafórico, já que ao usá-lo, geralmente, o produtor do texto precisa especificar do que se trata. No exemplo a seguir, podemos constatar essas observações.

(55) *Entre os índios ticuna, a etnia mais populosa da Amazônia brasileira, um grupo de jovens não quer mais pintar o pescoço com jenipapo para ter a voz grossa, como a tradição manda fazer na adolescência, nem aceita as regras do casamento tradicional, em que os casais são definidos na infância.*

Clarício disse que contou aos pais que era gay aos 16 anos. “Meu pai não me maltratava porque sempre gostei de estudar, sempre fiz tudo em casa: limpeza, comida, lavar louça.” (T86 – Anexo I)

Na fala de Clarício, ao afirmar que fazia *tudo* em casa, ele especifica o que é fazer tudo, ou seja, é fazer a limpeza, a comida e lavar a louça. Não é exatamente tudo, visto que os serviços domésticos são mais que os citados pelo ticuna Clarício.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de ocorrência dos advérbios catafóricos de acordo com o *corpus* de análise: *mais, assim, lá*. Esses advérbios representam 9,09% das ocorrências da catáfora pronominal.

(56) *É interessante lembrar que a educação escolar não tem como objetivo apenas o desenvolvimento de habilidades pelo uso do conhecimento, o contato com a cultura e a arte.*

*É principalmente uma prática que leva à integração social. É na escola que o aluno aprende a conviver em sociedade: ocupa, pela primeira vez, um papel social for do núcleo familiar; se integra a um grupo de pessoas diferentes que compartilham o mesmo objetivo, aprende a ser solidário, colaborativo e respeitoso nas relações. E tem mais: **toda criança pode aprender.***

[...]

(T40 – Anexo I)

(57) *BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Entendi a crise. Vai ficar tudo como tá, só que mais caro! E prestação vai ser assim: **a primeira você paga na loja e a segunda na Polícia Federal.***

(T52 – Anexo I)

(58) *ELIANE CATANHÊDE*

Se lá é assim...

BRASÍLIA. Espionagem, às vezes (muitas vezes), é como o jornalismo: surge uma dica, uma “fonte de informação” ou um documento secreto, e, a partir daí, é preciso “preencher lacunas” e “criar um todo plausível”. E é assim que se cometem as maiores barbaridades, como ensina um livro-reportagem sobre os inacreditáveis erros e absurdos da CIA e da DIA (EUA), do BND (Alemanha) e do M16 (Inglaterra) que serviram de pretexto para a invasão do Iraque.

O livro “Curveball” (algo como bola de efeito), do norte-americano Bob Drogin, relata detalhadamente como um engenheiro iraquiano amalucado e viciado em internet manipulou os órgãos de inteligência dos três países até que Bush e Coplin Powell caíram alegremente na esparrela de denunciar um rocambolesco projeto de fábricas móveis de bactérias. [...]

(T102 – Anexo I)

Em relação ao exemplo 58, queremos lembrar que, geralmente, o advérbio *lá* é visto como dêitico, mas pensamos que, nesse caso, é catafórico, pois só saberemos a que se refere o advérbio *lá* se continuarmos a leitura do texto. Entenderemos, então, que o advérbio *lá* se refere aos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra.

Quanto aos numerais usados cataforicamente, verificamos que essa categoria representa 5,59% das ocorrências de catáforas pronominais. Vejamos um exemplo:

(59) *Um é melhor que dois*

*Na sexta-feira, em seu gabinete, Lula teve uma longa conversa com Cristovam Buarque. Falou um pouco de educação e muito de sucessão. Apelou para a necessidade de a base governista ter um só **candidato**. Ou melhor, candidata – o presidente reafirmou sua*

opção por Dilma Rousseff. Buarque perguntou: por que não dois candidatos da base? Lula insistiu: um só é melhor. (T6 – Anexo II)

Apesar de o número de ocorrências de numerais catafóricos ser pequeno, ele foi importante para constataremos que essa categoria também é passível de uso catafórico.

4.3 A catáfora nominal: configurações

Como já afirmamos anteriormente, para a análise das configurações das expressões nominais catafóricas, consideramos como determinantes os numerais, os artigos definidos e indefinidos, os pronomes indefinidos, demonstrativos e possessivos e os advérbios. Já como modificadores, consideramos os adjetivos, orações adjetivas e sintagmas preposicionados.

Vejamos as configurações das expressões nominais catafóricas encontradas em nosso *corpus*.

1) determinante + nome + modificador

a- numeral + nome + sintagma preposicionado

(60) *O período coberto pela mostra, na verdade, vai bem além da vida de Cristo, passando por três momentos-chave da história de Israel e dos territórios palestinos, a chamada Terra Santa: o período israelita (1000 a. C. – 586 a.C.), o do segundo templo (538 a. C. – 70 d. C.) e o período romano ou bizantino (70 d. C. - 640 d. C.). Ao todo, são 16 séculos de história.* [...] (T8 – Anexo I)

b-numeral + nome + adjetivo

(61) *Se na seleção já tinha os três melhores jogadores de todos os tempos – Pelé, Mané Garrincha e Diego Maradona, nesta ordem na modesta opinião do escriba -, nela faltaram dois nomes indiscutíveis, que não estão no livro: o goleiro russo Lev Yashin, de 22 de outubro, para muitos o maior de todos os tempos, apelidado Aranha Negra; e, tão grave como, Mestre Didi, o Príncipe Etíope, eleito o melhor jogador da Copa de 1958, na Suécia, uma Copa que, veja bem, teve Yashin, Mané e Rei Pelé.* (T109 – Anexo I)

c- artigo definido + nome + oração relativa

(62) *Agora a pergunta que não quer calar: “Speed Racer” faz sentido para um jovem de 2008? Parece que não, visto que o filme flopou nas bilheterias.* (T26 – Anexo I)

d- artigo definido + nome + adjetivo

(63) *Agora, as partes boas: o visual é uma mistura inovadora e psicodélica. Impossível dizer onde termina a vida real e começa a computação gráfica.*

Os Wachowski conseguiram manter o ritmo alucinante das corridas de Speed e do Corredor Mascarado, incluindo as paisagens fantásticas dos desenhos, que trazia provas em desertos e florestas (leia abaixo)

E os atores são todos de primeira, com Emile Hirsch (Speed Racer), Christina Ricci (Trixie), John Goodman (o pai), Susan Sarandonm (a mãe) e Matthew Fox (Corredor X). Enfim, é um DVD que vale a corrida à locadora. (T26 – Anexo I)

e- artigo definido + nome + sintagma preposicionado

(64) *Na semana passada, o governo encontrou a solução do problema. Em uma solenidade na Bahia, o presidente Lula anunciou a criação do Ministério da Pesca, que passará a contar com um orçamento anual de 520 milhões de reais, apoiado em uma estrutura que pode ultrapassar os 1000 funcionários e terá representações em todos os estados.*

(T58 – Anexo II)

f- artigo indefinido + nome + adjetivo

(65) *Em 2006, Booker ganhou, com mais de 70% dos votos. Está no meio do mandato e já tem um sucesso vistoso: reduziu drasticamente a taxa de crimes violentos.* (T66 – Anexo II)

g- artigo indefinido + nome + sintagma preposicionado

(66) *VEJA ouviu os dez animados estudantes que aparecem nestas páginas. Seus currículos, separados por muitas diferenças, têm um ponto em comum: todos ficaram em primeiro lugar no último vestibular.* (T63 – Anexo II)

h- pronome indefinido + nome + oração relativa

(67) *O que mais me chamou a atenção, entretanto, foi o fato de que algumas das empresas investigadas e alguns dos suspeitos estavam envolvidos em outras falcaturas perpetradas contra o sistema de saúde: a **máfia dos sanguessugas e as fraudes do antigo PAS da Prefeitura de São Paulo**.* (T71 – Anexo I)

2) determinante + modificador + nome

a- artigo definido + adjetivo + nome

(68) *Stalin, conta que na fase pós-soviética o conflito no Cáucaso foi retomado por agricultores usando tratores “transformados” em tanques. Da ação das forças irregulares redundaram, os maiores abusos: **saques, vilarejos incendiados e mortes**.* (T61 – Anexo II)

b- artigo indefinido + adjetivo + nome

(69) *Já o iatista americano John Dane III, de 58 anos, finalmente realizará um antigo sonho: **ele vai disputar uma Olimpíada pela primeira vez, na classe Star** – a mesma em que competem os brasileiros Bruno Prada e Robert Scheidt.* (T65 – Anexo II)

3) determinante + modificador + nome + modificador

a- artigo definido + adjetivo + nome + sintagma preposicionado

(70) *Com essa formação, a seleção tinha a obrigação de ganhar. Mas o time errou muito, sacou mal e não conseguiu marcar o principal jogador de Cuba: **o central Simon, 21 anos e 2,06m**.* (T94 – Anexo I)

4) determinante + modificador + nome + modificador + modificador

a- artigo definido + adjetivo + nome + adjetivo + sintagma preposicionado

(71) *A mãe de Livni, que como o pai foi militante do Irgun, grupo sionista radical, enfrentou as críticas dos velhos colegas para os quais era anátema devolver territórios aos palestinos, como aconteceu com Gaza. Até morrer, em outubro passado, dizia a única coisa possível para uma mãe judia: **“Minha filha tem sempre razão”**. Tomara que tenha acertado.* (T36 – Anexo II)

5) determinante + nome

a- numeral + nome

(72) *O documento é útil por dois motivos. **Primeiro, para saber que existem seis centrais sindicais no Brasil. Segundo, por revelar o grau de desconexão da realidade por parte dos sindicalistas.*** (T35 – Anexo I)

b- pronome demonstrativo + nome

(73) *E essa manchete: “**Contagem termina em Contagem**”.* (T34 – Anexo I)

c- pronome indefinido + nome

(74) *Eles já foram chamados de muitas coisas: **classe média baixa, eleitores do interior, brancos das áreas rurais, caipiras de cidade pequena.*** (T69 – Anexo II)

d- artigo indefinido + nome

(75) *Lá e mesmo nos Estados Unidos, onde as pessoas não dão sinais de ter perdido a disposição de freqüentar hipermercados, as pequenas lojas de bairro são um fenômeno, acima de tudo, por um motivo: **em países em que a economia prospera, as pessoas vão às compras em muitos momentos do dia e nos mais variados lugares. É exatamente o que começam a fazer os brasileiros agora.*** (T64 – Anexo II)

6) determinante + nome + determinante + modificador + modificador

a- artigo indefinido + nome + advérbio + adjetivo + sintagma preposicionado

(76) *O mais provável é que essa contaminação original tenha se dado por intermédio de um hábito bastante comum na África: **o de comer macacos**. A disseminação do HIV coincide com o crescimento desordenado das cidades da África Central, o que acentuou a falta de higiene e o comportamento de risco de seus habitantes.* (T29 – Anexo II)

b- artigo indefinido + nome + advérbio + adjetivo + oração relativa

(77) *Novos aparelhos e testes de uso doméstico já fornecem resultados tão precisos que evitam uma experiência normalmente demorada e descrita com pouco entusiasmo: **a visita a um laboratório.*** (T40 - Anexo II)

7) determinante + pronome substantivado

a- artigo definido + pronome mesmo/a

(78) *Mais uma longa entrevista de Celso Amorim, agora ao “Le Monde”, e o tema é o mesmo: “**Resta uma pequena chance de concluir o ciclo de Doha**”, no título aspeado.*

8) determinante + determinante + nome

a- pronome demonstrativo + numeral + nome

(79) *Ainda hoje percebemos estes dois movimentos: **tratamentos que se endereçam à classe média** – quando se busca um psicanalista em um consultório, é fácil encontrar um – e **centros de atendimento gratuitos** – aos quais as pessoas podem recorrer nos momentos de instabilidade dos laços sociais.* (T53 – Anexo I)

b- artigo indefinido + pronome indefinido + nome

(80) *BRASÍLIA – Vencida a guerra da eleição, José Serra deveria enfrentar com igual ânimo uma outra batalha: **a greve da Polícia Civil**, que já dura mais de mês, pode piorar muito e se prolongar por um bom tempo, alastrar-se por pelo menos oito Estados e desabar no Congresso.* (T106 – Anexo I)

c- artigo definido + pronome possessivo + nome

(81) *“Isto é uma Olimpíada”, respondeu o atleta. “Você tem de estar preparado para competir a qualquer hora: manhã, noite, meio-dia, meia-noite, não interessa.” Não será a luz matinal que impedirá Phelps de continuar cumprindo o seu destino: **o de ser um tubarão cujas presas são as medalhas de ouro.*** (T60 – Anexo II)

9) pronome demonstrativo substantivado + modificador

(82) *O que essa proposta pretende dar aos gays, e sabe-se lá se terá alguma eficácia, é aquilo a que todo ser humano tem direito: respeito à sua integridade física e moral.*

(T19 – Anexo II)

10) pronome indefinido substantivado + modificador

a- pronome indefinido substantivado + oração relativa

(83) *Ela e outros pais atentos ao que se passa na sala de aula contribuem para algo que, no Brasil, é preciso perseguir com urgência: um bom ensino.* (T11 – Anexo II)

b- pronome indefinido substantivado + adjetivo

(84) *Obama seria o Lula dos EUA, o que, de certa forma, significa ser uma aposta. Apostas se ganham e se perdem. E o país que espera Obama está sacudido pela crise. São 17 bancos quebrando, a recessão chegando e se disseminando pelo mundo. Ele tem carisma, discurso, voto e boa vontade internacional, mas não tem algo fundamental: receita mágica para debelar a crise. Até porque ninguém tem.* (T68 – Anexo I)

11) pronome indefinido substantivado + determinante + modificador

(85) *“Existem tendências perturbadoras na região, como o socialismo antiamericano de Hugo Chávez. Diante dessas tendências, o Brasil representa algo totalmente diferente – um país bem-sucedido com um futuro brilhante.”* (T10 – Anexo II)

12) determinante + determinante + modificador + nome

a- artigo definido + pronome possessivo + adjetivo + nome

(86) *As pesquisas não permitem certezas na eleição desta terça, mas a tendência é a vitória de Obama. E o seu grande trunfo é justamente o seu maior risco: **a expectativa**. Quanto mais alta, maior o tombo.*

(T68 – Anexo I)

13) determinante + adjetivo substantivado

a- artigo definido + adjetivo substantivado

(87) *A questão que ele levanta é a seguinte: **quando, num casal, um dos dois tem o hábito (geralmente, secreto) de assistir a material pornográfico (prática facilitada imensamente pela net)**, será que o outro se sente traído? E será que é certo sentir-se traído nesse caso?*

(T92 – Anexo I)

14) nome + modificador

a- nome + adjetivo

(88) *O Brasil foi excepcionalmente bem nos últimos Jogos Olímpicos. Com catorze medalhas de ouro, ficamos em 14º lugar – destaque para o nadador Clodoaldo Silva, seis ouros. Infelizmente falamos da Para-olimpíada de Atenas, já que na última Olimpíada convencional o Brasil teve desempenho pífio: **três ouros, 23ª posição, atrás de países como Jamaica, Quênia e Etiópia**. Creio que essa diferença de performance entre os dois tipos de competição não seja totalmente acidental.*

(T20 – Anexo II)

15) determinante + determinante + adjetivo substantivado

a- artigo + advérbio + adjetivo substantivado

(89) *Eles conseguiram, no entanto, o mais difícil nesse caso: **manter o foco com admirável disciplina**. A seguir, o grupo dá sugestões de como otimizar o duro período que antecede o vestibular e divide algumas de suas estratégias para resolver a prova.*

(T63 – Anexo II)

16) determinante + pronome demonstrativo substantivado

a- artigo definido + pronome demonstrativo substantivado

(90) “*Trata-se de uma comunidade de pessoas que ambicionam o mesmo: ser reconhecidas por um grande invento tecnológico*”, resume Cláudio. (T67 – Anexo II)

Apresentamos, a seguir, o resumo das configurações das expressões nominais catafóricas encontradas no *corpus*:

TABELA 3: Distribuição das configurações das cataforas nominais

<i>Configuração das cataforas nominais</i>	<i>Percentual de ocorrências</i>
- det. + nome + mod.	26%
- det. + mod. + nome	7%
- det. + mod. + nome + mod.	2%
- det. + mod. + nome + mod. + mod.	2%
- det. + nome	22%
- det. + nome + det. + mod. + mod.	3%
- det. + pronome substantivado	7%
	4%
- det. + det. + nome	4%
- pron. demonstr. substantivado + mod.	9%
	1%
- pron. indef. substantivado + mod.	1%
	8%
- pron. indef. substantivado + det. + mod.	2%
- det. + det. + mod. + nome	1%
	1%
- det. + adjetivo substantivado	
- nome + mod.	
- det. + det. + adjetivo substantivado	

- det. + pronome demonstrativo substantivado

Total	100%
-------	------

Como vimos, são muitas as configurações apresentadas pelas expressões nominais, mas dois tipos de configuração foram mais recorrentes no *corpus*: são as compostas por *determinante + nome + modificador*, com 26% de ocorrências e as compostas por *determinante + nome*, com 22% das ocorrências. Exemplificamos a seguir:

a- Determinante + nome + modificador

Em nosso *corpus*, encontramos 26% de ocorrências desse tipo de configuração. Os determinantes dessas expressões são numerais, artigos definidos e indefinidos; os modificadores são os sintagmas preposicionados, as orações relativas e os adjetivos. Vejamos:

(91) *Marcelo Leite*

O clone que veio do frio

*Uma das maiores emoções que vivi num cinema foi com “parque dos Dinossauros” (1993). Logo no começo do filme de Steven Spielberg, os heróis recém-desembarcados na ilha Nublar deparam com a imagem inesquecível: **uma manada de braquiossauros. Em movimento.***

Cinema em estado puro – ou seja, mentira. Ilusão. Mas quanta beleza... [...]

(T103 – Anexo I)

Temos, nesse exemplo, a expressão nominal composta pelo artigo definido *a* + substantivo *imagem* + adjetivo *inesquecível*.

b- Determinante + nome

Esse tipo de configuração, *determinante + nome*, foi a segunda mais encontrada em nosso *corpus*. Os determinantes que compõem essas expressões nominais catafóricas são os numerais, os pronomes demonstrativos e indefinidos e os artigos indefinidos. Vejamos dois exemplos dessa configuração:

(92) *CLÓVIS ROSSI*

Tá tudo dominado?

[....] *Agora, com as declarações de Pellegrini Magro, o cidadão normal, que não é nem investigado nem investigador, fica no direito de suspeitar de uma de duas coisas: **ou o crime organizado espalhou-se pelas instâncias governamentais e policiais muito mais do que se supunha ou a Polícia Federal abriga um leviano, capaz de lançar tal suspeição sobre figuras do governo, inclusive sobre seu chefe, o ministro da Justiça.***

Afinal, Pellegrini Magro disse também que a PF investiga “infiltração do crime organizado em determinados Poderes”.

Tá tudo dominado?

(T85 – Anexo I)

Nesse exemplo, o núcleo da expressão nominal é o substantivo genérico *coisas*, determinado pelo numeral cardinal, *duas*. No exemplo a seguir, temos uma expressão nominal composta pelo pronome demonstrativo *essa* mais o substantivo *pesquisa*.

(93) *Tamo frito e torrado! Marta e Kassab: dou um pelo outro e não quero troco! E essa pesquisa: “41% dos padres admitem ter relações com mulheres”. E os outros 59% fazem o quê? E diz que sogra é como onça: temos que preservar, mas ninguém quer ter em casa!*

[....]

(T23 – Anexo I)

Ainda em relação às expressões nominais catafóricas, observamos também que aos dois tipos de configurações mais comuns, as constituídas por determinante + nome + modificador e a que se constitui por determinante + nome, podem ser agregadas as demais configurações, ou seja, as apresentadas na tabela 3. Isso é possível se levarmos em conta que em algumas configurações há a presença do modificador e em outras não há. Sendo assim, podemos pensar em dois grandes grupos de configurações: um em que há determinante, modificador(es) e nome e outro em que há determinante(s) e nome. Assim, teríamos:

a- 1º grupo mais recorrente:

-(det.) + mod. + nome = 57%

Nesse grupo, podemos encontrar expressões nominais catafóricas com ou sem determinante, com um ou mais modificadores e em diferentes posições (antes e/ou depois do nome).

b- 2º grupo mais recorrente:

-det. + nome = 43%

Nesse grupo, encontramos expressões com um ou mais determinantes.

Como vemos, a análise das configurações das expressões nominais catafóricas pode nos revelar algumas constatações interessantes: as possibilidades de configuração são muitas, as configurações mais simples são mais comuns e, ainda, o modificador tem papel importante na expressão.

4.4 A catáfora associativa

Lembramos que, em nossa análise, consideramos como catáfora associativa, o tipo de catáfora em que o referente textual não se atualiza explicitamente no texto, mas pode ser recuperado pelo leitor a partir de associações, de informações cotextuais e contextuais. No *corpus*, constatamos a ocorrência de 3,85% de catáforas desse tipo, sendo que, na maioria dos casos, sua realização se dá com o pronome indefinido.

A seguir, apresentamos e comentamos alguns exemplos:

(94) *Tudo a seu tempo*

Um grupo de deputados e senadores acompanhava a visita dos chefes das Forças Armadas ao Congresso, pela comemoração do Dia do marinheiro, quando Garibaldi Alves (PMDB-RN) apareceu mancando.

_ Foi futebol? _ , perguntou Romeu Tuma (PTB-SP).

_ Pior que não... Eu caí mesmo...

_ Cuidado! Já imaginou se alguém ouve e publica: 'Caiu o presidente do Senado'? _ , provocou o líder da bancada do PSB na Câmara, Rodrigo Rollemberg (DF).

Garibaldi, que tem mais de um mês de mandato pela frente e ainda pleiteia a reeleição, descartou a idéia:

_ Ah, não! Me deixa cair só em fevereiro!

(T90 – Anexo I)

Nesse texto, temos o pronome indefinido *tudo* usado cataforicamente no título. Diferentemente do que usualmente ocorre, não encontramos no cotexto um referente explícito desse pronome, o que não nos impede de entender o texto. Quando dizemos *tudo a seu tempo*, essa fala pode servir para várias situações, porém, nesse texto, o *tudo* refere-se à queda de Garibaldi do cargo de presidente do senado. Para Garibaldi, essa queda não deveria ocorrer logo, só na época certa, no tempo certo ou como diz o título – *tudo a seu tempo*.

(95) *Mãe de todos. Apesar de os recursos para consertar os estragos das enchentes em Santa Catarina saírem de um leque de ministérios, o site do PT ontem dava todo o crédito da ajuda federal à sua presidenciável Dilma Rousseff.* (T101 – Anexo I)

Nesse texto, temos o pronome indefinido *todos* usado cataforicamente. Mas, a quem esse pronome se refere? A todas as pessoas? Com a leitura do texto, entendemos que o *site* do PT creditava à Dilma Rousseff, a ajuda aos brasileiros que sofreram com as enchentes em Santa Catarina, apesar de a ajuda ter saído de vários ministérios. Por isso, o produtor do texto, ironicamente, chama Dilma Rousseff de *mãe de todos*. Nesse sentido, *todos* se refere a todas as pessoas, ou seja, ela é realmente a mãe de todos, especialmente dos que sofreram com as enchentes em Santa Catarina.

(96) *Pela Colômbia, tudo*

“New York Times” e “Washington Post” publicaram ontem que, na conversa com George W. Bush, Barack Obama pediu a aprovação do plano de apoio às montadoras americanas, como a General Motors, à beira do colapso. E o presidente republicano indicou que apoiaria, desde que os democratas aprovassem o acordo de livre comércio com a Colômbia.

Ontem, diante do escândalo de vincular a sobrevivência de uma corporação americana a um aliado republicano, o porta-voz da Casa Branca negou. E o site Drudge Report deu na manchete a “raiva de Bush” pelo vazamento, insinuando ter sido de Obama.

(T84 – Anexo I)

Nesse texto, mais uma vez, no título, o pronome indefinido *tudo* foi usado cataforicamente, já que ele nos remete à parte subsequente do texto para sabermos a que se refere. Com a leitura do texto, entendemos que Barack Obama pediu à George Bush que aprovasse o plano de apoio às montadoras americanas. Bush sinalizou que apoiaria o referido plano se os democratas aprovassem o acordo de livre comércio com a Colômbia. Assim, para o produtor do texto, Bush faria qualquer coisa pela Colômbia, até atender a um pedido de Obama, aprovando o plano de apoio às montadoras. Ou seja, o pronome indefinido nos remete aos sacrifícios que George Bush faria pela Colômbia.

Como pudemos observar, as formas remissivas, na catáfora associativa, geralmente são pronomes indefinidos. Nesse caso, o que a difere da catáfora pronominal é que nessa o

referente textual está explícito e naquela, na catáfora associativa, ele é ativado por meio de associações cotextuais e contextuais.

Nesse sentido, os exemplos apresentados demonstram que mesmo em pequena quantidade, esse tipo de catáfora existe, não pode ser ignorado, e se constitui como recurso linguístico eficaz na construção do sentido do texto.

A seguir, apresentamos o resultado do cruzamento entre o tipo de catáfora e a localização da ocorrência.

TABELA 4 : Distribuição dos tipos de catáfora e localização da ocorrência

Local de ocorrência	títul o	subtítulo	corpo do texto	total
Pronominal	46,15%	2,10%	51,75%	100 %
	3,73%	-	96,27%	100%
Nominal	100%	0	0	100%
Associativa				

Como vemos, há uma grande ocorrência da catáfora pronominal, tanto nos títulos quanto no corpo do texto. A ocorrência menor é a que aparece nos subtítulos. A catáfora nominal ocorre quase que totalmente no corpo do texto, porém, há uma pequena ocorrência nos títulos. Já em relação à catáfora associativa, identificamos suas ocorrências somente nos títulos dos textos. Assim, podemos afirmar que o uso da catáfora, especialmente da pronominal e da associativa, nos títulos, pode ser uma estratégia para despertar a atenção do leitor para a leitura do texto.

A seguir, apresentamos o resultado do cruzamento do tipo de catáfora e da fonte:

TABELA 5: Distribuição dos tipos de catáfora e fonte de pesquisa

Tipos de catáfora	Folha de S Paulo	Revista Veja	total
Pronominal	34,24%	20,77%	55,01%
	26,15%	15%	41,15%
Nominal	2,69%	1,15%	
	63,08%	36,92%	3,84%
Associativa			100%
Total			

Considerando o total de ocorrências no *corpus*, constatamos que dentre os três tipos de catáfora, a pronominal é a que apresenta maior percentual de ocorrências (55,01%). Comparando as duas fontes, o jornal *Folha de São Paulo* apresenta o maior número (34,24%) desse tipo de catáfora. Em relação à catáfora nominal, observamos um percentual de 41,15% de ocorrências, sendo que a fonte que apresenta a maior ocorrência também é o jornal (26,15%). A catáfora associativa representa apenas 3,84% das ocorrências totais do *corpus* e a maior ocorrência foi encontrada no jornal *Folha de S Paulo*.

Portanto, é o jornal *Folha de São Paulo* a fonte que apresenta o maior número de atualizações de cada tipo de catáfora. Porém, não podemos deixar de lembrar que, na constituição do *corpus*, há um número maior de textos do jornal, 123, enquanto os da Revista *Veja* são 70. Por isso, não podemos afirmar que o referido jornal faz mais uso da catáfora do que a revista. Talvez se houvesse o mesmo número de textos em cada fonte, não tivéssemos diferenças significativas no número de ocorrências entre tais fontes.

4.5 Os referentes textuais

Passemos, agora, a analisar os referentes textuais encontrados no *corpus*. Primeiramente, apresentamos nossa análise quanto à forma e, em seguida, quanto à função textual, que eles desempenham nos textos.

4.5.1 Os referentes textuais, quanto à forma

Observamos que, quanto a esse primeiro critério, os referentes podem se apresentar como: nomes comuns, nomes próprios, períodos simples, períodos compostos ou textos inteiros, conforme pode ser observado na tabela 6.

TABELA 6: Distribuição dos referentes textuais de acordo com a forma

<i>Referentes textuais</i>	<i>Percentual de ocorrências</i>
Nome comum	3,75 %
Nome próprio	11,78%
Expressão nominal	36,58%
Período simples	18,29 %
Período composto	29,10 %
Texto inteiro	0,50 %
Total	100%

Como podemos observar, a maior ocorrência, entre os referentes textuais, é a das expressões nominais, 36,58% das ocorrências; em segundo lugar, aparecem os períodos compostos com 29,1%.

Verificamos que as expressões nominais, como referentes textuais, aparecem tanto na catáfora pronominal (66%) quanto na nominal (34%). Na catáfora pronominal, a maioria dessas expressões é referente dos pronomes pessoais, 56,3% das ocorrências; porém, elas aparecem como referentes de todos os tipos de formas remissivas da catáfora pronominal, ou seja, aparecem também como referentes dos pronomes demonstrativos e indefinidos, advérbios e numerais.

Apresentamos, a seguir, uma tabela que demonstra essas constatações.

TABELA 7: Distribuição das expressões nominais como referentes textuais da catáfora Pronominal

<i>Formas remissivas</i>	<i>Percentual de ocorrências de</i>
--------------------------	-------------------------------------

	<i>expressões nominais como referentes textuais da catáfora pronominal</i>
Pron. pessoais	56,3%
Pron. indefinidos	16,7%
Pron. demonstrativos	10,4%
Advérbios	8,3%
Numerais	8,3%
Total	100%

Vejamos alguns exemplos:

(97) ELES SÃO DIFERENTES E ADORAM ISSO

Jovens evangélicos não bebem, não fumam, não têm sexo fora do casamento. Mas a rigidez diminuiu, eles se sentem melhores que os outros e acreditam num futuro de prosperidade

JULIANA LINHARES

Eles vão a baladas, namoram, surfam, usam roupas da moda. A diferença entre os evangélicos e a maioria dos outros jovens é que suas festas são sem álcool, o namoro é sem sexo e as roupas, sem exageros – nada de saias pelos pés e cabelos pela cintura, mas decotes e comprimentos moderados. [...]

(T56 – Anexo II)

No texto seguinte, temos uma situação diferente: o pronome pessoal *eles*, usado cataforicamente, nos remete a duas expressões nominais. Ou seja, o referente textual desse pronome é composto por duas expressões nominais: *a impulsiva Luana Piovani* e *o esquentado Dado Dolabella*.

(98) *Melhor sair de perto*

*Sendo eles quem são, não parece nada inconcebível que **a impulsiva LUANA PIOVANI**, 32 anos, e **o esquentado Dado Dolabella**, 28, tenham em questão de minutos passado de extremas manifestações de paixão a um violento bate-boca que redundou em BO, justo na festa de estréia do primeiro monólogo dela. Impensável foi o que sobrou para Esmeralda de Souza, camareira da peça. Ao tentar tirar Luana da briga, ela foi empurrada para longe por Dolabella. Longe mesmo: Esmê, 62 anos, 42 quilos, saiu da refrega com os braços imobilizados. O casal rompeu “para sempre”; Dolabella pediu desculpas; e o show de Luana continua sem Esmê, que prestou queixa à polícia e se recolheu. “Além da lesão física, ela ficou muito abalada emocionalmente. Diz sua filha, Cláudia Luna.*

(T55 – Anexo II)

(99) ESTE, SIM, É INOVADOR

O Firefox 3, da Fundação Mozilla, é o navegador com maior número de inovações. A versão lançada em junho teve 8,4 milhões de downloads em um dia. Além de rápido, o Firefox 3 tem complementos fantásticos como o Cooliris (ex-PicLens), que apresenta imagens da internet em um painel virtual (foto acima). O Ubiquity permite o acesso rápido a mapas ou a vídeos associados a qualquer palavra digitada num texto. Ele corta etapas na navegação.

(T2 – Anexo II)

(100) OUTRO QUE PODIA CONTAR TUDO

O ex-banqueiro Salvatore Cacciola é extraditado e pode esclarecer **escândalo**

Na quinta-feira da semana passada, o ex-banqueiro Salvatore Cacciola desembarcou no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, após vinte horas de uma viagem iniciada no principado de Mônaco, com escalas em Nice e Paris. [...]

(T23- Anexo II)

(101) Todos por um. **Alguns jogadores palmeirenses** reclamam que **seguranças** não deixaram que eles ajudassem **o treinador** na briga.

(T46 – Anexo I)

(102) Um contra todos

O São Paulo terá dificuldades para colocar em prática plano para fazer Marco Pólo Del Nero balançar no cargo. A idéia é convencer **outros clubes** a fazerem oposição ao presidente da FPF, sob o argumento de que ele foi contra um filiado no caso Wagner Tardelli. E pode agir assim com outros. Antes mesmo de ser procurado, Marcelo Teixeira saiu em defesa do cartola da federação. “Se houver esse movimento, vamos iniciar outro, a favor do Marco”, disse o presidente do Santos. Ele tem bom relacionamento com Del Nero e histórico de rugas com o São Paulo. A situação é idêntica à do Palmeiras. Já os corintianos, nos bastidores, afirmam que os são-paulinos têm culpa.

(T47 – Anexo I)

Percebemos também que os períodos compostos aparecem mais como referentes textuais na catáfora nominal, 58,91% das ocorrências. Na catáfora pronominal, eles representam 41,09% das ocorrências e são referentes de pronomes indefinidos, de advérbios e de pronomes demonstrativos. A maior ocorrência é com os pronomes demonstrativos, 44%. Exemplifiquemos:

(103) *Como não somos adivinhos, a missão do jornalista é justamente essa: **dar todos os ângulos de uma notícia, mostrar para que lado rumam os indícios mais fortes, propiciar análise independente das provas disponíveis e dar oportunidade para que todos dêem as***

suas versões. O 'Jornal Nacional' age como a Folha age. Se Nelson de Sá prefere um jornalismo mais assertivo, mas falso, deve tentar achar em outro canal."

ALI KAMEL, diretor-executivo de jornalismo da Central Globo de Jornalismo (Rio de Janeiro, RJ)

(T37 – Anexo I)

(104) *Marcelo Gleiser*

Decifrando a 'mente de Deus'

Somos amantes da regularidade. O que foge aos padrões da normalidade, o comportamento irregular, inesperado, incontrolável, é sempre visto com censura ou mesmo com medo. Isso é tanto verdade na sociedade quanto na natureza.

[...]

*A falta de resultados experimentais indicando a direção certa dificulta muito as coisas. Ou, talvez a natureza esteja tentando nos dizer algo: **a ordem que tanto buscamos nela, é na verdade, a ordem que buscamos em nossas vidas.***

(T65 – Anexo I)

4.5.2 Os referentes textuais, quanto à função textual

Como um de nossos objetivos é analisar a função textual dos referentes, faz-se necessário que precisemos seu valor, ou seja, que precisemos qual é o papel ou função que esses referentes desempenham no texto e sua relação com a forma remissiva.

Nesse sentido, tomando por base nosso *corpus*, percebemos que os referentes podem assumir as seguintes funções: especificar por nomeação, especificar por denominação, especificar por nomeação com predicação¹⁰, especificar por denominação com predicação, explicar, esclarecer, enumerar, exemplificar, reformular, questionar, citar, parafrasear e transcrever. Na tabela, a seguir, apresentamos as ocorrências dos referentes de acordo com a função textual que desempenham nos textos.

TABELA 8: Distribuição dos referentes textuais de acordo com a função textual

¹⁰ Nota: chama-se *predicação* a atribuição de propriedades aos seres ou aos objetos, conforme DUBOIS et al (1993, p.480)

<i>Função textual dos referentes</i>	<i>Percentual de ocorrências</i>
Especificar por nomeação	15,03%
Especificar por denominação	10,09%
Especificar por nomeação com predicação	9,70%
Especificar por denominação com predicação	8,50%
Explicar	17,64%
Esclarecer	15,61%
Enumerar	3,74%
Exemplificar	1,31%
Reformular	2,93%
Questionar	2,90%
Citar	9,84%
Parafrasear	1,71%
Transcrever	1%
Total	100%

Como podemos observar, as funções de explicar (17,64%), esclarecer (15,61%), especificar por nomeação (15,03%) e por denominação (10,09%) são as mais representativas. Porém, se consideramos a função de especificar, sem levarmos em conta o fato de nomear, denominar e predicar, temos um total de 43,32% de ocorrências, o que torna a função de especificar a mais recorrente no *corpus*, praticamente a metade das ocorrências. A função de explicar fica, nesse caso, como a segunda mais recorrente. Isso nos mostra que quando temos a ocorrência da catáfora, é necessário instaurar os objetos de discurso de modo mais específico, ou seja, constituirlos mais elaboradamente, fornecendo mais informações sobre eles.

Também é relevante o número de ocorrências em que os referentes textuais são citações (9,84%).

A seguir, exemplificamos as ocorrências do nosso *corpus*.

(105) *Lya Luft*

Três destinos femininos

Ayaan Hirsi Ali, uma jovem política e escritora somaliana, naturalizada holandesa e residente nos Estados Unidos, disse numa palestra que “as verdadeiras fronteiras são as do pensamento”. [...]

*Tiveram muitas filhas, que geraram muitos filhos, com os rapazes que ousaram delas se aproximar. Fundaram uma comunidade singular em tudo: **pela duração desse isolamento e pela dimensão de sua luta para provar que são dignas de respeito e afeto.** São mulheres de idade ou bem jovens, saudáveis, cara limpa, sorriso aberto, numa fraternidade e cumplicidade comoventes. Ali tudo é de todos, todas se ajudam, todas suportam juntas o isolamento e as calúnias. “Cuidado, lá vêm elas!”, comenta-se quando chegam a outro povoado ou à capital para alguma compra necessária. Tudo lhes é dificultado: **escola, atendimento médico e qualquer direito de cidadania.** [...] (T22 – Anexo II)*

Nesse exemplo, o referente textual explica em que, a comunidade fundada pelas mulheres de um vilarejo, é singular em tudo. Tendo em vista que *tudo* é muito abrangente, é preciso explicar em que, exatamente, ela é singular.

Já no exemplo a seguir, temos um referente textual que especifica o pronome pessoal **la**. Como já esclarecemos anteriormente, chamamos essa função de especificar por nomeação, porque o referente especifica por meio de um nome próprio. Vejamos:

(106) *Lula ainda pode ajudá-la?*

Quanto Lula ainda pode desequilibrar o jogo pró-Marta Suplicy neste segundo turno? Muito pouco, na avaliação da cúpula da campanha de Gilberto Kassab. Não se trata de desprezo pela evidente popularidade de Lula. Mas a turma de Kassab está convencida de que a transferência de prestígio que tinha de ser feita já foi feita no primeiro turno.

(T7 – Anexo II)

A seguir, apresentamos um exemplo da função que chamamos de esclarecer. Como já dissemos anteriormente, entendemos que especificar, explicar e esclarecer podem ser sinônimos, mas, em algumas situações, parece-nos que uma é mais precisa que a outra. Vejamos:

(107) *BATE-PAPO*

“Em relação ao artigo ‘Moda e comportamento’ (ed. de 20/11), acredito que isso tenha a ver com a velha (e triste) história de que mulher brasileira é sensual. Quanto às crianças, não entendo porque as pessoas acham bonitinho vê-las vestindo roupas sensuais.”
ELAINE

*“Muda o tema, mas a receita é a mesma: os pais têm obrigação de tutelar seus filhos. Achar que o filho é maduro aos dez anos é um crime! Alguns deles não abrem mão de sua liberdade (horários, programas etc.) e terceirizam questões básicas como essa: **vestir-se**.”* PATRÍCIA
(T36 – Anexo I)

Nesse excerto, a produtora do texto afirma que “Muda o tema, mas a receita é *a mesma*”, sendo preciso esclarecer de que receita ela fala, pois na parte anterior do texto não há menção da receita, só há a afirmação de que é a mesma. O referente textual, então, esclarece qual é a receita: os pais devem tutelar seus filhos.

Já no exemplo (108), temos um referente textual, cuja função é especificar por denominação. Ou seja, o numeral *um* (forma remissiva) nos remete para o referente *candidato* e, ao fazê-lo, especifica-o. Além disso, é preciso considerar que a identificação desse referente possibilita que na 2ª forma remissiva (dois), esse mesmo referente possa ficar elidido sem que haja prejuízo no entendimento do texto.

(108) Um é melhor que dois

*Na sexta-feira, em seu gabinete, Lula teve uma longa conversa com Cristovam Buarque. Falou um pouco de educação e muito de sucessão. Apelou para a necessidade de a base governista ter um só **candidato**. Ou melhor, candidata – o presidente reafirmou sua opção por Dilma Rousseff. Buarque perguntou: por que não dois candidatos da base? Lula insistiu: um só é melhor.*
(T6 – Anexo II)

Como já afirmamos antes, por meio do programa Varbrul, foi possível fazer alguns cruzamentos de dados. Em relação aos referentes, cruzamos as formas e as funções e obtivemos os dados que apresentamos na tabela 9.

TABELA 9: Cruzamento das funções dos referentes textuais com suas formas constitutivas

	Nome comum	Nome próprio	Período simples	Período composto	Texto inteiro	Expressão nominal
Especificar por nomeação		11,78%				3,25%
Especificar por denominação	3,25%					6,84%

Especificar por nomeação com predicação						9,7%
Especificar por denominação com predicação						8,5%
Explicar			5,15%	11,28%		1,21%
Esclarecer			5,15%	8,03%		2,43%
Enumerar			0,5%	1,21%		2,03%
Exemplificar			0,5%	0,81%		
Reformular			0,81%	1,62%		0,5%
Questionar			1,21%	1,21%		0,5%
Citar	0,5%		4,47%	3,25%		1,62%
Parafrasear			0,5%	1,21%		
Transcrever				0,5%	0,5%	
Total	3,75%	11,78%	18,29%	29,12%	0,5%	36,58%

Os dados revelam que os referentes textuais constituídos por nomes próprios com função de especificar por nomeação são os que mais aparecem no *corpus* em análise, seguidos pelos períodos compostos, principalmente com as funções de explicar e esclarecer; e pelas expressões nominais com diversas funções textuais, mas, principalmente, com as funções de especificação por nomeação e por denominação com predicação.

Em outro cruzamento, foi possível perceber que os nomes próprios e as expressões nominais aparecem mais como referentes textuais da catáfora pronominal, enquanto os períodos compostos aparecem mais como referentes da catáfora nominal, como mostra a tabela 10.

TABELA 10: Distribuição dos referentes de acordo com a forma e tipo de catáfora

<i>Tipos de</i>	<i>Nome</i>	<i>Nome</i>	<i>Período</i>	<i>Período</i>	<i>Expressão</i>	<i>Texto</i>
<i>catáfora</i>	<i>comum</i>	<i>próprio</i>	<i>simples</i>	<i>composto</i>	<i>nominal</i>	<i>inteiro</i>
Pronominal	3,25%	9,34%	8,95%	11,62%	24,39%	0,5%
Nominal	0,5%	2,44%	9,34%	17,48%	12,19%	-
Associativa	-	-	-	-	-	-
Totais	3,75%	11,78%	18,29%	29,1%	36,58%	0,5%

4.6 Outras considerações importantes

4.6.1 Pronomes demonstrativos: catafóricos e/ou anafóricos?

Como já ficou demonstrado na análise dos dados, a orientação da gramática tradicional referente ao uso dos pronomes demonstrativos, em que se determina o uso de *este(s)*, *esta(s)* ou *isto* para o que ainda vai ser mencionado no texto e *esse(s)*, *essa(s)* e *isso* para o que já foi mencionado no texto, não é mais tão observada pelos usuários da língua. Em nossa análise, constatamos um percentual de 64,7% das ocorrências dos demonstrativos catafóricos em que os pronomes *esse*, *essa* e *isso* (e plurais) foram assim usados, ou seja, em referência ao que ainda seria dito no texto. Verificamos também um percentual de 35,3% de ocorrências em que os pronomes *este*, *esta* e *isto* (e plurais) foram usados cataforicamente. Ou seja, os pronomes demonstrativos do 2º grupo (*esse*, *essa*, *isso*) foram mais usados cataforicamente do que os do 1º grupo (*este*, *esta*, *isto*), de acordo com o *corpus*. Não podemos, entretanto, afirmar que os pronomes do 1º grupo são mais usados anaforicamente, visto que não observamos o uso do demonstrativo anafórico.

Mas observamos que esses novos usos dos demonstrativos, às vezes, suscitam algumas dúvidas em relação a que o pronome se refere, ou seja, geram algumas ambiguidades. É o que comentamos, a seguir, a partir dos exemplos arrolados.

(109) CECILIA GIANNETTI

Malucos inofensivos

A fricção urbana sempre produziu muitos destes de boa estirpe, no meu entender e de acordo com minha experiência relacionada ao assunto que é vasta. Considero-me apta a tratar deles, pois sou o que se convencionou chamar de seu “para-raio”.

[...]

Esquinas adiante, aguardo no semáforo ao lado de uma velhota e seu cão e de um rapaz. Este pergunta: “É bravo?” Ela: “Não, se a pessoa não tem medo”. O rapaz se abaixa para acariciar o cão. O animal começa a lamber a boca do rapaz, que não se esquivava. Pelo contrário, permite que lamba sua cara inteira. O rapaz não se levanta, o cão não larga dele, a velha ri. O sinal fechado agora me parece a eternidade. Desejo que um disco voador apareça e leve o trio de volta ao seu planeta de origem. Atravesso antes que alguém decida me lamber também e chego à rua do Catete, onde conheço todos os malucos inofensivos, e os camelôs que se multiplicam dos dois lados de uma calçada estreitíssima, e os distribuidores de papéis de propaganda “Compro Ouro”, etc. Pergunto o preço dos colares de cetim coloridos a um ambulante. “Um colá é oito, dois é três real”. Hein? Não discuto, isso vale para diferentes malucos: melhor não contrariar.

(T121 – Anexo I)

Ao final desse texto, a produtora, depois de relatar a conversa com um ambulante, afirma: “Não discuto, isso vale para diferentes malucos: melhor não contrariar”. Nesse excerto, não conseguimos precisar se o pronome **isso**, em destaque na frase, é anafórico ou catafórico. A que o pronome se refere? Ao fato de não se discutir o preço dos colares, referência anafórica, ou ao fato de que é melhor não contrariar malucos, nesse caso, referência catafórica? Esse exemplo demonstra que, em algumas situações, o pronome demonstrativo pode ser anafórico e catafórico ao mesmo tempo, ou seja, retoma o que foi afirmado antes e nos remete também ao que virá depois na parte subsequente do texto.

Observemos outro exemplo:

(110) [...] “Sempre fui magra demais. Aos 17 anos, meu corpo mudou, ganhei peito, coxa e celulite”, conta. “Para voltar agora, fiz tudo o que existe para emagrecer e tomei todos os cuidados para que a celulite aparecesse o mínimo possível.” Os dois meses anteriores foram praticamente dedicados a isso: Ana fazia exercícios cinco vezes por semana (uma hora de aeróbico, uma hora de musculação pesada), adotou uma dieta controlada (substituiu doces, massas, refrigerante e álcool por frutas, proteínas e 2 litros de água diários), fez muita drenagem linfática e tratamento com alguns aparelhos sugeridos por sua dermatologista.

[...]

(T70 – Anexo II)

Nesse texto, podemos tomar o pronome demonstrativo *isso* como forma remissiva do referente textual que aparece na parte subsequente do texto, sendo, portanto, catafórico. Mas também podemos pensá-lo como anafórico, retomando o que foi dito antes pela modelo

catarinense Ana Cláudia Michels. Em sua volta às passarelas, depois de dois anos e meio sem desfilar, ela declara que sempre foi muito magra, mas que aos 17 anos seu corpo mudou. Para voltar a desfilar, conta ela, fez de tudo para emagrecer e tomou todos os cuidados para que a celulite aparecesse o mínimo possível. Após citar as declarações da modelo, o produtor do texto afirma que os dois meses antes da volta da modelo às passarelas foram dedicados a *isso*. Perguntamo-nos se o *isso* se refere ao que ela disse antes, ou seja, ela passou os últimos dois meses antes de voltar às passarelas, fazendo tudo para emagrecer, tomando todos os cuidados para a celulite não aparecer ou se o pronome se refere ao que aparece depois, ou seja, ela ficou os últimos dois meses, fazendo exercícios cinco vezes por semana, fazendo uma dieta controlada, fazendo drenagem linfática e usando aparelhos sugeridos pela dermatologista.

Em nossa análise, consideramos essas ocorrências como catafóricas, porém, queremos ressaltar que elas podem ser entendidas também como anafóricas, ou anafóricas e catafóricas, já que entendidas, assim, não modificariam substancialmente os sentidos do texto.

É importante ressaltar que alguns autores têm afirmado que pode, realmente, ocorrer anáfora e catáfora ao mesmo tempo. Outros têm discutido a questão da ambiguidade, quando não é possível precisar se a forma remissiva se refere ao que foi expresso antes ou se se refere ao que será expresso depois dela.

Marcuschi, ao definir anáfora e catáfora, afirma que “embora as definições sejam claras e não haja como confundi-las, a realização textual da pronominalização é problemática. Muitas vezes, cria ambigüidades, principalmente, quando há várias probabilidades de referenciação” (MARCUSCHI, 2009, p.111). Ele exemplifica essa questão com a análise de um texto extraído de *Tutaméia*, de Guimarães Rosa. Nesse texto, o pronome demonstrativo *esse* é usado no começo do primeiro enunciado. Marcuschi questiona se o pronome se refere à indagação posta logo depois do título ou a algo que vem em seguida e é identificado como “o problema”.

A seguir, transcrevemos o trecho em que isso ocorre:

(111)

A VELA AO DIABO

E se as unhas roessem os meninos?

ESTÓRIA IMEMORADA.

Esse problema era possível. Teresinho inquietou-se, trás orelha saltando-lhe pulga irritante. Via espaçarem-se, e menos meigas, as cartas da nôiva, Zidica, ameninhamente ficada em São Luís. As mulheres, sóis de enganar... Teresinho clamou, queixou-se – já as

coisas rabiscavam-se. Ele queria a profusão. Desamor, enfado, inconstância, de tudo culpava a ela, que não estava mais em seu conhecer. Tremefez-se de perdê-la.

[...]

Marcuschi analisa ainda outras ocorrências semelhantes e indaga “se as pronominalizações sempre referem elementos da estrutura superficial do texto e nunca entidades não recobráveis nessa estrutura” (MARCUSCHI, 2009, p.114). Ele lembra que, atualmente, os estudos da referenciação têm nos dado outra visão da textualização, ao trazerem ideias novas a esse respeito. Esclarece que a catáfora é “uma forma pronominal com a característica essencial de evocar uma entidade antes de introduzi-la. É um elemento pronominal que depois, no decorrer do discurso, será recuperado com um referente.” (MARCUSCHI, 2009, p.116). Para esse autor, a catáfora tem um uso baixo na fala, sendo mais característico da escrita. Ele aventava a hipótese de que, na fala, usar ou entender um pronome antes de dizer o nome por ele referido é mais difícil, ou seja, teríamos mais dificuldades para entender construções catafóricas.

A seguir, apresentamos mais exemplos em que o elemento linguístico catafórico foi usado de forma a suscitar dúvidas, quanto a seu valor anafórico ou catafórico, ou, talvez, anafórico e catafórico ao mesmo tempo. Vejamos:

(112) *A partir do mês que vem, cientistas do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) devem partir de Manaus para uma série de expedições com o objetivo nada modesto de sequenciar o genoma da Amazônia. Ou quase isso: eles querem descobrir o que torna algumas criaturas aquáticas da floresta tão especiais e, como seu DNA pode ajudar a indústria, a agricultura e a medicina.* (T122 – Anexo I)

Com base nesses exemplos, é possível afirmar que os pronomes demonstrativos podem atuar simultaneamente como anafóricos e catafóricos.

Lembramos que essa situação de dúvida em relação ao elemento linguístico ser anafórico ou catafórico ou anafórico e catafórico não ocorre somente com os demonstrativos. Vejamos um exemplo em que isso ocorre com o advérbio *assim*:

(113) *Sinal vermelho*
FABIOLA RAMON
[...]

É preciso questionar a idéia de que a psicanálise é um tratamento longo e caro. Ela é uma aventura pessoal e deve ser vista como uma história de amor. Assim é a psicanálise: a cura como aventura pessoal. (T53 – Anexo I)

Em relação a esse exemplo, acreditamos que o advérbio *assim*, além de remeter o leitor para a parte subsequente do texto, também retoma algo que foi dito antes (psicanálise como aventura pessoal). O produtor do texto, porém, acrescenta a ideia de que a cura também é uma aventura pessoal, ou seja, isso é proporcionado pela psicanálise.

4.6.2 As duplas atualizações

Observamos também que, muitas vezes, o referente da forma remissiva catafórica pode se atualizar de maneira vaga, com baixa informatividade numa primeira atualização e, em seguida, na parte subsequente do texto, se atualizar novamente de maneira mais clara, específica. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos.

(114) *ELA É UM TERROR*

O xequê Omar Bakri gostaria que a filha fosse mulher-bomba. Mas ela preferiu ser dançarina de boate

TOMAZ FAVARO

O que se deve esperar de uma jovem inglesa cujo pai é o mais conhecido propagandista do terrorismo islâmico na Inglaterra? Yasmim Fostok, de 27 anos, poderia ter seguido as regras impostas por seu pai, o xequê Omar Bakri, que a imprensa londrina apelidou de “pregador do ódio”. [...] (T38 – Anexo II)

Nesse exemplo, o pronome pessoal *ela*, no título do texto, nos remete a *a filha*, que aparece no subtítulo. Como podemos perceber, a expressão nominal *a filha* não esclarece totalmente quem é a pessoa tratada, apenas informa o grau de parentesco de *ela* com o xequê. No entanto, na parte posterior do texto, aparece a especificação desse referente, ou seja, o pronome se refere à Yasmim Fostok, filha do referido xequê Omar Bakri.

No texto seguinte, temos novamente um pronome pessoal, *elas*, que nos remete à *as moças*. Como apenas o uso dessa expressão nominal não esclarece a pessoa tratada, é necessária uma explicitação desse referente, o que aparece em seguida: *elas*, as moças, são Marta e Cristiane, jogadoras de futebol.

(115) *As desconsoladas chuteiras de prata*

Elas são tão poucas e tão humildes que nem de longe lembram os egos inflados de algumas das milionárias estrelas masculinas dos gramados. No entanto, embora o ouro

*olímpico continue inalcançado no país pentacampeão mundial, **as moças** fizeram um papel bem melhor do que os marmanjos em Pequim. Desconsolada, a seleção de **MARTA e CRISTIANE** nem comemorou a medalha de prata. Pela segunda vez seguida, depois de uma bela campanha, o time perdeu uma final para os Estados Unidos – como em Atenas, na prorrogação. “Algumas meninas estavam estressadas e sentiram a pressão”, desabafou Marta. Só existem 1157 jogadoras registradas no Brasil, ou seja, 0,6% do total de homens, contra 15% na Alemanha, 24% na Suécia e 40% nos EUA. As que disputam as poucas competições nacionais ganham em média 2000 reais por mês. Mas a coisa já foi pior. No Estado Novo e no regime militar, o esporte chegou a ser proibido pra as mulheres por se incluir nas modalidades consideradas “incompatíveis com a natureza feminina”.*

(T46 – Anexo II)

Vejamos outro exemplo:

(116) ELAS CONTRA ELE

***Três mulheres** enfrentam Fogaça em Porto Alegre*

*No primeiro turno, a verdadeira refrega em Porto Alegre se dá no campo feminino. Três candidatas de perfil semelhante disputam uma vaga no segundo turno contra o prefeito José Fogaça, do PMDB, à frente nas pesquisas. Elas são esquerdistas, deputadas e reverenciadas como musas de sua agremiação. **A bela Maria do Rosário**, do PT, está em segundo lugar, empatada com **Manuela d’Ávila**, uma espécie de Maria do Rosário catorze anos mais nova. Como a petista, Manuela ganhou fama no movimento estudantil e obteve seu primeiro mandato de vereadora pelo PCdoB. A diferença é que Maria do Rosário trocou de partido depois que foi eleita. Manuela continua lá, mas adotou um comunismo desbotado. Até na bandeira. Em vez do clássico pavilhão, seus correligionários usam um lilás. Em quarto lugar está **Luciana Genro**, do PSOL, que fez escova e caprichou na maquiagem. Um de seus cabos eleitorais é o delegado Protógenes Queiroz, aquele mesmo, da grampolândia.*

(T51 – Anexo II)

Nesse exemplo, o pronome pessoal *elas*, no título do texto, nos remete à expressão nominal *três mulheres*. Observemos como fica vaga esta informação: *três mulheres enfrentam Fogaça em Porto Alegre*. Para mais informações sobre esse referente, ou seja, para que saibamos quem são as mulheres que enfrentarão Fogaça em Porto Alegre, é preciso continuarmos a leitura do texto. A expressão *três mulheres* nos remete a mais uma expressão nominal e a dois nomes próprios: a bela Maria do Rosário, Manuela d’Ávila e Luciana Genro.

No texto (116), temos o pronome pessoal *eles*, no título, que nos remete à expressão nominal, *dois fenômenos do esporte*. Como essa informação não é precisa, na parte subsequente do texto aparecem as especificações acerca desses fenômenos do esporte, que são *o americano Michael Phelps* e *o jamaicano Usain Bolt*, portanto, duas outras expressões nominais. Vejamos:

(117) ELES CONQUISTARAM PEQUIM

*A Olimpíada de 2008 termina neste fim de semana com a marca definitiva de **dois fenômenos do esporte: o americano Michael Phelps**, que superou todas as expectativas e marcas na natação, e **o jamaicano Usain Bolt**, o homem mais rápido do planeta. Os dois são tema de VEJA.com.*

- *PHELPS, O HOMEM-PEIXE Desde que tem consciência do mundo Phelps esteve à beira de uma piscina. A nova página traz fotos da infância, as vitórias na adolescência, a parceria com o técnico Bob Bowman e os recordes inacreditáveis do maior nadador de todos os tempos. Em www.veja.com.br/cronologia*

- *BOLT E JESSE OWENS*

O jamaicano conquistou duas medalhas de ouro e quebrou dois recordes mundiais em Pequim – 100 e 200 metros. Em 1936, o americano Jesse Owens consagrou-se nas mesmas provas dos Jogos de Berlim. A curiosa comparação entre as duas épocas e os dois atletas revela dados como:

- *Bolt tem 1,96 m e 86 kg*
- *Owens, 1,54 m e 61 kg*
- *Bolt fez 100 m em 9s69*
- *Owens fazia 100 m em 10s20*

Em www.veja.com.br/quem

(T54 – Anexo II)

Vejamos mais um exemplo, em que o pronome catafórico é o demonstrativo *estes*, que nos remete a *os governos populistas*, que aparecem especificados na parte posterior do texto: *Equador (Rafael Correa), Argentina (o casal Kirchner), Bolívia (Evo Morales), Venezuela (Hugo Chávez), Paraguai (Fernando Lugo).*

(118) COM AMIGOS COMO ESTES...

Para os governos populistas, o Brasil é o vizinho grandalhão que pode ser surrupiado sem temor de represália.

Equador

***Rafael Correa** expulsou a Odebrecht, seqüestrou os bens da construtora e tentou prender quatro de seus diretores. De quebra, ameaça dar um calote de 240 milhões de dólares no BNDES. A Petrobras já desistiu de operar no país*

Argentina

*O governo do casal **Kirchner** dificulta a compra de empresas locais por companhias brasileiras. A Petrobras ofereceu 200 milhões de dólares pela Esso, mas não conseguiu fechar o negócio devido à oposição oficial*

Bolívia

***Evo Morales** tomou duas refinarias da Petrobras e rasgou contratos para aumentar o preço do gás. [...]*

Venezuela

***Hugo Chávez** limitou a importação de carros brasileiros, a pretexto de economizar divisas e estimular a produção doméstica. [...]*

Paraguai

*O presidente **Fernando Lugo** quer obrigar o Brasil a pagar mais caro pela energia de Itaipu e fazer reforma agrárias nas propriedades dos brasiguaios. [...]*

(T4 – Anexo II)

Esclarecemos que nos casos em que a forma remissiva remete o leitor a um referente inespecífico, vago, sendo necessário, pois, uma nova atualização do referente, como nos exemplos 113 – 118, foram contadas todas as ocorrências, ou seja, computamos a primeira e a segunda atualização do referente e da forma remissiva. Exemplificamos nossa análise com o exemplo 113: a forma remissiva é o pronome *ela* que nos remete ao referente *a filha*. Como esse referente não esclarece muito, é necessária uma nova atualização do referente. Então, *a filha* passa a ser a forma remissiva da segunda atualização do referente textual *Yasmim Fostok*.

4.6.3 Os nomes-núcleo

Embora não tenha sido nosso objetivo analisar os nomes-núcleo das catáforas nominais, não pudemos deixar de observar que a escolha do nome-núcleo também desempenha papel importante na configuração desse tipo de catáfora. Koch (2006) afirma que “a escolha do nome-núcleo e/ou de seus modificadores vai ser responsável pela orientação argumentativa do texto”, (KOCH 2006, p.94). Daí, a razão de nos preocuparmos em observar como as expressões nominais se apresentam no texto.

Como já afirmamos anteriormente, no capítulo destinado à fundamentação teórica, em nosso *corpus*, os nomes núcleos das expressões nominais catafóricas podem ser genéricos, metadiscursivos e metafóricos, como mostramos na tabela abaixo:

TABELA 10: Distribuição dos nomes-núcleo das expressões nominais

<i>Nomes-núcleo</i>	<i>Percentual de ocorrências</i>
Genérico	67%
Metadiscursivo	27,6%
Metafórico	5,4%
Total	100%

Como podemos perceber, há uma grande ocorrência de nomes-núcleo genéricos. Nessas expressões nominais catafóricas é muito comum o uso de palavras ou expressões de sentido vago, inespecífico, o que contribui para essa forma de referenciar, já que conduz o leitor para a continuidade do texto, pois o objeto-de-discurso apresentado na forma remissiva catafórica só ficará claro depois de rebatizado lexicalmente, como mostramos no exemplo a seguir.

(119) [...] *Obama seria o Lula dos EUA, o que, de certa forma, significa ser uma aposta. Apostas se ganham e se perdem. E o país que espera Obama está sacudido pela crise. São 17 bancos quebrando, a recessão chegando e se disseminando pelo mundo. Ele tem carisma, discurso, voto e boa vontade internacional, mas não tem algo fundamental: receita mágica para debelar a crise. Até porque ninguém tem.* (T68 – Anexo I)

Nesse exemplo, temos uma expressão nominal composta pelo pronome indefinido substantivado *algo* mais o adjetivo *fundamental*. O produtor do texto afirma que Obama tem carisma, discurso etc., *mas não tem algo fundamental*. Se o leitor não ler o restante do texto,

não saberá o que é esse *algo fundamental*, visto que o termo *algo* é completamente vago, inespecífico.

A seguir, apresentamos alguns exemplos dos tipos de nomes-núcleos encontrados no *corpus* de análise:

a- Nome-núcleo genérico

(120) *A igualdade é vermelha*

Caçar, rezar e se orgulhar, de ser como são está no sangue dos rednecks, os caipiras do interior que se vêem espelhados na republicana Sarah Palin

*Eles já foram chamados de muitas coisas: **classe média baixa, eleitores do interior, brancos das áreas rurais, caipiras de cidade pequena**. Foi só a governadora Sarah Palin despontar espetacularmente como a candidata a vice-presidente na chapa republicana para que a turma que ela representa à perfeição assumisse [...]* (T69 – Anexo II)

Nesse exemplo, o substantivo *coisas* é o núcleo da expressão nominal. Como sabemos, esse é um termo de sentido indeterminado que pode ser usado para falar de objetos, assuntos, negócios etc. Só a leitura da parte subsequente do texto pode informar sobre a que se refere o termo *coisas*.

b- Nome-núcleo metadiscursivo

Em nosso *corpus*, encontramos muitas expressões nominais em que o nome-núcleo é metadiscursivo.

No exemplo a seguir, temos como núcleo da expressão nominal, o substantivo *pergunta*, que classificamos como metadiscursivo, visto que categoriza a enunciação expressa no referente textual como uma pergunta. Vejamos:

(121) *Parece sânscrito*

*Ela é alegre, entusiasmada, acabou de ser eleita prefeita de Natal pelo PV e todo mundo tem uma pergunta para quebrar o gelo: **de onde vem o nome MICARLA DE SOUSA, 38?** “É mistura de Miriam., minha mãe, e Carlos, meu pai”, informa.* (T68 – Anexo II)

c- Nome-núcleo metafórico

Embora em pequena quantidade, o nome-núcleo metafórico também foi encontrado no *corpus* analisado.

No exemplo seguinte, o nome-núcleo metafórico é o substantivo *quadrado*. Consideramos esse núcleo como metafórico, pois sua primeira acepção refere-se à geometria, que apresenta uma figura com lados iguais e ângulos retos. Neste texto, porém, esse termo é usado para se referir à posição dos jogadores da seleção brasileira masculina de vôlei em campo, forma geométrica do quadrado.

(122) *A equipe base foi a seguinte: Dante e Murilo, nas pontas, Rodrigão e Éder, no meio, o levantador Bruno, o oposto André Nascimento e o líbero Escadinha.*

Com essa formação, a seleção tinha a obrigação de ganhar. Mas o time errou muito, sacou mal e não conseguiu marcar o principal jogador de Cuba: o central Simon, 21 anos e 2,06m.

[...]

*Nos seus anos dourados, o Brasil tinha um quadrado mágico: **Giba, Gustavo, Ricardinho e o líbero Escadinha**. Com eles inspirados, era quase impossível derrotar a equipe.*

(T94 – Anexo I)

Ainda em relação às expressões nominais catafóricas, observamos que muitas delas desempenham papel importante também na organização macroestrutural do texto, “porque predeterminam, em muitos casos, o número de parágrafos ou seções do texto e, por decorrência, a paragrafação gráfica” (KOCH 2006, p. 93). Nesse caso, é muito comum o uso da categoria dos numerais. Apresentamos um exemplo que nos mostra como a expressão nominal *duas coisas* favorece a organização textual no sentido de facilitar a leitura da parte subsequente do texto:

(123) *E quem mais vai ao Salão do automóvel é motoboy. Querem ver nos novos modelos de retrovisor que eles vão quebrar! “Olha aquele ali, mano, irado, todo prateado.” Motoboys invadem o Salão do automóvel. E quebram tudo que é retrovisor. E Salão do Automóvel é sempre assim: carrão e gostosa. Só serve pra duas coisas: **sentir cheiro de couro novo e lembrar como a mulher da gente é feia**. Rarárá!*

*Um amigo meu diz que vai pro salão pra ver duas coisas: **o carro que comprarei e a mulher que comerei**. Daqui a 20 anos. [...]*

(T51 – Anexo I)

Com base nas análises efetuadas, chegamos a algumas constatações:

a- Em relação aos tipos de catáforas:

No *corpus*, temos 55% de ocorrências de catáfora pronominal; 41,15% de nominal e 3,85% de catáfora associativa.

b- Em relação às configurações das catáforas:

Na catáfora pronominal, a categoria mais atualizada é a dos pronomes pessoais, seguida dos demonstrativos; na catáfora associativa, a categoria mais atualizada é a dos pronomes indefinidos. Na nominal, a configuração das expressões nominais mais encontrada foi a composta por *determinante + nome + modificador*, seguida da que é composta por *determinante + nome*.

Os pronomes pessoais são as formas remissivas catafóricas mais utilizadas pela revista *Veja*. No jornal, a forma mais utilizada é a expressão nominal.

Nos títulos, as formas remissivas que mais se atualizam são os pronomes pessoais e indefinidos; no corpo do texto, são as expressões nominais e os pronomes demonstrativos.

A ocorrência do *demonstrativo + advérbio aqui* foi encontrada somente no jornal e nenhuma ocorrência desse tipo foi localizada na revista. Em relação às demais categorias (pronomes demonstrativos, indefinidos, advérbios e numerais), é o jornal *Folha de São Paulo* que mais as utiliza cataforicamente.

c- Em relação aos referentes textuais:

No geral, a forma do referente mais atualizada no *corpus* foi a das expressões nominais seguida dos períodos compostos; sendo que o jornal utiliza mais os períodos compostos e a revista, as expressões nominais.

Na catáfora pronominal, as expressões nominais e os períodos compostos são as formas mais atualizadas dos referentes. Na nominal, os períodos compostos e as expressões nominais, respectivamente.

Os referentes são atualizados quase que totalmente no corpo do texto; há um pequeno número de ocorrências nos subtítulos. Não há referentes atualizados nos títulos. A explicação é óbvia: na catáfora, primeiro aparece a forma remissiva para depois aparecer o referente.

Os referentes da catáfora associativa não foram categorizados, visto que eles não se atualizam explicitamente no texto.

Em relação à função dos referentes, especificar, explicar e esclarecer são as mais atualizadas. As mais encontradas no jornal foram explicar e esclarecer; na revista, especificar e explicar.

Na catáfora pronominal, a função de referente mais atualizada é a especificação. Na catáfora nominal, a função explicar é a mais atualizada.

Na revista, a utilização dos nomes próprios como referentes é maior que no jornal.

d- Em relação à fonte de pesquisa:

O jornal *Folha de São Paulo* foi a fonte que apresentou o maior número de ocorrências de todos os tipos de catáfora. Porém, não podemos esquecer que, na constituição do *corpus*, há mais textos do jornal do que da revista. Nos textos do jornal, há 63,07% das ocorrências; nos da revista, 36,93%. A revista *Veja* é a fonte que utiliza mais a catáfora pronominal nos títulos.

e- Em relação ao local de ocorrência da catáfora:

Levando-se em conta o total de catáforas, a ocorrência é maior no corpo do texto, porém, se observarmos cada tipo, perceberemos que a associativa apareceu somente nos títulos. Já a pronominal, apresenta uma diferença muito pequena entre o número de ocorrências no título (46,15%) e no corpo do texto (51,75%). As ocorrências de catáfora nos subtítulos são mínimas.

Nos títulos, aparece mais a catáfora pronominal. Há um número bastante pequeno de ocorrências de catáfora nominal nos títulos. Esta ocorre quase que totalmente no corpo do texto.

f- Em relação aos nomes-núcleo das expressões nominais:

Os nomes-núcleo genéricos foram os mais atualizados no *corpus*. Em seguida, apareceram os metadiscursivos e os metafóricos.

Diante disso, é possível afirmar que a referenciação catafórica, apesar de ter sido pouco estudada até o momento, pode contribuir de maneira eficaz, para a organização e progressão do texto, para a argumentação e focalização de determinados segmentos do texto e, até mesmo, como estratégia para despertar o interesse do leitor.

A seguir, apresentamos nossa conclusão.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, desenvolvemos um estudo acerca da referenciação catafórica, a partir da análise de textos jornalísticos, publicados pelo jornal *Folha de São Paulo* e pela revista *Veja*. Nosso intuito era categorizar os elementos linguísticos usados cataforicamente bem como os correspondentes referentes textuais. Também pretendíamos levantar as funções dos referentes textuais. Essas tarefas foram desenvolvidas e, agora, podemos discutir nossas constatações.

Verificamos que há três tipos de catáfora: a pronominal, a nominal e a associativa. Na catáfora pronominal, a forma remissiva é um pronome, numeral ou advérbio, o que confirma nossa hipótese inicial de que muitos elementos linguísticos podem ser usados cataforicamente e não somente os pronomes demonstrativos *este(s)*, *esta(s)* e *isto*. De acordo com o *corpus*, os pronomes usados cataforicamente são os pessoais, demonstrativos e indefinidos. Dentre os pronomes, os que mais se destacaram foram os pessoais; dentre os numerais, o destaque foi para os números cardinais; já entre os advérbios, o advérbio *assim* foi o de maior destaque.

Na catáfora nominal, a forma remissiva é uma expressão nominal que pode apresentar diferentes configurações, sendo que a mais utilizada foi a composta por *determinante + nome + modificador*. Na catáfora associativa, em que todas as ocorrências foram localizadas nos títulos, a forma remissiva é um pronome, mas o que a caracteriza é que não há um referente textual explícito no texto; ele é inferível a partir de associações e pistas cotextuais e contextuais.

Por meio da análise do *corpus*, verificamos que a catáfora é muito utilizada em textos jornalísticos. Encontramos um número bastante significativo de ocorrências catafóricas, o que, no nosso entendimento, justifica outros estudos acerca dessa forma de referenciar. Além disso, observamos, que a catáfora pode ser usada com o objetivo de atrair a atenção do leitor, o que ficou bastante claro nas discussões acerca dos títulos dos textos.

Constatamos também que os pronomes demonstrativos têm sido usados indiscriminadamente em relação ao que vem antes (anáfora) ou depois (catáfora). Embora haja uma recomendação, inclusive expressa, no Manual de Redação da *Folha de São Paulo*, para que os autores utilizem *este*, *esta* e *isto* para o que vier depois, percebemos que nem sempre essa orientação é seguida à risca, pois encontramos muitos textos, neste jornal, em que aparece o uso de *esse*, *essa* e *isso* nesta situação, ou seja, sendo usados cataforicamente. Dentre os pronomes demonstrativos, os considerados como pronomes de 2ª pessoa, ou seja, os

do grupo *esse*, *essa* e *isso*, foram os mais utilizados cataforicamente (64,7% das ocorrências), de acordo com o *corpus*.

Essa mudança em relação ao uso dos pronomes demonstrativos, que também foi verificada nos textos da revista *Veja*, às vezes, tem gerado ambiguidades para o leitor, pois, em algumas situações, ficou difícil precisar se o pronome demonstrativo estava sinalizando para o que vinha antes ou depois dele.

De acordo com as análises, percebemos também que o elemento coesivo catafórico pode ocupar diferentes posições na frase e não, necessariamente, imediatamente antes dos dois pontos.

Além disso, percebemos que é possível relacionar o uso da catáfora a uma orientação argumentativa, pois, como afirma Travaglia (2009) um “elemento linguístico é escolhido e usado pelo produtor do texto para atingir uma intenção comunicativa, seu objetivo” (TRAVAGLIA, 2009, p.160). Isso fica bastante evidente quando analisamos algumas das expressões nominais catafóricas, em que o produtor do texto antecipa sua opinião a respeito do que será explicitado na parte subsequente do texto. Ressaltamos que a relação catáfora e argumentação deve ser pesquisada e analisada mais pormenorizadamente, o que não fizemos neste trabalho, já que tivemos que fazer um recorte, como ocorre em todo processo de investigação científica, mas é nosso intuito realizar esse estudo em um trabalho futuro. Acreditamos que não somente as expressões nominais catafóricas podem conduzir uma orientação argumentativa, mas também os pronomes, advérbios e numerais, já que eles podem focalizar determinados tipos de argumentos.

Esperamos que nosso trabalho desperte o interesse de outros pesquisadores para o estudo da catáfora, abrindo novas perspectivas de pesquisas em relação a esse mecanismo de coesão, focalização e argumentação.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. **Éléments de linguistique textuelle**. Paris: Mardaga, 1990.
- _____. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M.M. et al (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- BEAUGRANDE, R. de; W. U. DRESSLER. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1981.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BENTES, A. C. Lingüística Textual. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (orgs.) **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.
- BERNÁRDEZ, E. **Introduction a la lingüística del texto**. Madrid: Espasa Calpe, 1982.
- BORBA, F. S. *et al.* **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BORGES NETO, J. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões referenciais: uma proposta classificatória**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, (44): 105 a 118, Jan./Jun. 2003.
- CORACINI, M.J.R.F. O título: uma unidade subjetiva: caracterização e aprendizagem. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 1, p. 167-188, jun./dez.88.
- CORTEZ, S. L. **Referenciação e Construção do Ponto de Vista**. 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CUNHA LIMA, M. L. **Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência**. 2004. 231 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática, 1991.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Lingüística textual: introdução**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. 10. ed. São Paulo; Ática, 2006.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

_____. **Language, context and text: aspectos of language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** 6 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1992.

_____. O Desenvolvimento da Lingüística Textual no Brasil. **DELTA.** v. 15, n. especial p.165-180, 1999.

KOCH, I. G. V. **A Coesão Textual.** São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I.V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual,** São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. G.V ; MARCUSCHI, L. A. Processo de referenciação na produção discursiva. **DELTA.** v. 14, p. 169–190, 1998.

MARCUSCHI, L.A. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: **ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA,** 1984, Londrina. **Anais.** Londrina: UEL, 1984.

_____. **O tratamento da oralidade no ensino de língua,** São Paulo: Ática, 1993.

_____. Estratégias de identificação referencial na interação face a face. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN,** 1994.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2009.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência.** São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **A Coerência Textual.** São Paulo: Contexto, 1990.

MILNER, J.C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M.M. et al. (orgs.) **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 85-130.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Lingüística Aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas.** Campinas, SP. Mercado de Letras, 1996.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I.G.V., MORATO, E.M., BENTES, A. C. (orgs.) **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais. In: CAVALCANTE, M. M. et al (orgs.) **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Glais Sales (trad. e org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 149-185.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

ANEXO I – Textos do Jornal *Folha de São Paulo*

T1

José Roberto Torero

E o melhor clube do país de 2008 é...

Eleitor leitor, eletriz leitora, eu vos pergunto: em que nobre agremiação votaríeis como o melhor clube brasileiro de 2008? Antes que me digais vossos votos, digo-vos o meu nas linhas abaixo.

Para este gazetista, o grande campeão nacional foi fundado na década de 30. Ele tem um estádio próprio e este estádio tem uma bela história. Em 2008, ele não venceu o torneio estadual, pois caiu nas semifinais, perdendo para o campeão. E em sua altiva bandeira há as cores branca, preta e vermelha.

Sim, é isto mesmo que estais pensando, espertos leitores, o grande clube brasileiro de 2008 é ele, o Atlético Goianiense, o orgulhoso vencedor da Série C.

Os são-paulinos, virtuais campeões, vão protestar, pois seu fantástico tricampeonato realmente é coisa para se orgulhar. E os corintianos, que venceram com folga a Série B, também podem requerer tal galardão, pois conquistaram o troféu com várias rodadas de antecedência.

[...]

Folha de S.Paulo, 25/11/2008 – D4 esporte

T2

É ele. De um peemedebista da Câmara, sobre a nova peça movimentada por seus correligionários na tentativa de manter a presidência do Senado: “Se houver candidato do PMDB, será Sarney”.

Folha de S.Paulo, 13/12/2008 – Painel A4

T3

Ele que fez. A diretoria do São Paulo tem resposta na ponta da língua para Muricy. Admite que falhou nas contratações e que, por conta disso, o elenco deixa a desejar. Mas, dizem os cartolas, 2008 foi o ano em que a comissão técnica teve mais liberdade para indicar reforços.

Folha de S.Paulo, 02/11/2008 – Painel FC D2 esporte

T4

Ele merece. Para Marcelo Teixeira, dinheiro não é problema para levar Vanderlei Luxemburgo de volta ao Santos. O cartola acha que a relação custo-benefício compensa. Mas agora a ideia é seguir com Márcio Fernandes.

Folha de S.Paulo, 29/10/2008 – Paineis FC D2 esporte

T5

JOSÉ SARNEY

Olha ele aí

Quando cheguei ao Palácio do Planalto, o famoso Dragão da Inflação estava no gabinete presidencial, refestelado na larga cadeira de couro vermelho, com “olhos de tigre e corpo de serpente”. Minha obrigação primeira era matá-lo. Mas é um bicho que, na mitologia oriental, faz parte de um dos quatro monstros sagrados que Deus convidou para criar o mundo. Não morre. Houve um tempo em que me enchi de esperança e, com a espada do Cruzado, investi contra sua couraça e, quando eu cantava vitória, ele voltou e quase me engole.

[...]

Folha de S.Paulo, 04/07/2008 – Editoriais

T6

Será que ele vai? A PF passou o dia ontem no estádio do Bezerrão fazendo sua tradicional varredura para o caso de Lula decidir, de última hora, prestigiar hoje à noite o amistoso Brasil x Portugal.

Folha de S.Paulo, 19/11/2008 – Paineis

T7

Ele acredita em duendes?

O GATO, modelo, celebridade e jogador de futebol David Beckham, agora, não desgruda de um amuleto feito de xristais, que usa enrolado no pulso. “Hype” instantâneo, o colar-pulseira-gargantilha ou o que você quiser é uma criação da Energy Muse (www.energymuse.com). [...]

Folha de S.Paulo, 06/09/2008 – vitrine

T8

Viagem a Jerusalém

Com peças do museu de Israel, mostra no MASP recria Terra Santa e reúne evidências arqueológicas que remetem a passagens bíblicas

SILAS MARTÍ

Da reportagem local

Ele não está lá, mas tudo serve para provar que ele esteve, de fato, entre nós. Em uma mostra candidata a “blockbuster”, o MASP montou uma réplica da Terra Santa no subsolo. São cerca de cem peças do Museu de Israel, de Jerusalém, muitas delas evidências arqueológicas de momentos da era cristã narrados na Bíblia. Estão reunidas em uma exposição que será aberta amanhã para o público. O período coberto pela mostra, na verdade, vai bem além da vida de Cristo, passando por três momentos-chave da história de Israel e dos territórios palestinos, a chamada Terra Santa: o período israelita (1000 a. C. – 586 a.C.), o do segundo templo (538 a. C. – 70 d. C.) e o período romano ou bizantino (70 d. C. - 640 d. C.). Ao todo, são 16 séculos de história.

[...]

Faz-se alusão à crucificação de Cristo com evidências arqueológicas, entre elas o único indício tangível da existência de Pôncio Pilatos: uma pedra com uma inscrição que menciona Pilatos como o prefeito da Judéia. Foi ele quem presidiu o julgamento e condenou Jesus à morte na cruz.

[...]

Folha de S. Paulo, 12/08/2008 – E1 ilustrada

T9

‘Há muita pressão, muita gente deprimida’

DE PEQUIM

Ele não tem namorada, não fala de sexo em casa e passa boa parte do tempo livre lendo filósofos como Nietzsche, Bertrand Russell e Schopenhauer.

Considerado mais sombrio que seus colegas de geração, Tang Chão, 15, prepara seu terceiro livro. Ele estuda e mora em Chengdu, metrópole de 12 milhões de habitantes, capital da Província de Sichuanm arrasada por um terremoto em maio passado. Ele falou por telefone à Folha, da sua casa, onde mora com os pais.

[...]

Folha de S. Paulo, 28/07/2008 – Folhateen

T10

Ela voltou. Carla Dualib, que cuidava do marketing corintiano, almoçou nesta semana com Márcio Braga. Foi saber dos projetos do Flamengo e se colocou à disposição do presidente para ajudar.

Folha de S.Paulo, 30/10/2008 – Paineis FC D2 esporte

T11

Ela ainda não veio

“Sempre tive menstruação regular, já que tomo pílula há cinco anos. Mas, neste mês, ela ainda não veio. Sei que passei o mês todo muito nervosa, emagreci quase cinco quilos porque não comia e estou com anemia. Comecei a tomar vitaminas para estresse e remédio para micose. Será que isso influenciou? O que posso fazer?”

Folha de S.Paulo, 15/12/2008 – Folhateen

T12

ELA SE ACHA

A modelo Isabella Fiorentino, 31, não era a preferida do SBT, mas levou a vaga de apresentadora do reality “Esquadrão da Moda” porque era a única entre as postulantes que tinha alguma experiência em TV – ela substituiu Ana Hickmann no extinto “Tudo a ver” (Record). Mas Fiorentino está dando trabalho à emissora. Erra muito, o que atrasa as gravações do programa, que ocorrem em locações, como lojas, e no mesmo estúdio de “Casa dos Artistas”. Ela divide o programa com o stylist Arlindo Grund. Na atração, faz comentários sobre o guarda-roupas dos participantes e dá dicas de vestuário. Ainda não há previsão de estréia.

Folha de S.Paulo, 09/11/2008 – ilustrada

T13

Ela não. A direção do PSDB recebeu uma enxurrada de pedidos de candidatos para confeccionar material de campanha com as imagens de José Serra e Aécio Neves. O partido sugeriu Yeda Crusius para as cidades do Sul, mas, em meio à crise no governo gaúcho, ninguém topou.

Folha de S. Paulo, 13/08/2008 – Paineis A4

T14

elas ainda dão pano pra manga

PATRICIA FIELD, a criadora do guarda-roupa de Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda, lançou uma coleção baseada no famigerado “Sex and The City”, mas usável,

desenvolvida para a loja de departamentos inglesa Marks & Spencer. São 35 peças que refletem a ousadia das heroínas e, mais precisamente, a personalidade forte de Patrícia, que também assina o figurino de “Ugly Betty” e do filme “O Diabo Veste Prada”. Uma das peças-chave da coleção, ao alcance só das inglesas, é o “iconic dress” (75 libras ou cerca de R\$ 240), vestido de um ombro só, preto, modelado ao corpo e com um broche de flor gigante na alça. Bem estilo Carrie. Outro arrasa-quarteirão é o “red one shoulder dress” (65 libras ou cerca de R\$ 210), “justézimo”, com um cinto de fecho dourado para marcar ainda mais a cintura. É cem por cento Samantha. Mas há também peças menos voluptuosas, como o vestido floral (99 libras ou cerca de R\$ 315) e o trench-coat com forro de estampa de leopardo (99 libras ou cerca de R\$ 315). (Manuela Minns)

Folha de S.Paulo, 25/10/2008 –

T15

RUY CASTRO

Chacrinha a bordo

RIO DE JANEIRO – Pronto. As operadoras venceram e eles, finalmente, chegaram ao último reduto: o interior dos aviões. Refiro-me aos telefones celulares. Os jornais deram ontem: o uso dos celulares foi liberado durante os vôos no espaço aéreo europeu. Com isso, podemos apostar que, em breve, a novidade se estenderá também ao nosso lindo céu azul.

[...]

Folha de S.Paulo, 09/04/2008 –

T16

MARCELO COELHO

Loucos, austeros, dorminhocos

Para mim, e acho que para muita gente, eles não passam de nomes de rua: Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Wenceslau Braz, Afonso Pena...

Com o fim da República Velha, esses presidentes brasileiros mergulharam no esquecimento, ou melhor, na grande xícara do “café-com-leite” que serve para caracterizar em bloco uns bons 40 anos de vida política nacional.

[....]

Folha de S.Paulo, 26/11/2008 – E8 ilustrada

T17

Com eles, ninguém atira o radinho de pilha no campo.

Eder Luiz comanda a melhor equipe de craques do rádio brasileiro.

Com eles não tem bola perdida. Entre em campo com a equipe Transamérica Esportes e confira um show de irreverência e credibilidade.

É só sintonizar Transamérica FM 100,1 (São Paulo) e correr para o abraço.

www.transanet.com.br

Folha de S.Paulo, 30/11/2008 – Painei

T18

ELES E SUAS PRINCIPAIS CONQUISTAS

FAVORITO

Evans Cheruiyot

26 anos, queniano

Maratona de Chicago-08, Maratona de Milão-07 e Meia Maratona de Roterdã-07

FAVORITO

Nicholas Koech

26 anos, queniano

Volta da Pampulha, Nike 10k Rio e Meia-Maratona de Bonn, todas neste ano

[...]

ELAS E SUAS PRINCIPAIS CONQUISTAS

FAVORITA

Nancy Kipron

29 anos, queniana

Volta da Pampulha (07 e 08), Corrida Nike 10k Rio-08

ESPERANÇA

Maria Zeferina Baldaia

36 anos, brasileira

São Silvestre-01, Volta da Pampulha-01, Maratona de São Paulo (02 e 08), Meia-Maratonas Rio -08 e Stramilano-08

[...]

Folha de S.Paulo, 31/12/2008 – esporte D1

T19

Eles por eles

Adolescentes escrevem peça que estréia no próximo sábado

“Mãeêêê, fala pra Natasha pegar o controle pra mim que eu tô doente.” Até quem é filho único já teve a oportunidade de testemunhar a cena ao menos uma vez. Esse e outros episódios do cotidiano adolescente são representados na peça “Yoga É Química”, que estréia no próximo sábado, no pequeno teatro da Indac, escola de atores na Vila Madalena.

“É uma peça feita por adolescentes para adolescentes”, afirma Lara Maria Manesco, 15, uma das atrizes do elenco. O texto foi criado com base nas improvisações feitas pelos sete alunos, com idades entre 15 e 17 anos, durante as aulas do curso.

[...]

Folha de S.Paulo, 27/10/2008 – Folhateen

T20

Justo agora!

Eles acabaram de completar 18 anos e de tirar a carteira de motorista, mas não podem mais beber e sair dirigindo;saiba como a lei seca mudou o jeito de cair na balada

Surpreendidos pela lei seca quando finalmente tiraram carta de motorista, jovens contam como estão se virando para sair à noite

LETÍCIA DE CASTRO
DA REPORTAGEM LOCAL

Para muitos jovens fazer 18 anos e tirar a carteira de motorista era o momento mais aguardado da adolescência, quando finalmente teriam liberdade para circular pela cidade sem depender da carona dos pais,.

[...]

Folha de S. Paulo, 28/07/2008 – Folhateen

T21

PAULO RABELLO DE CASTRO

A nova classe média mundial

NA CHINA, eles não passavam de 1% da população ao início dos anos 90. Hoje, em pleno momento olímpico, eles são cerca de 35%. Em 2020, serão a imensa maioria, 70%. A classe média ascendente na China é o grande fenômeno social dos últimos 20 anos. E continuará crescendo em volume surpreendente, pelos próximos 30 anos, não só lá como principalmente na Índia, cuja classe média saltou de 1% para 5% em apenas uma década e comporá a maioria da população por volta de 2030.

[...]

Portanto, duas conclusões são inescapáveis: primeiro, o salto recente da classe média brasileira, comemorado até com certa ingenuidade, como conquista nacional, antes de ser decorrente de políticas sociais internas de amplo alcance, é derivado do “empurrão” que nos

fez sair do buraco do endividamento externo das últimas décadas. As políticas de salário mínimo, Bolsa Família, INSS e crédito consignado têm até colaborado para isso. Mas não teriam feito milagre sem o excepcional aumento da demanda mundial, coincidente com a era Lula.

Segunda conclusão: excluindo os estímulos do câmbio e do comércio exterior, o Brasil ainda está devendo políticas de efetiva e rápida distribuição da renda interna. O juro alto, anormal, aqui praticado, mata mais oportunidades de ascensão dos pobres do que todas as políticas sociais compensatórias, criadoras de renda para essas classes. As poupanças familiar e empresarial não têm canais adequados de acumulação, outra distorção em desfavor da classe média, roída pela carga tributária mais pesada do mundo. Olhando mais para a frente, tampouco parece razoável afirmar que o Brasil tenha um plano e metas educacionais compatíveis com uma suposta diferenciação para melhor, ante a competição dos emergentes asiáticos.

[...]

Folha de S. Paulo, 13/08/2008 – B2 dinheiro

T22

Um é pouco. No evento em que foi assinado termo para aumentar a fiscalização sobre entidades filantrópicas que atuam na área da saúde, anteontem em São Paulo, Lula disse que médico é como economista: deve-se ouvir sempre uma segunda opinião.

Folha de S.Paulo, 19/11/2008 – Painei

T23

José Simão

Dólar! Vou pra PARIScida do Norte!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Crise! Ai Ai Street! Eu quero estabilidade emocional! Dólar sobe, dólar sobe, reduz, baixa, acelera, solta óleo e quebra! Chega de montanha-russa. Montanha-russa só em motel. E com espelho no teto!

E como disse uma perua amiga minha: “Antes eu só lia ‘Caras’, agora tenho que ler o ‘Wall Stret Journal’”. E por enquanto é só o mercado que tá nervoso! Eu só quero ver quando o SUPERMERCADO acordar nervoso!

E toda vez que o dólar sobe, Miami fica mais longe. Viajar ficou mais longe. Em vez de Paris, Pariscida do Norte! Rarárá!

E todo candidato que o Lula apóia perde. Por isso que o Obama fica gritando nos comícios: “Eu não tenho o apoio do Lula, eu não tenho o apoio do Lula”. E essa é velha mas não custa lembrar: avisa pro Lula não confundir Obama com OBRAHMA! Eu apóio Orahma! E aí apareceu o Collin Powell apoiando o Obama. E a sobrancelha dele parece o logotipo da Nike. E eu acho que o Obama é filho do Bezerra da Silva!

E essa aqui: “Marta barrada no CÉU”! Ninguém manda casar com argentino. É pecado mortal! É que ela foi visitar o CEU de Vila Formosa, e a prefeitura não liberou a entrada. Eu acho que o Kassab falou: “Ela foi barrada no céu, mas tô liberando passe livre pro inferno”. Bilhete Único pro inferno. E o Kassab que inaugura puxadinho dizendo que é hospital? PUXADINHO DO KAXAB!

Tamo frito e torrado! Marta e Kassab: dou um pelo outro e não quero troco! E essa pesquisa: “41% dos padres admitem ter relações com mulheres”. E os outros 59% fazem o quê? E diz que sogra é como onça: temos que preservar, mas ninguém quer ter em casa!

[....]

Folha de S.Paulo, 23/10/2008 – E11 ilustrada

T24

ELIANE CANTANHÊDE

Vira-lata? Nem tanto

BRASÍLIA – Barack Obama recebeu cumprimentos de todo o mundo, até do controvertido Irã, mas só deu nove telefonemas no primeiro lote de agradecimentos: para França, Reino Unido, Alemanha, Coreia do Sul, Israel, Japão, Austrália e os vizinhos Canadá e México – único agraciado da América Latina.

[...]

Amorim avisa que a reunião não pode ser só “para tirar foto”, e Guido Mantega dispensa idas ao G-8 “só para o cafezinho”. Mas, mesmo que consiga uns minutinhos com Obama, Lula vai a Washington justamente para isso: tirar foto e tomar cafezinho. Colombiano, claro.

Folha de S.Paulo, 09/11/2008 –

T25

RUBEM ALVES

Carta ao Luigi

A SÍNDROME DE Werdnig-Hoffman é uma doença genética raríssima, sem cura, mortal, também conhecida como atrofia muscular espinhal. As crianças que são vítimas dessa síndrome raramente atingem um ano de idade.

Eu conheço um menininho que é vítima dessa doença. Tem quatro anos e meio e vive permanentemente na cama, cheio de tubos e fios que cuidam que suas funções vitais sejam mantidas. Seu quarto é uma UTI. Ele é cuidado 24 horas por dia por uma equipe de enfermeiros e parentes. Sua diversão é ver televisão, deitado na sua cama. Seu herói favorito é o Tarzã.

Seus pais e avós resolveram escrever um livrinho contando a vida do Luigi e me pediram que escrevesse a apresentação. Foi isso que escrevi:

Meu querido Luigi, menininho valente que gosta de viver!

Seu pai e sua mãe me contaram que o Tarzã é o herói de que você mais gosta.

Quando eu era menino, eu também gostava do Tarzã. Ele era um homem forte, diferente de todos os outros, morava na selva, no meio das árvores e dos bichos. O que me dava mais inveja no Tarzã era quando ele, lá num galho de uma árvore muito alta, se agarrava num cipó e balançava para outra árvore!

Mais do que isso, ele entendia a língua dos bichos. Quando ele estava em perigo, dava um grito terrível que todos os bichos ouviam. E eles, os bichos, elefantes, leões, macacos, vinham correndo para salvá-lo. Eu gostava de ver os filmes do Tarzã e ver as revistas que contavam as suas aventuras. Pois agora esse livrinho vai contar a sua estória. Nessa estória, o herói é você. Todas as pessoas que o lerem vão ficar sabendo das suas aventuras no meio dos perigos! E o mais importante: você não tem medo! Você não foge! Você enfrenta os perigos, briga e vence feito o Tarzã. Muitas pessoas, ao saber das suas aventuras, das suas brigas com os perigos, vão dizer: “O Luigi é o meu herói favorito!”

O Tarzã vivia na floresta de árvores e tinha os animais como seus amigos. Você, diferentemente do Tarzã, vive no meio de outros perigos e os seus amigos nas brigas não são bichos, mas máquinas amigas que ajudam você a vencer as batalhas para continuar a viver.

Sei que você gosta muito de viver. Sabe por quê? Porque você ri. E quem ri tem alegria! Você é um menininho alegre, a despeito dos perigos. E, quando você ri, todo mundo ao seu redor ri também. O seu sorriso espalha alegria por aqueles que estão perto de você.

E agora eu quero lhe contar um segredo... Não sei se você vai entender, mas os grandes entenderão. A vida da gente não se mede pela quantidade de anos que se vive. A vida da gente se mede pela quantidade de alegria que se distribui. Todas as vezes que você enfrenta um perigo, briga e vence, é uma alegria! Todo mundo fica feliz!

Agora eu lhe desejo bons sonhos... Sonhos com Tarzã, elefantes, macacos e leões! Mas você não terá medo porque eles são amigos. Sonhos de que você está lutando contra

inimigos terríveis sem um pinguinho de medo! E, ao fim dos sonhos, depois da sua vitória, todas as pessoas que você ama irão rir de felicidade.

Só de pensar em você eu estou sorrindo.

Um beijo do vô torto,

Rubem Alves.

Folha de S.Paulo, 14/10/2008 – C2 cotidiano

T26

IVAN FINOTTI

EDITOR DO FOLHATEEN

É isso o que acontece quando as crianças crescem, viram adultos e acabam numa posição de poder: tentam reviver a todo custo as alegrias da infância.

Chega 2008 e os irmãos Wachowski, de 40 e 43 anos – que passaram a infância se divertindo com os incríveis desenhos de “Speed Racer” –, querem experimentar novamente esses belos momentos. E inventam de dirigir um filme.

Agora a pergunta que não quer calar: “Speed Racer” faz sentido para um jovem de 2008? Parece que não, visto que o filme flopou nas bilheterias. O filme é ruim? Não. Ex-jovens fãs de Speed – hoje com 30 e muitos ou 40 e poucos – vão gostar? Talvez, mas o fato é que o filme não foi feito nem para eles nem para os adolescentes, e sim para as crianças.

É isso mesmo. “Speed Racer” dos irmãos Wachowski, que sai agora em DVD, é um filme bem infantil. As piadas, as estripulias de Gorducho, as caretas do macaco Zequinha, tudo é feito para os pequenos. A história também é óbvia demais, a menos que você esteja dividindo o sofá com seu irmãozinho.

Agora, as partes boas: o visual é uma mistura inovadora e psicodélica. Impossível dizer onde termina a vida real e começa a computação gráfica.

Os Wachowski conseguiram manter o ritmo alucinante das corridas de Speed e do Corredor Mascarado, incluindo as paisagens fantásticas dos desenhos, que trazia provas em desertos e florestas (leia abaixo)

E os atores são todos de primeira, com Emile Hirsch (Speed Racer), Christina Ricci (Trixie), John Goodman (o pai), Susan Sarandon (a mãe) e Matthew Fox (Corredor X). Enfim, é um DVD que vale a corrida à locadora.

[...]

[...]

Folha de S. Paulo, 20/10/2008 – Folhateen

T27

JANIO DE FREITAS

A democracia em dia

BARACK OBAMA é um homem de coragem. Se por natureza, por desprendimento em razão de ideais ou por ambição desmedida, não faz diferença para a condição sem igual que viveu nos últimos dez meses, no longo percurso da disputa sucessória. Barack Obama é a única pessoa, dentro e fora dos Estados Unidos, que nestes meses não esteve sob a expectativa receosa, e tantas vezes posta em público, de que sua ousadia negra fosse punida com outro dos balaços determinantes na democracia americana.

[...]

Não há como prever se a esperada vitória de Obama, com a habilidade política que lhe é atribuída, atenuará ou encrespará o risco que o circunda. De certo, só isso: a expectativa receosa o seguirá, dentro e fora dos Estados Unidos, na (provável) Presidência. Com motivo para tanto, porque não há sistema de proteção que possa defendê-lo sempre, ou a qualquer pessoa, na população mais armada do mundo e mais afeita ao uso de suas armas. Armas e usos pessoais, não as que vão ao Iraque, ao Afeganistão e se espalham entre bases incontáveis, porque há as secretas, por todo o planeta.

[...]

Folha de S.Paulo, 04/11/2008 – Brasil A11

T28

Dantas contratou advogado para ação de deputado no TCU

BrT fechou negócio de R\$ 1,75 mi para escritório abrir processo em nome de Alberto Fraga

Objetivo de representação era pressionar governo a impedir acordo com fundos de pensão; deputado do DEM atribui ação a advogados

RUBENS VALENTE

DA REPORTAGEM LOCAL

O banqueiro Daniel Dantas, que controlava a Brasil Telecom por meio do banco Opportunity, contratou por R\$ 1,75 milhão um escritório de advocacia de Brasília para dar assessoria jurídica ao deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF) numa representação ingressada pelo parlamentar no TCU (Tribunal de Contas da União).

Sobre o pagamento, Fraga disse: “Um dos funcionários [da BrT] que tinha me avisado, que tinha pedido ajuda, tinha dito exatamente isso: ‘Não, a gente arruma um jeito de dar uma ajuda pra você’. Porque eu não ia pagar honorários”.

[...]

Folha de S. Paulo, 28/07/2008 – A8 brasil

T29

JOSÉ SIMÃO

Ueba! Quero levar sapatada da Simone!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

Essa é direto de Goiânia: Edir Macedo da Igreja Universal condenado a pagar indenização. Como é o nome do juiz? JEOVÁ. Jeová Sardinha! Jeová condena Edir Macedo.

E o Ronalducho pedalando na orla do Rio! Aí pára pra descansar um pouco. Onde? Na barraca Fome Zero. TÁ REDONDO. É verdade. Tô com a foto.

E diz que o São Paulo também contratou o Ronaldo; o Ronaldo Esper. Rarará! Aliás, vocês viram a foto do Ronaldo Esper pelado numa boate em São Paulo? Bizarro. É a primeira vez que eu vejo um jaca mole de óculos escuros.

E esse é o melhor comentário da crise. A televisão pegou uma mulher comprando adoidado num shopping popular. E a repórter: “E a crise? A crise a gente deixa para março”. Maravilhoso! Sensacional! Essa mulher tem que liderar a política econômica mundial. Atenção, planeta Terra: a crise está adiada pra março! É assim que se evita a crise!

[...]

Folha de S.Paulo, 19/12/2008 – E14 ilustrada

T30

BARBARA GANCIA

Às favas a presunção de inocência

NA QUARTA-FEIRA, os 25 desembargadores que compõem o Órgão Especial do Tribunal de Justiça de São Paulo absolveram, por unanimidade, o promotor Thales Ferri Schoedl, acusado de matar a tiros Diego Modánez, 20, e de ferir Felipe de Souza (hoje com 24 anos), em dezembro de 2004, no litoral norte.

[...]

Talvez seja esse o motivo de tanta gritaria: é um caso da classe média se compadecendo com a classe média. Por que digo isso? Ora, nestes dias, outro caso polêmico foi julgado, mas não vi ninguém clamar por justiça.

[...]

Folha de S.Paulo, 28/11/2008 – C2 cotidiano

T31

JOSÉ SIMÃO

Ueba! O Maluf tá levando um quibe!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

E adorei aquele candidato: “Estou sofrendo acusações ABDOMINÁVEIS!”. Abdomináveis? Vai ganhar na academia do bairro.

Ereções 2008! A Galera Medonha! Faltam cinco dias! É a xepa! Tô adorando esse aqui: “Walter, filho da finada Matilde”. A cidade deve ser um ovo! Essa Matilde devia ser aquela que aplicava injeção, fazia parto, bolo, salgadinho! E o apoio dele? “Apoio: primeiramente, de Deus”. Filho da finada recebe apoio de Deus”! Um candidato do ALÉM das expectativas! Rarárá!

[...]

Folha de S. Paulo, 30/09/2008 – ilustrada E9

T32

JOSÉ SIMÃO

Ueba! Portugal lança camisola do Ronaldo!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Sai de perto! Madonna exigiu 10 mil Red Bulls! A fila do gargarejo vai morrer eletrocutada! A periquita dela vai virar uma torradeira! Sendo que os primeiros fãs da Madonna não podem tomar energético. Dá taquicardia! Fui comprar uma camiseta da Madonna em Bangcoc e o vendedor me disse: “Ta lá na seção vintage!”.

[...]

RÔ!RÔ! RÔNALDO! O Papai Noel 2008! Adorei a apresentação do Ronaldo à torcida do Corinthians. Preço do ingresso: 1 kg de alimento. Assim o cara não emagrece nunca. Adorei a declaração dele: “Não vou usar o Corinthians como trampolim”. Nem consegue: o trampolim quebra! E essa: “Timão sonha estrear Ronaldo contra Boca”. Mas ele vai lutar contra o Boca ou pra manter a própria fechada? E o Ronalveca pegou traveco achando que era mulher e veio pro Corinthians achando que é time. Errar é humano, persistir no erro é corintiano.

[...]

Folha de S.Paulo, 13/12/2008 – E2 ilustrada

T33

JOSÉ SIMÃO

Buemba! A Bolsa tá Al Qaindo!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

Ai Ai Street! A cow tá indo pro brejo. Vai faltar brejo para tanta vaca. Vão ter de distribuir senha: “Vaca 4.230! Pode vir pro brejo”.

[...]

E essa: “Morto o nº 2 da Al Qaeda, diz EUA”! É impressão minha ou esse é o terceiro número 2 que os americanos matam? Deve ser tática, vão matando os números 2, os números 3 vão subindo até sobrar só o número 1. A Bolsa tá Al Qaindo. Rarárá!

[...]

Folha de S.Paulo, 17/10/2008 – E12 ilustrada

T34

JOSÉ SIMÃO

Sampa Urgente! O Seu Barriga ganhou!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

O Kassab venceu! O Seu Barriga ganhou. E sabe o que ele vai fazer com o trânsito? Empurrar com a barriga!

[...]

E essa manchete: “Contagem termina em Contagem”. E essa: “Marta perdeu em oito zonas”. Será que o Kassab vai mandar fechar todas? Rarárá! E diz que a Marta não perdeu a eleição. Perdeu o avião! Vôo pra prefeitura: cancelado; relaxa e goza. Vôo o pra prefeitura: atrasado; relaxa e goza! Vôo pra Paris: confirmado; relaxa e goza! Rarárá!

[...]

Folha de S.Paulo, 28/10/2008 – E5 ilustrada

T35

FERNANDO RODRIGUES

As centrais e suas idéias

BRASÍLIA – As centrais sindicais brasileiras enviaram uma carta a Lula. Fazem sugestões para enfrentar a atual crise financeira internacional. O documento é útil por dois motivos. Primeiro, para saber que existem seis centrais sindicais no Brasil. Segundo, por revelar o grau de desconexão da realidade por parte dos sindicalistas.

[...]

A Grande Depressão da década de 30 se aprofundou porque os países adotaram políticas contra o comércio internacional. Essa é a receita das centrais: o Brasil deve enclausurar e resolver as coisas sozinho. No longo prazo, o real seria extinto, estaremos todos comendo rapadura e fazendo escambo.

Folha de S.Paulo, 19/11/2008 – Editoriais

T36

BATE-PAPO

“Em relação ao artigo ‘Moda e comportamento’ (ed. de 20/11), acredito que isso tenha a ver com a velha (e triste) história de que mulher brasileira é sensual. Quanto às crianças, não entendo porque as pessoas acham bonitinho vê-las vestindo roupas sensuais.” ELAINE

“Muda o tema, mas a receita é a mesma: os pais têm obrigação de tutelar seus filhos. Achar que o filho é maduro aos dez anos é um crime! Alguns deles não abrem mão de sua liberdade (horários, programas etc.) e terceirizam questões básicas como essa: vestir-se.” PATRÍCIA

Folha de S.Paulo, 27/11/2008 – equilíbrio

T37

“Nelson de Sá, na nota ‘Rojão’ (‘Toda Mídia’, Brasil, ontem), diz que foi confusa a cobertura do ‘Jornal Nacional’ sobre se foi um tiro ou não o que motivou a invasão do apartamento em que eram mantidas reféns Eloá e Nayara.

[...]

Como não somos adivinhos, a missão do jornalista é justamente essa: dar todos os ângulos de uma notícia, mostrar para que lado rumam os indícios mais fortes, propiciar análise independente das provas disponíveis e dar oportunidade para que todos dêem as suas versões. O ‘Jornal Nacional’ age como a Folha age. Se Nelson de Sá prefere um jornalismo mais assertivo, mas falso, deve tentar achar em outro canal.”

ALI KAMEL, diretor-executivo de jornalismo da Central Globo de Jornalismo (Rio de Janeiro, RJ)

Folha de S.Paulo, 25/10/2008 – Painel do leitor

T38

JOSÉ SIMÃO

Ueba! Não tenho saco pra Papai Noel!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do Sudeste, ops CHUVESTE!

Piada pronta: descobri uma ONG, a Associação das Mulheres Empresárias do Brasil. AMEBRAS! Peraí que eu vou falar com as amebras e já volto. AMEBRAS CONTRA A CRISE! Rarárá!

E essa: “Rodovias paulistas esperam receber 1,3 milhão de veículos no Natal”. Já sei o que vou pedir pro Papai Noel: um pedágio. Um pedágio só pra mim! Aliás, foi inaugurado o pedágio do Rodoanel. O ROUBÁGIO DO ROUBOANEL!

[...]

Folha de S.Paulo, 18/12/2008 – E10 ilustrada

T39

JOSÉ SIMÃO

Socuerro! Morcego transa com a sogra!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! [...]

E essa aqui: “Empresa de águas em Portugal AFOGADA em dívidas”. E mais uma: “Cumbica opera por instrumentos”. Cuíca, pandeiro e reco-reco. Rarárá.

[...]

E adorei essa: “Dantas usa a mulher como laranja”. Então já temos a Mulher Laranja. Era a fruta que faltava.

Folha de S. Paulo, 13/07/2008 – ilustrada E9

T40

ROSELY SAYÃO

Educar para a diversidade

Discursos politicamente corretos: a escola tem se especializado nessa questão. Vamos tratar da expressão “educação para a cidadania” para mostrar o quanto ela é usada apenas como ferramenta de marketing, e não como experiência educativa de fato.

[...]

É interessante lembrar que a educação escolar não tem como objetivo apenas o desenvolvimento de habilidades pelo uso do conhecimento, o contato com a cultura e a arte. É principalmente uma prática que leva à integração social. É na escola que o aluno aprende a conviver em sociedade: ocupa, pela primeira vez, um papel social for do núcleo familiar, se integra a um grupo de pessoas diferentes que compartilham o mesmo objetivo, aprende a ser solidário, colaborativo e respeitoso nas relações. E tem mais: toda criança pode aprender.

[...]

T41

MARINA SILVA

Não é amor

ATREVO-ME A alguns comentários leigos sobre os casos, em grande evidência, de seqüestro e assassinato de mulheres muito jovens por seus companheiros, namorados ou maridos também muito jovens. Limito-me a manifestar um terrível mal-estar, que é, ao mesmo tempo, tentativa de entender.

O caso da adolescente Eloá, de Santo André, parece ter provocado um surto. De Goiás, da Bahia, a notícia traz nomes e situações diferentes, mas, no fundo, é a mesma: após décadas de conquistas femininas e da queda de tantos tabus, a relação homem-mulher ainda é presa de uma cultura doente de posse e anulação do outro.

[...]

Folha de S.Paulo, 27/10/2008

T42

Para negociador da Swat, polícia pôs vida da menina em risco

MÁRCIO PINHO

MARIO CESAR CARVALHO

DA REPORTAGEM LOCAL

A conduta adotada pela polícia de São Paulo ao permitir a volta de Nayara, de 15 anos, ao apartamento onde estão Lindemberg e Eloá foi considerada um erro por especialistas de organizações de segurança brasileiros e de importantes entidades internacionais entrevistados ontem pela Folha. A explicação foi a mesma: porque coloca mais uma vida em risco.

[...]

Folha de S.Paulo, 17/10/2008 – Cotidiano

T43

Sem-terra impedem brasiguaios de plantar

No departamento de San Pedro, brasileiros não conseguem semear e colher soja em terras reivindicadas pelo movimento

Com período ideal para cultivo chegando ao fim, tensão cresce, e produtores ameaçam pegar em armas contra os manifestantes

JOSÉ MASCHIO

DA AGÊNCIA FOLHA, EM LIMA (PARAGUAI)

Na última terça-feira, o agricultor brasileiro Ildo Kaeffer e seu filho Marcelo, 23, tentavam preparar a terra da família, em Lima, departamento de San Pedro (norte do Paraguai). Uma brigada de mais de 200 sem-terra paraguaios os impediu. Seu trator foi apreendido.

Há seis meses, produtores brasileiros e paraguaios vivem o mesmo drama dos Kaeffer. Estão impedidos de plantar ou colher em suas lavouras.

“É uma situação insustentável. Para colher a safra de inverno, tivemos que negociar muito. Agora nos impedem de plantar a safra de verão”, afirma Ildo, que também tem cidadania paraguaia. Ele só recuperou o trator depois que acionou a Polícia Nacional do Paraguai.

Nos três principais municípios agrícolas de San Pedro – Lima, Santa Rosa e General Resquín -, a cena é a mesma: na terra preparada para o plantio, mas não semeada, é possível ver estacas de madeira com as cores da bandeira do Paraguai que mostram que os sem-terra já demarcaram suas áreas.

[...]

Folha de S.Paulo, 25/10/2008 – A18 mundo 1

T44

RUY CASTRO

A pirataria máscula

RIO DE JANEIRO – Até há pouco, quando se falava em pirataria, o que vinha à mente eram CDs, DVDs e demais bugigangas eletroeletrônicas dos camelódromos, oriundas do Paraguai ou da China. Por causa dela, nossos outrora românticos camelôs pararam de vender artigos essenciais, como ioiô, pente Flamengo e cortador de unhas.

[....]

Os cargueiros de hoje, supercomputadorizados e com uma tripulação mínima e quase desarmada, tornaram-se uma teta para os piratas. Já aconteceram 95 ataques este ano, e há 17 navios em poder dos corsários. O cenário é quase sempre o mesmo: o golfo de Aden. Mas a ameaça se estende a todo o oceano Índico.

[...]

Folha de S.Paulo, 22/11/2008 – Painel do leitor

T45

Doha, de novo

Mais uma longa entrevista de Celso Amorim, agora ao “Le Monde”, e o tema é o mesmo: “Resta uma pequena chance de concluir o ciclo de Doha”, no título aspeado.

Descreve a chance como “intuição” de Lula. Que não está sozinho, diz o jornal, no artigo “Lula e Pascal Lamy movem céu e Terra”.

[...]

Folha de S. Paulo, 13/08/2008 – Toda Mídia A8 brasil

T46

Todos por um. Alguns jogadores palmeirenses reclamam que seguranças não deixaram que eles ajudassem o treinador na briga.

Folha de S.Paulo, 22/11/2008 – D2 esporte Painei FC

T47

Um contra todos

O São Paulo terá dificuldades para colocar em prática plano para fazer Marco Pólo Del Nero balançar no cargo. A idéia é convencer outros clubes a fazerem oposição ao presidente da FPF, sob o argumento de que ele foi contra um filiado no caso Wagner Tardelli. E pode agir assim com outros. Antes mesmo de ser procurado, Marcelo Teixeira saiu em defesa do cartola da federação. “Se houver esse movimento, vamos iniciar outro, a favor do Marco”, disse o presidente do Santos. Ele tem bom relacionamento com Del Nero e histórico de rugas com o São Paulo. A situação é idêntica à do Palmeiras. Já os corintianos, nos bastidores, afirmam que os são-paulinos têm culpa.

Folha de S.Paulo, 12/12/2008 – D2 esporte Painei FC

T48

Todos por Emília

O presidente do Senado, Garibaldi Alves (PMDB-RN), pediu. O ex- José Sarney (PMDB-AP) também. O líder da bancada do PSDB, Arthur Virgílio (AM), ameaçou tirar a relatoria do correligionário Sérgio Guerra (PE) se este não produzisse a toque de caixa um parecer favorável à indicação de Emília Ribeiro para ocupar uma vaga no Conselho Diretor da Anatel, onde já é sabido que ela será voto decisivo para mudar a legislação de modo a permitir a fusão Brasil Telecom-Oi – raro consenso entre governo e oposição.

Conforme pedido, o relatório de Guerra, quarto item na pauta de hoje da Comissão de Infra-estrutura, defenderá a indicação, mesmo registrando que faltam credenciais técnicas à candidata de todos. Sobre a BrOi, o texto do tucano não emitirá juízo.

Folha de S. Paulo, 13/08/2008 –Painei

T49

Mais um. No vácuo de opções para a próxima presidência do PT, o deputado federal Vicentinho (SP) lançou sua candidatura durante seminário da ala dominante do partido, no fim de semana. Ex-presidente da CUT, ele diz ter obtido de Lula autorização para trabalhar seu nome.

Folha de S. Paulo 09/12/2008 – Painei A4

T50

SONINHA

Pelo direito à alegria

HÁ QUEM defenda que título da Série B não merece comemoração. Como o ex-presidente Alberto Dualib: “Temos que ir para casa quietos”.

Imagine, que desperdício de alegria...

“Eu comemora título mundial, brasileiro...”, prosseguiu, na versão 2008 do “eu ganhei, vocês perderam”. Como se não tivesse responsabilidade alguma pelo descenso. Aliás, Dualib garante: “Comigo não cairia”. O que quis dizer com isso? Que entraria em campo para bater pênaltis, subir na área nas cobranças de escanteio, anular o principal jogador adversário com, marcação impecável? Ou, usando de suas, ahn, prerrogativas, tomaria algum outro tipo de providência para evitar resultados desfavoráveis?

Outros que pensam como ele se recusaram a ir ao estádio durante toda a temporada. Há casos de mágoa sincera, renitente, mas alguns fizeram muito esforço para não dar o braço a torcer no sábado. Sorriram no sofá, deram um silencioso soco no ar, saíram à janela, apenas para apreciar o fim de tarde, não pra curtir a brisa do acesso...

A subida antecipada pode tirar esse pessoal do armário do fingido nem-te-ligo. “Agora que voltou para a Série A, de onde nunca devia ter saído, tem a obrigação de ser campeão! Quero ver! Nada de salto alto, nada de se contentar com pouco!” E sairão de casa com uma camisa (antiga!) e se misturarão à massa dos vestidos de “Não pára, não pára, não pára”, “Nunca vou te abandonar”, “Eu voltei”... Com saudade de roer as unhas, de ter medo de verdade (já pensou terminar o ano sem o título?), secretamente orgulhosos de pertencer à turma que se distingue exatamente pela fidelidade nos momentos difíceis.

Também há quem diga que cair é bom. “Às vezes, a Série B traz humildade e busca de valores que estavam esquecidos”, disse Mano Menezes. Mas disse também que “os clubes grandes não precisam passar pela Série B do Nacional para se reestruturar”. Ou não deveriam precisar... Não deveriam se crer imunes, inatingíveis. Deveriam saber que no esporte é assim: dinheiro ajuda, mas sozinho não resolve; sorte interfere, mas não se deve contar com ela; um

passado de glórias não conta pontos na tabela. Uns ganham e outros perdem e os que perderem mais do os outros têm de pagar sua pena, conforme regras definidas.

[...]

Folha de S.Paulo, 27/10/2008 – D24esporte

T51

JOSÉ SIMÃO

Uau! Motoboy invade Salão do Carro!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Salão do Automóvel! O Lula foi ao Salão do Automóvel! Acabar com o estoque de carro a álcool! Deve ter bebido todos os carros. Ele não comprou os carros, ele BEBEU os carros. Rarárá!

E quem mais vai ao Salão do automóvel é motoboy. Querem ver nos novos modelos de retrovisor que eles vão quebrar! “Olha aquele ali, mano, irado, todo prateado.” Motoboys invadem o Salão do automóvel. E quebram tudo que é retrovisor. E Salão do Automóvel é sempre assim: carrão e gostosa. Só serve pra duas coisas: sentir cheiro de couro novo e lembrar como a mulher da gente é feia. Rarárá!

Um amigo meu diz que vai pro salão pra ver duas coisas: o carro que comprarei e a mulher que comerei. Daqui a 20 anos.

[...]

Folha de S.Paulo, 30/10/2008 – ilustrada E11

T52

JOSÉ SIMÃO

Uau!A greve ta mais feia que o Serra!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Entendi a crise. Vai ficar tudo como tá, só que mais caro! E prestação vai ser assim: a primeira você paga na loja e a segunda na Polícia Federal.

[...]

Folha de S.Paulo, 22/10/2008 – ilustrada E11

T53

Sinal vermelho

FABIOLA RAMON

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

Um dos principais nomes da psicanálise mundial, o francês Eric Laurent, discípulo direto de Jacques Lacan (1901-81), defende que o método criado por Freud “é um discurso de crise, não de conformismo”.

Por isso, ao contrário do que dizem seus detratores, ele está vivo, contrapondo-se à febre dos medicamentos tarja preta e pode ajudar os indivíduos a atravessar o atual momento de instabilidade por que passa o mundo.

Laurent, que participou da fundação da Escola da Causa Freudiana, em Paris, nos anos 1980, é autor de, entre outros, “Sociedade do Sintoma” (Ed. Contracapa, 2007).

Nele denuncia o que chama de “medicalização da existência, mas admite que um tratamento analítico de longa duração não é indicado para todos e aponta a necessidade de a psicanálise estar atenta às transformações do século 21.

Leia a seguir a entrevista concedida à Folha em seu consultório, em Paris.

[...]

Ainda hoje percebemos estes dois movimentos: tratamentos que se endereçam à classe média – quando se busca um psicanalista em um consultório, é fácil encontrar um – e centros de atendimento gratuitos – aos quais as pessoas podem recorrer nos momentos de instabilidade dos laços sociais.

É preciso questionar a idéia de que a psicanálise é um tratamento longo e caro. Ela é uma aventura pessoal e deve ser vista como uma história de amor. Assim é a psicanálise: a cura como aventura pessoal.

[...]

Folha de S.Paulo, 30/11/2008

T54

DÉBORA YURI

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Todo mundo vestido de branco, confraternização, espumante a rodo, rituais de sorte como comer lentilha e pular sete ondas, música animada, contagem regressiva para receber o novo ano e abraços amigos à meia-noite em ponto.

Descrição da noite de Réveillon, certo? Errado. O estudante de biomedicina Egthor Souza Ramos, 19, prefere assim:

Todo mundo vestido igual, falsidade, gente bêbada ou querendo beber de graça em festas, simpatias bobas para dar sorte que não mudarão a sorte de ninguém, música irritantemente ruim, data escolhida aleatoriamente e abraços em gente que está pouco se importando com quem abraça.

[...]

“O ar dessa noite é carregado, negativo. As pessoas acham que é um dia em que têm que fazer tudo, beber, transar”, diz Gabriela Morales Diaz, 22, uma crítica das obrigações que acompanham o 31/12. “Não rola união familiar, e todo mundo se sente obrigado a ser feliz.”

Ela enumera outras razões para odiar o Réveillon: a música predominante é a baiana, os jovens ficam bêbados, acontecem acidentes nas estradas e com fogos de artifício, o trânsito fica insuportável nas praias...

[...]

Folha de S. Paulo 29/12/2008 – Folhateen

T55

RICARDO MELO

AI-5 trabalhista

É SEMPRE assim. A cada crise, lideranças empresariais aproveitam a brecha para falar em “flexibilização de direitos trabalhistas”. Eufemismos à parte, o que se quer é liberdade para demitir com o mínimo de custos – de preferência, sem nenhum custo.

Desta vez, o chefe do coral foi o presidente da Vale, Roger Agnelli. Teve o mérito de chamar a coisa pelo nome: “medidas de exceção”, nada mais apropriado num momento em que os brasileiros relembrem os 40 anos do AI-5. [...]

Folha de S. Paulo 18/12/2008 – A2 Opinião

T56

VINÍCIUS TORRES FREIRE

A crise dos mísseis financeiros

NÃO É exagero dizer que o mundo depende da rolha trilionária com que o governo americano pretende tapar uma parte do rombo financeiro.[...]

De resto, o governo americano, além de estatizar bancos, subsidia a oligopolização de seu sistema financeiro. A compra do Wachovia pelo Citi foi assim: leva barato que o governo garante perdas eventuais com os mais de US\$ 300 bilhões de papéis podres do Wachovia. Como no caso da compra do Bear Stearns pelo JPMorgan.

Mas não vai dar para conter o rolo assim, no conta-gotas bilionário, pois a crise virou bola de neve.

Folha de S. Paulo, 30/09/2008 –E6 ilustrada

T57

Funerária do interior de SP promove velório temático inspirado na vida do morto

VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO
DA REPORTAGEM LOCAL

Um enterro em que o defunto, sempre o personagem principal, recebe cenário e produção artística. Inspirada na experiência de Lãs Vegas, uma funerária do interior de São Paulo passou a promover recentemente velórios temáticos em que são feitas homenagens ao morto com aquilo que ele fez de melhor ou mais gostava de fazer em vida.

O negócio é assim: defunto pescador ou fã de pescaria, velório com anzóis, caniço, molinetes, samburá, redes, lanternas, fotos (para provar que as históricas do pescador não eram mentira) e até motor de popa usado no barco.

Em geral, os adornos são peças e objetos pessoais que pertenceram ao morto e são doados pelos familiares para montar o cenário fúnebre.

[...]

Folha de S. Paulo, 25/07/2008 – cotidiano C5

T58

RUBENS RICUPERO

Moral da crise

AS ANÁLISES da crise financeira falam de tudo, menos de moral e de política. Dão a impressão de que o problema se limita a aspectos técnicos, sem vinculação com os valores éticos e independentes das relações de poder.

Joseph Stiglitz foi o único a observar que a crise teria sobre o fundamentalismo de mercado o mesmo efeito que teve a queda do Muro de Berlim sobre o comunismo. Poderia ter acrescentado que a ligação dos dois eventos não é só comparativa. O fim do socialismo foi um maremoto político. O vácuo ideológico e o desequilíbrio de forças conseqüentes tornaram possível aquilo que era antes inconcebível: a absoluta hegemonia dos mercados financeiros e os excessos responsáveis pelo colapso atual.

[...]

Folha de S. Paulo, 26/10/2008 – B2 dinheiro

T59

ELIANE CANTANHÊDE

Sim, não, talvez

ASSUNÇÃO – O EX-BISPO Fernando Lugo toma posse na Presidência do Paraguai amanhã e pode criar uma saia justa para o Brasil. Mas há dois Brasis. Um do presidente Lula e do chanceler Amorim, cheios de amor e de investimentos para dar; outro da área técnica, pronta para dizer “não, não e não” para mudanças em Itaipu.

[...]

Mas, para a política (Lula) e a diplomacia (Amorim), o pragmatismo, aí, é outro: para ser líder, precisa ser bonzinho com os pobres.

[...]

Folha de S. Paulo, 14/08/2008 – A2 Opinião

T60

PASQUALE CIPRO NETO

“Eis que Jesus me premeia”

[...]

Vejo num texto de Luiz Nader que, quando a canção foi lançada, alguns críticos “logo apontaram o dedo para um ‘erro’ de português que saltava aos olhos”. O tal “erro” era justamente a forma ‘premeia’. Ainda de acordo com Nader, Cartola ficou triste com as críticas e até deixou de cantar o samba, porém, entre amigos, disse que, no momento da composição, ficou em dúvida, mas, como lera “premeia” em ninguém menos do que Vieira, acabou empregando essa flexão verbal ‘errada’.

Peço ao leitor que leve em conta as aspas em “erro”, “errada” etc. Para quem não captou o porquê das aspas: não há erro em “premeia”. A questão é outra: não é de erro ou acerto. De fato, há “premeia” não só em Vieira, mas também em muitos clássicos portugueses e brasileiros. Na língua viva de Portugal, formas como “negoceia” e “premeia” apresentam uso corrente; no português brasileiro formal moderno, essas flexões não encontram registro, e aí está o nó da letra de Cartola.

[...]

Folha de S.Paulo, 06/11/2008 – C2 cotidiano

T61

MARIA INÊS DOLCI

SUA MAJESTADE, O CONSUMIDOR

Em meio à crise que se abateu sobre quase todos os países, em maior e em menor grau, o Brasil tem sido insistentemente citado como “diferente”. No caso, positivamente, porque teria condições para, digamos, sofrer menos, no ano que vem, do que economias maiores, mas mais afetadas pela fuzarca financeira dos últimos anos.

[...]

Logo, o comerciante que quiser lucrar nos próximos meses ou anos terá de fazer algo que já deveria, mesmo sem crise nenhuma: respeitar e tratar bem os consumidores. Quando o

dinheiro for curto, ninguém mais submeterá a falsas ofertas, filas intermináveis, descortesia, produtos “bichados”, serviços de péssima qualidade.

Isso vale para as teles, para a banda curta (larga só no nome!), para qualquer tipo de produto ou serviço. O consumidor não pede tapete vermelho, cartões de aniversário nem os excessos do “e-mail marketing”. Ele quer algo simples: que lhe entreguem o que foi prometido. Que o Custo Efetivo Total (CET) esteja exposto em letras garrafais, sem subterfúgios. Também não aceitará que haja uma etiqueta enorme, com um preço relativamente baixo, e que só ao pé dela, em letras ilegíveis, venha a informação de que deverá multiplicar o valor por quatro ou cinco vezes. Pensem nisso, senhores empresários e vendedores. Ou se preparem para perder muitos negócios daqui para frente.

[...]

Folha de S.Paulo, 25/10/2008 – 4 vitrine

T62

Usa >> POR KATHLEEN PARKER

Algo aconteceu

Que diferença faz um dia.

Não é possível exagerar a importância do que aconteceu nos Estados Unidos em 4 de novembro de 2008.

A eleição do afro-americano Barack Obama para a Presidência deste país marcado pela escravidão não foi nada menos que uma revolução. Um abalo sísmico. Um marco absoluto na história americana, que ficará dividida entre o antes e o depois.

Começemos por aqui: perto da meia-noite, uma hora depois da notícia de que Obama vencera e momentos após seu discurso de aceitação da Presidência, ouço um rugido na calçada. Saio à rua e vejo centenas de pessoas – exércitos de festeiros – correndo pela M Street, a artéria principal, que percorre o bairro histórico de Georgetown e faz a conexão com Pennsylvania Avenue [onde fica a Casa Branca].

Buzinas soam, pessoas aplaudem, cachorros latem. Parecia Pamplona, sem touros.

A multidão se movimentava em arranques e paradas, enquanto onda após onda de pessoas, em sua maioria jovens, avançavam em direção à Casa Branca, distante mais ou menos um quilômetro e meio. As pessoas corriam. Chamavam táxis. Cumprimentavam-se, batendo mão contra mão em gesto de otimismo. Erguiam garrafas de vinho.

[...]

Ao longo de todo o dia, na quarta-feira, em todas as conversas que tive, as pessoas admitiram que se sentiam diferentes. Diziam que se sentiam liberadas. Livres de tudo aquilo –

do sentimento de culpa, da dor, do doloroso legado da escravidão, das leis segregacionistas Jim Crow e do peso da questão racial.

Eu estava conversando com um maquiador afro-americano antes de ir ao ar na quarta-feira. Ambos reconhecemos que sentimos como se algo tivesse sido removido pela eleição de Obama, como se um câncer tivesse sido extirpado. É aquela coisa da raça, a consciência não dita da diferença.

[...]

A votação da terça-feira pareceu mudar tudo isso. Por aclamação comum. O país se uniu e se redefiniu, elegendo um homem pós-racial – metade negro, metade branco. As pessoas se autorizaram a dizer “pusemos fim a tudo isso”.

[...]

No momento em que escrevo a América está de ressaca, exaurida após uma campanha interminável, exausta de tanto comemorar. Mas há algo perceptível no ar. Alguma coisa está diferente.

Talvez seja o alívio de poder deixar o passado para trás.

Seja o que for o que “isso” é, que possa persistir!

Folha de S.Paulo, 06/11/2008

T63

Natália Paiva

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Aposto que você já se pegou “filosofando”. Ou vai dizer que você não tem um monte de perguntas a fazer sobre o mundo, as pessoas e as coisas a sua volta?

Muitos séculos atrás, os gregos Platão e Aristóteles disseram que o princípio da filosofia era a admiração. Já o francês René Descartes afirmou que a admiração está na raiz da dúvida, da interrogação e da investigação – o que leva a filosofar.

O professor de Platão, um grego chamado Sócrates, dizia algo engraçado: “Só sei que nada sei”. Para esse pensador, o ponto de partida da filosofia era o desconhecimento, o “não-saber”.

[...]

Folha de S.Paulo, 22/11/2008 – Folhinha

T64

Janela para o bom senso

FLÁVIO DINO

AO CONTRÁRIO do que afirmou editorial desta Folha (“Resposta mesquinha”, 14/11), a “janela” criada em projeto de minha autoria para permitir a políticos trocar de

partido em algumas situações não é reação corporativa e oportunista à decisão do Supremo Tribunal Federal sobre fidelidade partidária.

[...]

Ou seja, substituiremos o lamentável troca-troca de partidos por algo igual ou pior: a oligarquização do sistema político, com cúpulas partidárias com poder de vida e morte sobre os eleitos – e para todo o sempre.

É preciso avançar, mas na direção correta e sem darmos passos maiores do que as nossas pernas. Fidelidade partidária com bom senso. Essa é a nossa tese.

Folha de S.Paulo, 21/11/2008 – artigo

T65

Marcelo Gleiser

Decifrando a ‘mente de Deus’

Somos amantes da regularidade. O que foge aos padrões da normalidade, o comportamento irregular, inesperado, incontrolável, é sempre visto com censura ou mesmo com medo. Isso é tanto verdade na sociedade quanto na natureza.

[...]

A falta de resultados experimentais indicando a direção certa dificulta muito as coisas. Ou, talvez a natureza esteja tentando nos dizer algo: a ordem que tanto buscamos nela, é na verdade, a ordem que buscamos em nossas vidas.

Folha de S.Paulo, 30/11/2008 – +(c)iência

T66

Bienal age de modo cínico e intolerante ao lavar as mãos

Acusar a grafiteira Carolina da Mota, presa há 52 dias, de ‘danificar patrimônio tombado’ é estratégia hedionda

PAULO HERKENHOFF
ESPECIAL PARA A FOLHA

Minha opinião ou a de qualquer outra pessoa sobre o grafite não tem a menor importância no caso da Carolina Pivetta da Mota na Bienal de São Paulo. Não se trata de condenar ou aplaudir a ação de grafiteagem.

[....]

A Bienal, seu presidente, conselheiros e curadores que continuarem a se omitir precisam aprender algo com Edemar: na Bienal, a repressão não é um fim em si. Confesso que, quando soube da grafiteagem, pensei que fosse um gesto autorizado numa Bienal que ia

criar uma praça de convivência que estimulava a participação da cultura pop jovem. Era estratégia de marketing ou efetiva proposta de política cultural?

[...]

Folha de S.Paulo, 15/12/2008 – ilustrada

T67

GILBERTO DIMENSTEIN

O fim de uma epidemia

Está em andamento uma contagem regressiva para saber se, até o dia 31 deste mês, São Paulo vai conseguir tirar o assassinato da condição de epidemia, segundo os critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS).

[....]

Esse tipo de encontro é apenas a tradução de algo fácil de falar e difícil de fazer: a melhor segurança é a preventiva. E começa na prevenção da violência dentro de casa, buscando aliados nas famílias e nas escolas.

[...]

Folha de S. Paulo 14/12/2008 – C4 cotidiano

T68

ELIANE CANTANHÊDE

Quanto mais alto, maior o tombo

BRASÍLIA – Bush já vai tarde, certo? Depende. Para os americanos e para todo mundo, com certeza. Mas, para o Brasil, ele teve lá suas vantagens. Não deu a mínima para a América Latina e jogou o abacaxi, fatiado em Chávez, Evo Morales e Rafael Corrêa, para Lula – que, sem a mão pesada de Washington, pode brincar à vontade de “líder”.

[...]

Obama seria o Lula dos EUA, o que, de certa forma, significa ser uma aposta. Apostas se ganham e se perdem. E o país que espera Obama está sacudido pela crise. São 17 bancos quebrando, a recessão chegando e se disseminando pelo mundo. Ele tem carisma, discurso, voto e boa vontade internacional, mas não tem algo fundamental: receita mágica para debelar a crise. Até porque ninguém tem.

As pesquisas não permitem certezas na eleição desta terça, mas a tendência é a vitória de Obama. E o seu grande trunfo é justamente o seu maior risco: a expectativa. Quanto mais alta, maior o tombo.

[...]

Folha de S.Paulo, 02/11/2008

T69

JANIO DE FREITAS

Breve para ser leve

A CÂMARA e o Senado não estão omissos por indiferença, mas por interesses financeiros; o Ministério Público, não sei por que se cala; mas algo enfim se move em defesa do interesse público: o Tribunal de Contas da União agiu para sustar o ato de aprovação, pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), do especialíssimo negócio de compra da Brasil Telecom pela Oi/Telemar. À parte a montagem do negócio fora da lei, mas dentro também da Presidência da República, o TCU questiona o efeito do monopólio para o interesse do usuário telefônico, sobretudo para o seu bolso.

[...]

Folha de S. Paulo 18/12/2008 – Brasil A9

T70

JOSÉ ROBERTO TORERO

Tudo azul para os tricolores

QUANDO CHEGUEI ao Bar da Preta, vi um sujeito fazendo o seguinte pedido: “Minha boa senhora, por favor, me veja um sumo vaca misturado a uma forte infusão de Coffea arabica. Para acompanhar, duas fatias de pão com uma fina e dourada cobertura de manteiga. Ah, e se não for pedir demais, aqueça-as numa superfície de ferro plana e quente”.

[...]

Sim, hoje os são-paulinos podem fazer piadas de tudo e de todos, dizer que são os melhores, que têm o clube mais organizado, o melhor goleiro, o melhor técnico, o melhor tudo. Se alguém os chamar de Bambi, nem vão se importar. Só darão de ombros, como se aquilo fosse uma formiga tentando derrubar um obelisco. Se bem que alguns talvez se dêem ao trabalho de responder, e nesse caso falarão algo como: “Bambi? Acho que estou mais para o Rei Leão. Há, há, há...”.

Folha de S. Paulo 09/12/2008 – D4 esporte

T71

DRAUZIO VARELLA

Drogas na vagina e fraudes na Saúde

HÁ ANOS vejo mulheres sendo presas por tráfico de drogas ao visitar maridos e namorados nas cadeias.

[...]

O golpe era o de sempre: empresários subornam funcionários públicos para ganhar licitações superfaturadas, realizar vendas de artigos desnecessários e entregar produtos de qualidade inferior à estipulada nos contratos (ou nem entregá-los).

[...]

O que mais me chamou a atenção, entretanto, foi o fato de que algumas das empresas investigadas e alguns dos suspeitos estavam envolvidos em outras falcaturas perpetradas contra o sistema de saúde: a máfia dos sanguessugas e as fraudes do antigo PAS da Prefeitura de São Paulo. Outros, ainda, haviam sido investigados pela CPI do Banestado e pela operação Farol da Colina, da Polícia Federal.

[...]

Apesar disso, tomo a liberdade de fazer uma sugestão: por que não condenar esses parasitas, predadores da pior espécie, a quatro ou cinco anos, como é feito com as moças presas nas portas dos presídios?

É pouco, dirá você. Também acho, mas é melhor do que nada.

Folha de S. Paulo, 08/11/2008 – E11 ilustrada

T72

DA REDAÇÃO

Em 25 de outubro de 1993, a Folha abriu um canal direto e inédito para os leitores adolescentes tirarem suas dúvidas sobre saúde e, posteriormente, sobre sexo. Era um espaço pequeno e modesto, quase escondido no pé de uma das páginas deste Folhateen, que ainda estava a anos de virar adolescente.

[...]

Em seu primeiro texto, Jairo levantou um tema que, apesar de inocente, ainda incomoda os jovens de hoje: o chulé. Depois vieram o consumo de maconha e de cigarro, a temida fimose, anorexia e bulimia.

[....]

Boa leitura e não se esqueça disso: a camisinha é a forma mais segura de evitar as DSTs e a gravidez indesejada. Lição de quem? Leia a seguir.

Folha de S. Paulo, 13/10/2008 – Folhateen

T73

ROSELY SAYÃO

Brigas e desentendimentos

Muitos pais querem saber que atitudes tomar quando o filho se desentende com amigos ou colegas, quando chega em casa com marcas de briga, quando tem o costume de dirigir palavras aos outros, quando se queixa de ter sido humilhado por colegas etc.

[...]

Um dos motivos para tantas brigas pode ser a falta de tato resultante do pouco aprendizado no convívio com pessoas próximas. Muitos pais costumam manifestar amor aos

filhos com beijos e abraços, elogios em profusão e muitos presentes, isso sem falar na dedicação à gestão da vida dos filhos, o que tem sido bem desgastante. Boa parte do tempo que os pais têm para dedicar ao filho é gasto nisto: levar, buscar, acompanhar o estudo, checar do que mais ele precisa etc.

[...]

Folha de S.Paulo, 13/11/2008 – equilíbrio

T74

JANIO DE FREITAS

Os familiares

PARECEM números de estatísticas e de valores em reais. Quando postos lado a lado, compõem retratos com a peculiaridade de mostrar como são idênticas, apesar de tão diferentes nos milhares de suas fotos convencionais, estas quatro pessoas: Fernando Henrique e Lula, Pedro Malan e Henrique Meirelles.

[...]

Para a montagem do quadro, o próprio governo brasileiro, por intermédio do sério Ipea, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, proporciona as peças do “puzzle” a serem combinadas com as da ONU. São estas:

- valor destinado aos portadores de títulos governamentais (ou dívida pública) de 2000 a 2007: R\$1, 268 TRILHÃO;

- valor destinado à saúde no mesmo período: R\$ 310, 9 bilhões, cerca de um quarto do montante transferido aos donos de títulos da dívida pública;

- valor destinado à educação no mesmo período: R\$ 149,9 bilhões, ou seja, para cada real aplicado em educação, mais de oito foram remunerar os compradores de títulos da dívida.

Essa monstruosidade brasileira tem duas faces. Em uma, exhibe o verdadeiro grau de importância dada às tão propagandeadas preocupações e políticas de educação e saúde. Na outra, a calamidade da altitude, determinada pelo próprio governo, dos juros pagos aos títulos da dívida governamental.

[...]

Folha de S.Paulo, 13/11/2008 – Brasil A7

T75

CARLOS HEITOR CONY

Causas e efeitos

RIO DE JANEIRO – Li, não sei onde, que as inundações sem Santa Catarina tiveram como causa a progressiva devastação da selva amazônica. Tudo é possível: cada árvore derrubada lá em cima equivale a uma rua alagada aqui em baixo. A Bíblia dá conta de um

dilúvio bem maior. As cataratas do céu se abriram e choveu durante 40 dias e 40 noites, não apenas Santa Catarina, mas toda a face da Terra ficou inundada.

Parece que naquele tempo não chegou a haver desmatamento nem na Amazônia nem em lugar nenhum. Foi um castigo de Deus ver o que homens e mulheres andavam fazendo.

Pensando bem acho que a causa é mesmo esta: homens e mulheres ao longo dos séculos, não ficaram no bem-bom, fazendo o que é gostoso e que tanto desagradou o Criador. Fizeram vários tipos de fumaça. Depois da roda, que era inofensiva, inventaram motores a combustão, aviões a jato, usinas nucleares.

[...]

Na catástrofe que se abateu no sul do país –e periodicamente em outros lugares do mundo–, as causas variam, mas é uma só: a degradação ambiental e o descaso governamental. A deputada Luciana Genro, nesta semana, fez comovente apelo na Câmara, lamentando que o presidente da República só visitou as regiões inundadas dias depois da calamidade que matou tanta gente e alagou cidades inteiras, naquela que pode ser considerada a maior tragédia do ano.

Folha de S. Paulo, 30/11/2008

T76

CECILIA GIANNETTI

O futuro do Rio

MEU CANDIDATO PERDEU as eleições para a prefeitura, meu time empatou e, segundo certas pesquisas marotas, agora o Obama arrisca ficar pra trás do McCain – cujo assessor, Frederick Latrash, que babado!, participou daquela conspiração para assassinar o ex-presidente João Goulart.

[...]

Graças ao tesão irrefreável que sinto pela fantástica máquina novíssima em que teclo, em vez de ir procurar a cigana de dente de ouro na rua, visitei algumas dezenas de sites esotéricos e lancei a pergunta que mais me aflige: Eduardo Paes será um bom prefeito para o Rio?

[...]

O I Ching, sempre misterioso mandou esta: “Chun, a dificuldade inicial”. O I Ching pode parecer confuso, mas é direto ao tratar de metas políticas. “Sentença: não se deve empreender coisa alguma.” Pelo visto, o Rio vai continuar igualzinho.

Ainda bem que não perguntei sobre o Flamengo.

Folha de S.Paulo, 04/11/2008 – C2 cotidiano

T77

PASQUALE CIPRO NETO

O peixe, na peixaria; o doce , na...

ENTÃO, CARO LEITOR? Onde se fabricam e/ ou se vendem doces? A pergunta talvez fosse inútil ou tola, não fosse um detalhe: nem sempre o que efetivamente se usa é reconhecido ou registrado pelos dicionários, cujo papel – teoricamente – é ou deveria ser o de funcionarem como “cartórios” do léxico.

[....]

Justiça seja feita: em suas últimas edições (a partir da de 1999, creio), o “Aurélio” registra “doceria”. O registro, no entanto, é “tímido”, já que o dicionário diz simplesmente isto: “S. f. 1. Doçaria (2)”. O leitor certamente sabe o significado de “S. f.” (“substantivo feminino”). A tradução de “Doçaria (2)” é esta: o dicionário manda-o ir ao termo “doçaria” e levar em conta a segunda acepção apresentada (“Lugar onde se fabricam e/ ou vendem doces; doceria”).

[...]

Folha de S. Paulo, 14/08/2008 – C2 cotidiano

T78

JANIO DE FREITAS

Algemas ministeriais

SOB A EXCITADA divergência entre os partidários do juiz Fausto De Sanctis e os do ministro Gilmar Mendes, em torno do prende-e-solta de Daniel Dantas, está esquecido um motivo fundamental: certo ou errado nos conceitos e decisões, cada um dos dois exerceu o poder que lhe é conferido pela Constituição.

[...]

Camaradagem

A edição da Central Globo de Jornalismo protestou (“Painel do Leitor” de 11.7.08) contra uma frase de meu artigo “A confusão escandalosa” (10.7.08). Esta: “o privilégio dado à TV Globo, sempre levada ao lugar e à hora certa por avisos de operações ‘sigilosas’ da PF, explica-se pela reciprocidade que a emissora dá, em audiência e no intenso uso acrítico do material colhido”. Diz o protesto que “a TV Globo não tem nem aceita privilégios”, [...] “ela encontra o lugar e a hora certa porque tem uma equipe de profissionais competentes e bem preparados”.

[...]

Folha de S. Paulo, 13/07/2008 – Brasil A9

T79

Depois do reconhecimento
dos nossos clientes, este é o
mais importante para a gente.

HSBC. Eleito pela revista The Banker o banco mais sólido
do mundo.

hsbc. com.br

H S B C

No Brasil e no mundo, HSBC.

Folha de S. Paulo, 25/07/2008 – dinheiro B3

T80

CLÓVIS ROSSI

Marolinha, gripinha, quedinha

SÃO PAULO – Tudo começou com uma “marolinha”. Faz menos de um mês, no dia 4 passado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva dizia que o que era um tsunami, nos Estados Unidos, no Brasil viraria mera “marolinha”.

No dia seguinte, a ministra Dilma Rousseff, candidata “in pectore” de Lula para sua sucessão, dizia que, no máximo, o Brasil sofreria uma “gripe pequenininha” como decorrência do tal tsunami.

Não estamos falando do ano passado nem mesmo do mês passado, mas deste outubro em que a crise ganhou alucinante velocidade e desafiou todos os prognósticos dos economistas metidos a sábios.

Agora, fim de mês, vem finalmente o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, colocar um mínimo de sentido comum na Planalto Palpitaria S.A.

“Acho que vamos ficar perto de 4% [de crescimento em 2009], ou um pouco menos”, disse o ministro ontem. Teve ainda o bom senso adicional de dizer que tem um monte de gente mencionando (poderia ter dito chutando) “números completamente diferenciados. Tem gente falando em 2,5%. Tem gente que fala em 3, 8%, e o próprio FMI já falou em 3,7%”.

Poderia ter acrescentado que entre o crescimento máximo “chutado” (os 4%) e o mínimo, também “chutado” (2,5%), a diferença em dólares é ponderável: US\$ 15 bilhões, grosso modo, a somar ou a tirar da economia.

Qualquer que seja o número final do crescimento-2009, já não dá para dizer que é apenas “marolinha” ou “gripinha”.

É claro que não se espera das autoridades que sejam pessimistas. Se o cenário já é complicado do jeito que está, você já imaginou se o presidente da República sair por aí dizendo “ai, que crise, meu Deus, o que eu faço”?

Mas um pouco de cautela enquanto o tsunami está ainda arrebatando faz bem à credibilidade.

Folha de S.Paulo, 31/10/2008

T81

Tudo como antes

Ao declarar que José Temporão fica, Lula acionou em público um freio de arrumação que a bancada do PMDB, em letígio com o ministro da Saúde, já havia sentido nos bastidores. Ficou claro para os deputados que o presidente, sem prejuízo de outras insatisfações com Temporão, deu sinal verde para que este apontasse corrupção na Funasa, loteada pelo partido.

De sua parte, o ministro deve fazer um gesto de paz oferecendo ao PMDB uma das duas secretarias que pretende criar a partir da divisão da pasta de Atenção à Saúde: ou a que cuidará da saúde básica (incluindo o atendimento a populações indígenas, hoje sob o guarda-chuva da Funasa), ou a que tratará de hospitais.

Folha de S.Paulo, 19/11/2008 – Painei

T82

JUCA KFOURI

É, deixaram o São Paulo chegar

A VITÓRIA veio na medida. O primeiro gol de Borges saiu logo e o São Paulo deu uma administrada até sofrer o empate, no fim do primeiro tempo, daqueles gols chatos de tomar.

[...]

Ei-la: “Só quando foi para a Itália é que Dunga virou médio recuado (recuso-me a chamar volante, pois volante é o andarilho que faz tudo: que marca, distribui, organiza, coordena e ainda vai ao ataque). Os grandes volantes que guardo na mufa foram Bauer, Falcão e Cerezzo. Sem falar em Cruyff. O próprio Aurelião sabe o que quero dizer quando oferece ao vocábulo volante os seguintes sinônimos: flutuante, voante, ondulante, que se pode mudar facilmente, errante, nômade. Isso aí: volante é nômade. Ou seja, o contrário do que resolveram estabelecer na crônica esportiva”.

[...]

Folha de S.Paulo, 09/11/2008 – esporte D5

T83

CLÓVIS ROSSI

O pato, a manada e as reservas

SÃO PAULO – Dois econometristas saem para caçar patos. O primeiro atira e erra por meio metro à direita. O segundo dispara, erra por meio metro à esquerda e grita, eufórico: “Acertamos”.

Seria engraçado, não fosse o fato de que os jornalistas passamos anos acreditando que, de fato, os dois haviam acertado. Reproduzimos passivamente previsões atrás de previsões sobre tudo (juros, câmbio, crescimento, inflação etc.), mesmo quando os “previsores” erram ano pós ano.

[...]

Folha de S.Paulo, 02/11/2008

T84

Pela Colômbia, tudo

“New York Times” e “Washington Post” publicaram ontem que, na conversa com George W. Bush, Barack Obama pediu a aprovação do plano de apoio às montadoras americanas, como a General Motors, à beira do colapso. E o presidente republicano indicou que apoiaria, desde que os democratas aprovassem o acordo de livre comércio com a Colômbia.

Ontem, diante do escândalo de vincular a sobrevivência de uma corporação americana a um aliado republicano, o porta-voz da Casa Branca negou. E o site Drudge Report deu na manchete a “raiva de Bush” pelo vazamento, insinuando ter sido de Obama.

Folha de S.Paulo, 12/11/2008

T85

CLÓVIS ROSSI

Tá tudo dominado?

SÃO PAULO - Do ministro da Defesa, Nelson Jobim: a participação de Agentes da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) na Operação Satiagraha, da Polícia Federal, é uma “distorção de função”, posto que a Constituição diz que “quem tem poder de investigação criminal são as polícias”.

Do delegado da Polícia Federal Carlos Eduardo Magro, que participou da Satiagraha: as críticas à investigação não passam de “uma reação do crime organizado”.

Qualquer pessoa normal somará um mais um dia e dirá que Nelson Jobim faz parte do crime organizado, na visão de um delegado da PF.

Aliás, o chefe de Magro, o ministro da Justiça Tarso Genro, também entra forçosamente na lista de suspeitos: na semana passada apontou “problemas técnicos” no inquérito resultante da Satiagraha.

A lista, de resto, só incluiria funcionários públicos, muitos da própria PF, os únicos que criticaram até agora a Satiagraha, já que o crime organizado não tem porta-vozes, que se saiba.

Tanto é assim que, na semana passada, a Folha publicou um título genial para demonstrar que, no caso Satiagraha, estavam em curso mais investigações sobre os investigados. Outra jabuticaba, produto tipicamente brasileiro.

Agora, com as declarações de Pellegrini Magro, o cidadão normal, que não é nem investigado nem investigador, fica no direito de suspeitar de uma de duas coisas: ou o crime organizado espalhou-se pelas instâncias governamentais e policiais muito mais do que se supunha ou a Polícia Federal abriga um leviano, capaz de lançar tal suspeição sobre figuras do governo, inclusive sobre seu chefe, o ministro da Justiça.

Afinal, Pellegrini Magro disse também que a PF investiga “infiltração do crime organizado em determinados Poderes”.

Tá tudo dominado?

Folha de S.Paulo, 19/11/2008

T86

Índios gays são alvo de preconceito no AM

Jovens da etnia ticuna, que vivem em aldeia em Tabatinga, são agredidos com pedras e garrafas e chamados de ‘meia coisa’

‘Isso é novo para a gente’, diz administrador da FUNAI;
Darcy Ribeiro registrou homossexualidade entre índios desde o século 19

KÁTIA BRASIL

DA AGÊNCIA FOLHA

EM TABATINGA (AM)

Entre os índios ticuna, a etnia mais populosa da Amazônia brasileira, um grupo de jovens não quer mais pintar o pescoço com jenipapo para ter a voz grossa, como a tradição manda fazer na adolescência, nem aceita as regras do casamento tradicional, em que os casais são definidos na infância.

Clarício disse que contou aos pais que era gay aos 16 anos. “Meu pai não me maltratava porque sempre gostei de estudar, sempre fiz tudo em casa: limpeza, comida, lavar louça.”

[...]

Folha de S. Paulo, 27/07/2008 –A14 brasil

T87

RUY CASTRO

Longe do mundo

RIO DE JANEIRO – Circula pela internet uma série de fotos da cantora inglesa Amy Winehouse, tipo “eu era assim e fiquei assim”. A primeira, talvez de 2004, mostra uma jovem bonita e saudável, quase italiana, com seios generosos palpitando sob o decote, cinturinha no lugar e boas pernas saindo da minissaia. As fotos seguintes documentam a escalada da sua degradação física.

Uma chance já remota para Amy seria uma internação mínima de dois anos numa clínica longe de tudo: da família, dos amigos, da imprensa, do trabalho, do celular e, em resumo, do mundo.

Folha de S. Paulo, 11/08/2008 – A2 Opinião

T88

GABRIELA ROMEU

Enviada especial a Los Angeles

John Lasseter é daqueles caras que fazem todos ficarem quietos quando fala algo sobre o mundo animado. Já chegaram a dizer que ele é um “mago” da animação computadorizada – fez filmes bacanas como “Toy Story”, “Vida de Insetos” e “Carros”, por exemplo.

Em entrevista a jornalistas nos estúdios Disney, ele contou algo curioso. Numa sessão de cinema com a família, o filho entendiado, perguntou de repente: “Papai, quantas letras tem o meu nome?”

“Nossa, esse é o maior desastre que pode acontecer com um filme”, diz o chefe dos estúdios Disney e Pixar. Mas, se depender das cenas de ação de “Bolt-Supercão” (estréia em 2/1; livre), você não terá tempo de soletrar nada.

A animação em 3D traz a história de um cachorro metido a James Bond que é astro de um programa de TV ao lado da menina Penny. Lembra aqueles filmes de ação do tipo “Missão Impossível”. Mas a verdadeira missão de Bolt nessa jornada será aprender a ser um cachorro “normal”. E é uma gata que ajuda Bolt a virar um cão – com três letras! – de verdade.

T89

Muda tudo

O Tesouro “efetivamente abandonou” seu plano de comprar títulos podres, em troca de “segunda rodada de injeção de capital em instituições financeiras”, deu o “New York Times” – que, de bate-pronto, defendeu o secretário Henry Paulson pela “coragem de admitir um erro e mudar de direção”. Mas ele não admitiu. “Os fatos mudaram... Eu nunca vou me desculpar por mudar quando os fatos mudam”, declarou, ecoando o economista John Maynard Keynes, no destaque do “Financial Times”. Mas já quando o pacote passou no Congresso avisaram que seu plano não prestava.

No canal financeiro CNBC, em destaque via Drudge Report, “EUA podem perder a sua nota AAA”. Era a opinião de um gerente de investimentos, falando até em “falência do governo”, por “crise de fundos”.

Folha de S.Paulo, 13/11/2008

T90

Tudo a seu tempo

Um grupo de deputados e senadores acompanhava a visita dos chefes das Forças Armadas ao Congresso, pela comemoração do Dia do marinheiro, quando Garibaldi Alves (PMDB-RN) apareceu mancando.

_ Foi futebol? _ , perguntou Romeu Tuma (PTB-SP).

_ Pior que não... Eu caí mesmo...

_ Cuidado! Já imaginou se alguém ouve e publica: ‘Caiu o presidente do Senado’? _ , provocou o líder da bancada do PSB na Câmara, Rodrigo Rollemberg (DF).

Garibaldi, que tem mais de um mês de mandato pela frente e ainda pleiteia a reeleição, descartou a idéia:

_ Ah, não! Me deixa cair só em fevereiro!

Folha de S. Paulo 29/12/2008 – Painei

T91

Nana e Naiara “contam tudo”, menos detalhes

Quando Nana Terra, 22, reatou com o namorado, a mãe foi a primeira a saber. Na casa dos Terra é assim: tanto Nana quanto sua irmã, Naiara, 20, recorrem a Kátia, 40, quando têm alguma novidade, dúvida ou problema.

As irmãs são um exemplo dos 37% de jovens que disseram concordar totalmente com a afirmação: “minha mãe é minha melhor amiga e eu conto tudo para ela” na pesquisa.

[...]

Folha de S. Paulo, 27/07/2008 – Especial Jovem séc. 21

T92

CONTARDO CALLIGARIS

Adultérios na internet

MUITAS MULHERES se queixam de que o computador se tornou seu rival: os maridos passam horas, sobretudo noturnas, na internet, atrás de conteúdo erótico e, quem sabe, de encontros sexuais.

[...]

A questão que ele levanta é a seguinte: quando, num casal, um dos dois tem o hábito (geralmente, secreto) de assistir a material pornográfico (prática facilitada imensamente pela net), será que o outro se sente traído? E será que é certo sentir-se traído nesse caso?

Uma pesquisa recente entre estudantes universitários dos EUA mostra que 70% das mulheres nunca entraram num site pornô, enquanto a mesma coisa vale só para 14% dos homens. Ou seja, os homens procuram pornografia na net muito mais do que as mulheres.

[...]

Folha de S. Paulo, 6/11/2008, E11 ilustrada

T93

FERNANDO DE BARROS E SILVA

Grampos, algemas e elites

SÃO PAULO – “Chegamos a um ponto em que temos de nos acostumar com o seguinte: falar no telefone com a presunção de que alguém está escutando”. Tarso Genro tem companhia, além do colega José Múcio, que comparou seu celular a uma “rádio comunitária”. Alçado ao Ministério da Justiça por FHC em 1997, o então senador goiano Iris Rezende também dizia que o “crime., muitas vezes, é inevitável”.

[...]

Folha de S. Paulo, 27/07/2008 – A2 opinião

T94

VÔLEI

Um ano sem títulos

CIDA SANTOS

ESTE ANO, definitivamente, não foi nada bom para a seleção brasileira masculina, do técnico Bernardinho. Depois do quarto lugar na Liga Mundial, a prata nos Jogos de Pequim, outro tropeço na Copa América. Uma derrota para Cuba, um time jovem que nem se classificou para a Olimpíada.

Dos titulares do Brasil, só o central Éder não esteve em Pequim. Ele atuou no lugar de Gustavo.

A equipe base foi a seguinte: Dante e Murilo, nas pontas, Rodrigão e Éder, no meio, o levantador Bruno, o oposto André Nascimento e o líbero Escadinha.

Com essa formação, a seleção tinha a obrigação de ganhar. Mas o time errou muito, sacou mal e não conseguiu marcar o principal jogador de Cuba: o central Simon, 21 anos e 2,06m.

[...]

Nos seus anos dourados, o Brasil tinha um quadrado mágico: Giba, Gustavo, Ricardinho e o líbero Escadinha. Com eles inspirados, era quase impossível derrotar a equipe.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/09/2008 – esporte D3

T95

RUBEM ALVES

Homossexualidade e outros pecados...

CRISTÃOS FUNDAMENTALISTAS são os que acreditam que as sagradas escrituras foram ditadas diretamente por Deus e que, por isso, tudo o que nelas está escrito é sagrado, verdadeiro e deve ser obrigatoriamente obedecido para sempre. A verdade divina está fora do tempo. Aquilo que Deus comandava há 3.000 anos é válido para hoje e para todos os tempos futuros.

[...]

Sei que não estou autorizado a ter qualquer contato com mulher alguma no seu período de impureza menstrual (Levítico 18:19, 20:18 etc.). O problema que se me coloca é o seguinte: como posso saber se as mulheres estão menstruadas ou não? Tenho tentado perguntar-lhes, mas muitas mulheres são tímidas e outras se sentem ofendidas.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/09/2008 – C2 cotidiano

T96

ELIO GASPARI

VEIO DA NAÇÃO petista um sinal de que há comissários incomodados com O Estado de Direito. Depois que o ministro Gilmar Mendes mandou soltar o banqueiro Daniel Dantas, o líder do governo na câmara, Henrique Fontana, disse o seguinte:

“Eu acho que o Congresso precisa examinar essa questão do habeas corpus para evitar novos casos como o do Cacciola. Do jeito que está formulada essa norma do habeas corpus acaba favorecendo os ricos e prejudicando os pobres”.

Ignorância de primeira associada a demagogia de segunda. O doutor começou sua atividade partidária em 1984, aos 24 anos. [...]

Folha de S. Paulo, 13/07/2008 –A14 brasil

T97

MARCELO COELHO

A mania de se frustrar

Muita gente já se encheu com a euforia em torno de Barack Obama. “Calma lá, ele não é o novo Messias, depois vocês vão se decepcionar...”
[...]

E a eleição de Obama já é uma mudança também, em alguns aspectos pelo menos. O mais importante, acho, é o seguinte:

Durante as últimas décadas, o pensamento de esquerda esteve preso na armadilha da “política das identidades”. Defendiam-se “direitos” de grupos específicos, os negros, os gays, as mulheres, os índios. Afirmavam-se, além disso, as “diferenças”, como se fossem boas em si, e como se não importasse, em larga medida, dissolvê-las em benefício de uma idéia humana universal.

A bandeira do “universal”, do que é válido para todos em qualquer lugar, caiu nas mãos da direita: o Mercado, a Democracia, a Liberdade... Com as distorções e crimes que se conhecem, o fato é que um discurso geral, legítimo em tese para todos, ficou entregue à direita, enquanto a esquerda se tornava particularista, manhosa, corporativa e melancólica. O maior significado de Obama, para mim, está no fato de que sua campanha não se baseou na afirmação das “diferenças”. Ao contrário, a mensagem de Obama pôde ser vitoriosa justamente porque apagava todo particularismo, a começar o da própria origem racial do candidato.

Outra mudança importante foi o sistema de financiamento da campanha, pulverizado em contribuições pela internet.[...]

Folha de S.Paulo, 19/11/2008 – ilustrada

T98

Sorte dela. A oposição do Palmeiras não critica a Traffic por incluir no contrato com o Palmeiras cláusulas que dá à empresa o direito de vetar a escalação de atletas com propostas oficiais. Reclama de a diretoria alviverde ficar frágil financeiramente a ponto de aceitar tal imposição.

Folha de S. Paulo, 28/07/2008 – D2 esporte

T99

Ele vai pegar outra

“Tenho 23 anos e nunca transei. Estou namorando há 5 meses, e ele me pressiona para fazer sexo. Já disse que, se eu não ceder, vai pegar outra. Tive uma criação antiga, e meus pais nunca me deixavam nem namorar. Pratico masturbação desde os 13 e hoje sinto um prazer imenso com isso. O que devo fazer?”

Folha de S. Paulo, 20/10/2008 – Folhateen

T100

ENQUANTO ISSO

Logo abaixo do noticiário da crise, com a derrubada do pacote e a queda das Bolsas, outros números surgiam em portais como o UOL, ontem: “Avaliação pessoal de Lula atinge 80% em setembro, diz CNI/Ibope”. No Nordeste, “chegou a 92%”.

Folha de S. Paulo, 30/09/2008 – Toda Mídia A8 brasil

T101

Mãe de todos. Apesar de os recursos para consertar os estragos das enchentes em Santa Catarina saírem de um leque de ministérios, o site do PT ontem dava todo o crédito da ajuda federal à sua presidenciável Dilma Rousseff.

Folha de S. Paulo, 27/11/2008 – Painei

T102

ELIANE CATANHÊDE

Se lá é assim...

BRASÍLIA. Espionagem, às vezes (muitas vezes), é como o jornalismo: surge uma dica, uma “fonte de informação” ou um documento secreto, e, a partir daí, é preciso “preencher lacunas” e “criar um todo plausível”. E é assim que se cometem as maiores barbaridades, como ensina um livro-reportagem sobre os inacreditáveis erros e absurdos da CIA e da DIA (EUA), do BND (Alemanha) e do M16 (Inglaterra) que serviram de pretexto para a invasão do Iraque.

O livro “Curveball” (algo como bola de efeito), do norte-americano Bob Drogin, relata detalhadamente como um engenheiro iraquiano amalucado e viciado em internet manipulou os órgãos de inteligência dos três países até que Bush e Colin Powell caíram alegremente na esparrela de denunciar um rocambolesco projeto de fábricas móveis de bactérias.

Curveball, o iraquiano, inventou a história, traduzida do árabe para o alemão, do alemão para o inglês e, enfim, resumida. Em cada etapa, perdia ressalvas e desconfianças até desembarcar nos altos escalões com ares de veracidade. Sabe como é: a “fonte” precisa ser importante, o agente quer valorizar o achado, o chefe tem que justificar a invasão de um país alheio. Cada um fala, vê, ouve e lê o que quer.

O livro não apenas destrói o endeusamento dos órgãos de segurança dos países ricos como vem bem a calhar no Brasil de hoje, em que todos grampeiam todos, chefes são chutados para o alto, “lacunas” são preenchidas ao gosto do freguês e os fins justificam os meios para “criar um todo plausível” _ contra o seu inimigo, certo?

Ao ser despachado como adido policial do Brasil em Lisboa (?!), o delegado Paulo Lacerda leva o principal na bagagem: as gravações da operação Satiagraha e sabe-se lá quantos segredos _ e de quem. Da oposição? Ou do próprio governo?

No mítico mundo da espionagem, operam pessoas de carne, osso, ideologias e ambições. Saber é poder. Lacerda sabe muitíssimo.

Folha de S. Paulo 30/12/2008 - Editoriais

T103

Marcelo Leite

O clone que veio do frio

Uma das maiores emoções que vivi num cinema foi com “parque dos Dinossauros” (1993). Logo no começo do filme de Steven Spielberg, os heróis recém-desembarcados na ilha Nublar deparam com a imagem inesquecível: uma manada de braquiossauros. Em movimento.

T104

INGLÊS

Como a língua é elaborada nos vestibulares paulistas

DENISE MACIEL SELMO

ESPECIAL PARA A FOLHA

[...]

Os exames também variam muito em relação à quantidade de questões. Por exemplo, quando inglês faz parte da prova de conhecimentos gerais, há um número menor de questões. Nesse caso, há o risco de o candidato deixar a prova de inglês, por ser mais curta, para fazer por último, quando estará mais cansado. A consequência é óbvia: o desempenho não será o mesmo e, em alguns casos, o vestibulando pode até desistir da prova.

No quadro abaixo, confira as características da prova de inglês de alguns dos principais exames vestibulares 2008 do Estado de São Paulo.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/09/08

T105

ELIANE CATANHÊDE

SALVADOR DO MUNDO?

BRASÍLIA – Planalto e Itamaraty estavam tão eufóricos com a vitória espetacular de Barack Obama que nem se preocuparam com uma praxe: elogiar o presidente que sai. Ninguém tocou no nome de Bush.

[...]

As condições objetivas, portanto, são favoráveis. E há o fator subjetivo: a sorte. A própria crise, aguda na campanha, tende a amenizar até a posse. Só falta agora o mito da campanha estar à altura de ser presidente da maior potência – e com a economia de pernas para o ar.

Folha de S. Paulo, 06/11/08

T106

ELIANE CATANHÊDE

Cara a tapa

BRASÍLIA – Vencida a guerra da eleição, José Serra deveria enfrentar com igual ânimo uma outra batalha: a greve da Polícia Civil, que já dura mais de mês, pode piorar muito e se

prolongar por um bom tempo, alastrar-se por pelo menos oito Estados e desabar no Congresso.

Está tramitando um projeto para equiparar os salários de policiais e promotores. O inicial de uns é de pouco mais de R\$ 4.000, e o dos outros bate em R\$ 18.000. A emenda é dessas que não passam, mas dão um suadouro danado.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/10/08

T107

Formação docente e qualidade do ensino

CLAUDIA COSTIN

[...]

A escola não se preparou para receber esse afluxo de alunos cujas famílias não tinham acesso à cultura letrada. A universalização implicou um recrutamento acelerado de professores e uma pressão sobre os cursos de pedagogia, com a exigência (correta) de que todos tivessem nível de formação superior.

Esse cenário fez aflorar uma preocupante constatação: convivemos com a dificuldade das instituições de ensino superior de preparar professores para ensinar. No Brasil, muitos deles saem inseguros das faculdades, simplesmente não sabendo o que e como ensinar em sala de aula.

[...]

Folha de S. Paulo, 05/11/08

T108

Veja onde se iniciar nos forte e exóticos pratos sertanejos

Enviado especial a João Pessoa (PB)

[...]

No mesmo bairro de Manaíra fica o Camarão da Praia, que se orgulha de servir apenas o “verdadeiro camarão do mar”. Certa vez, a escassez de camarões no mar obrigou o dono a tomar uma medida drástica: o restaurante ficou uma semana inteira sem servir pratos de camarão para não ter de utilizar camarões de viveiro.

Já na paradisíaca praia do Coqueirinho, que fica em Jacumã, o restaurante Canyon de Coqueirinho tem preços um tanto salgados, mas sua localização e boa comida mais do que compensam.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/10/08

T109

Juca KFouri

Ainda sobre o mês dos gênios

[...]

Se na seleção já tinha os três melhores jogadores de todos os tempos – Pelé, Mané Garrincha e Diego Maradona, nesta ordem na modesta opinião do escriba -, nela faltaram dois nomes indiscutíveis, que não estão no livro: o goleiro russo Lev Yashin, de 22 de outubro, para muitos o maior de todos os tempos, apelidado Aranha Negra; e, tão grave como, Mestre Didi, o Príncipe Etíope, eleito o melhor jogador da Copa de 1958, na Suécia, uma Copa que, veja bem, teve Yashin, Mané e Rei Pelé.

[...]

O time, então, ficaria assim: Yashin; Augusto, Elias Figueroa, Darío Pereyra e Cabrini; Bob Charlton, Falcão, Didi e Diego Maradona; Mané Garrincha e Pelé.

Correções devidamente registradas, resta deixar uma opinião dessas definitivas e um desafio impossível de ser vencido: não há hipótese de alguém montar um time melhor do que esse; tente, se for capaz.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/10/08

T110

Hollywood pode perder Steven Spielberg

Grupo indiano está mais perto de fechar acordo com diretor, que busca US\$ 550 mi após fim de contrato com Paramount

Crise em Wall Street e queda nas vendas de DVD reduzem disposição de americanos para bancar diretor após sua saída da Paramount

BROOKS BARNES

DO “NEW YORK TIMES”

Como Hollywood pode perder Steven Spielberg?

[...]

Não surpreende que Spielberg e seu sócio David Geffen tenham encontrado um investidor. Spielberg é um “superstar”. Os dirigentes da Dream-Works deixaram claro durante meses o ódio que sentiam como parte da Paramount e que deixariam a empresa assim que o contrato permitisse.

Mas havia ainda um elemento chocante: Hollywood não poderia oferecer um acordo polpudo o suficiente para Spielberg, o mais financiável diretor em atividade e um “tesouro

nacional”? Seu último filme, “Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal”, já vendeu US\$ 743 milhões em ingressos e ainda está em exibição pelo mundo.

[...]

Folha de S. Paulo, 28/17/08

T111

Casa da mãe Joana

Novo filme de Hugo carvana relembra o tempo em que o cineasta morava com três amigos, hoje famosos, no Leblon

“Casa da Mãe Joana”, que estréia no dia 19 deste mês, tem um argumento delicioso: conta a história de quatro malandros à moda antiga que fazem de tudo para não perder seu apartamento querido. O filme de Hugo Carvana tem José Wilker, Antônio Pedro, Paulo Betti e Pedro Cardoso como os mosqueteiros da malandragem, mas não perderia em graça se fosse protagonizado pelos personagens que deram origem ao filme. Isso mesmo: “Casa” é baseado numa república da alegria real e que tinha como personagens o próprio Carvana e mais seus amigos Daniel Filho, Luís Carlos Miéle e Roberto Maya, que dividiram um apartamento em um “passado remoto”, como brinca o diretor.

[...]

Folha de S.Paulo, 13/19/2008 – ilustrada

T112

Marcelo Gleiser

Sobre o riso

Um português e um físico entram num bar e encontram um buraco negro aos prantos, tomando uma cerveja. O físico, pasmo, não acredita no que vê e fica olhando, desconfiado, da porta. Já o português, encantado com a visão, se aproxima do buraco negro: “Ó, seu buraco negro, sinto-me muito atraído por você”. E o buraco negro: responde: “Seu falso! Todos me dizem a mesma coisa antes de sumir...”

[...]

Existe até uma teoria que explica o riso através da teoria da evolução de Darwin. Segundo ela, o riso era um modo de comunicação pré-verbal – os chimpanzés, por exemplo, também riem – que visava diferenciar inimigos de amigos. O riso na chegada de um visitante era o sinal para o grupo de que não existia perigo. Seja qual for a explicação ou as explicações, uma coisa é certa: rir só faz bem.

Folha de S. Paulo, 10/18/08

T113

ELIANE CATANHÊDE

Só para complicar

BRASÍLIA – Um monte de gente se deu mal, justa ou injustamente, com o inquérito do delegado Protógenes. Mas uma coisa é certa: a ABIN (Agência Brasileira de Inteligência) se deu foi bem.

Na apuração que deveria ser sobre Daniel Dantas, Naji Nahas e Celso Pitta, quantos e quantas acabaram caindo no arrastão de grampos em telefones fixos, celulares, e-mails, MSN, até Skype?

[...]

Folha de S. Paulo, 25/07/08

T114

Presunção de inocência atropelada

ARNALDO MALHEIROS FILHO

[...]

Tomemos um exemplo: Luiza Erundina, uma das pessoas mais honestas que já ocuparam cargo público em São Paulo, foi processada pelo Ministério Público – sim, por ele mesmo – porque firmou um contrato, sem ônus para os cofres públicos, que permitiu a reforma do autódromo de Interlagos em troca de publicidade na pista e colocou a cidade no calendário da Fórmula 1, com enormes benefícios. Ficha suja?

[...]

Folha de S. Paulo, 26/07/08

T115

LUIZ CARLOS MENDONÇA DE BARROS

Um mundo mais equilibrado

O debate mais interessante entre os analistas que acompanham a economia global está centrado em dois modelos antagônicos para explicá-la. [...]

Outra questão é a possibilidade, agora, de um ajuste no comportamento do consumidor americano, com um aumento expressivo de sua taxa de poupança, processo que sempre esbarrou em uma questão muito simples: ajuste em, cima de quem? Com o aparecimento de um mercado consumidor da dimensão do americano e com taxas de crescimento expressivas, é hoje possível ajustar o consumidor americano. Essa é a segunda novidade. Estamos caminhando para um mundo mais balanceado, que, no devido tempo, estabilizará o valor do

dólar. Em pouco tempo, talvez dois ou três anos, a economia dos EUA pode emergir mais forte industrialmente e menos alavancada, algo que também não parece estar na conta das pessoas.

Voltarei a este assunto...

Folha de S. Paulo, 25/07/08

T116

JOSÉ SARNEY

Campanhas sujas

A NOVA LEGISLAÇÃO eleitoral proibiu a colocação de cartazes em paredes e postes, o que deixava toneladas de lixo para as prefeituras depois de cada eleição.

Mas a sujeira dos cartazes está sendo substituída por outra, a verbal, que só teria uma solução: esparadrapo na boca dos candidatos. Esta prática vem desde o nascimento da democracia, quando, para atingir Péricles, seus adversários acusaram Fídias de roubar parte do ouro usado na estátua da deusa Atena.

No Norte ou Nordeste, a violência e o baixo nível dos insultos permeiam as disputas eleitorais. Pensávamos que isso só acontecia nas áreas pobres do Brasil. Agora sabemos que a coisa é mais geral e que o Sul maravilha também gosta de mergulhar na sujeira dos ataques pessoais.

Mas essa prática condenável vem de mais longe. [...]

Folha de S. Paulo, 17/10/08

T117

Para analistas, é preciso também melhorar ensino

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A ampliação da obrigatoriedade da matrícula é positiva, mas não terá efeito se não vier acompanhada de maior financiamento e medidas para melhorar o ensino, dizem analistas ouvidos pela Folha.

“Não adianta colocar todo mundo no ensino médio se não houver garantia de qualidade”, afirma Salete Silva, coordenadora do programa de educação do UNICEF do Brasil.

“A obrigatoriedade, por si só, não deve resolver o problema do ensino médio totalmente”, diz Naércio Menezes Filho, professor da USP e do Ibmecc. “É preciso que os jovens tenham os incentivos corretos para cursar o ensino médio.”

Para ele, hoje isso não ocorre por três motivos: como o ensino de nível médio é muito formal, o jovem acaba vendo nele pouca utilidade para o seu desenvolvimento profissional; a qualidade da educação oferecida pela rede pública é baixa; e, por fim, um mercado de trabalho aquecido afasta o jovem da escola.

Maria Auxiliadora Rezende, presidente do Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação) e secretária estadual do Tocantins, aprova a proposta de ampliação da obrigatoriedade. Ela aponta, por outro lado, que possivelmente haverá necessidade de aporte de investimento federal, principalmente para o aumento da oferta de vagas na pré-escola. No ensino médio, segundo ela, a cobertura é relativamente maior.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/10/08

T118

FERNANDO CANZIAN

Iluminismo americano

Fotografado do espaço por satélites, à noite, o mapa iluminado dos Estados Unidos reflete basicamente o resultado da última eleição presidencial no país, em 2004. [...]

Os rasgos de luzes estão posicionados em três faixas: nos extremos das costas Oeste (onde estão cidades mais liberais, como São Francisco e Los Angeles) e Leste (Nova York, Boston) e em uma grossa linha transversal na porção mais à direita do país, tendo Chicago, em Illinois, como pivô.

Folha de S. Paulo, 09/11/08

T119

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

Voltando às origens

A aceleração da crise financeira desde setembro criou oportunidades para introduzir mudanças aqui no FMI. Foi o que conseguimos ontem, depois de intenso processo de discussão. [...]

É uma inovação considerável e que se aproxima bastante do desenho que vinha sendo defendido pela cadeia brasileira nas discussões internas. Apenas em dois pontos importantes a SLF diverge da proposta do Brasil: no volume de recursos e no prazo. Nossa proposta não previa limite para o montante a ser desembolsado.

[...]

Folha de S. Paulo, 30/10/08

T120

JÂNIO DE FREITAS

À espera de Obama

As esperanças postas em Barack Obama, convictas e ardentes, no entanto são também difusas. Não traduzem identificação com pontos programáticos do candidato, que procurou ser tão superficial e generalista quanto possível. [...]

Há 70 anos, desde os primeiros compassos europeus da Segunda guerra até hoje, o povo dos Estados Unidos não pôde viver sem as angústias das guerras, já em curso ou pressentidas. Barack Obama será um vitorioso além das esperanças se lhe der paz. O que requer outro êxito: sobreviver.

Folha de S. Paulo, 06/11/08

T121

CECILIA GIANNETTI

Malucos inofensivos

A fricção urbana sempre produziu muitos destes de boa estirpe, no meu entender e de acordo com minha experiência relacionada ao assunto que é vasta. Considero-me apta a tratar deles, pois sou o que se convencionou chamar de seu “para-raio”.

[...]

Esquinas adiante, aguardo no semáforo ao lado de uma velhota e seu cão e de um rapaz. Este pergunta: “É bravo?” Ela: “Não, se a pessoa não tem medo”. O rapaz se abaixa para acariciar o cão. O animal começa a lambear a boca do rapaz, que não se esquivava. Pelo contrário, permite que lamba sua cara inteira. O rapaz não se levanta, o cão não larga dele, a velha ri. O sinal fechado agora me parece a eternidade. Desejo que um disco voador apareça e leve o trio de volta ao seu planeta de origem. Atravesso antes que alguém decida me lambear também e chego à rua do Catete, onde conheço todos os malucos inofensivos, e os camelôs que se multiplicam dos dois lados de uma calçada estreitíssima, e os distribuidores de papéis de propaganda “Compro Ouro”, etc. Pergunto o preço dos colares de cetim coloridos a um ambulante. “Um colar é oito, dois é três reais”. Hein? Não discuto, isso vale para diferentes malucos: melhor não contrariar.

Folha de S. Paulo, 12/07/08

T122

Biólogos farão pesquisas sobre genes em rios amazônicos

Inpa ganha R\$ 7 mi para investigar como criaturas se adaptam a

Meta é achar compostos de interesse comercial, como enzimas e hormônios, e patentear pelo menos cinco produtos em três anos

CLÁUDIO ANGELO

ENVIADO ESPECIAL A MANAUS

A partir do mês que vem, cientistas do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) devem partir de Manaus para uma série de expedições com o objetivo nada modesto de sequenciar o genoma da Amazônia. Ou quase isso: eles querem descobrir o que torna algumas criaturas aquáticas da floresta tão especiais e, como seu DNA pode ajudar a indústria, a agricultura e a medicina.

[...]

Folha de S. Paulo, 11/02/09

T123

ROBERTO RODRIGUES

Amor e justiça

Desde muito jovem me pergunto qual a melhor receita para a felicidade: o amor ou a justiça.

E, ao longo do tempo, ora pendo para uma, ora para outra. [...]

Ora, não se pode descrever de valores só porque inevitavelmente eles se contaminaram com as sensações das pessoas. Valores são eternos; sensações são passageiras.

É preciso confiar nesses dois alicerces, e mais que isso: o amor e a justiça devem ser os trilhos sobre os quais correrá o trem da vida de cada um.

Folha de S. Paulo, 13/19/2008 – dinheiro

ANEXO II – Textos da Revista Veja

T1

Diogo Mainardi

O brasileiro Obama

Eu desconfio de qualquer americano que saiba localizar a Toscana no mapa. O melhor dos Estados Unidos é isso: o sincero descaso de seus habitantes pelo que acontece a mais de 1 milha de suas casas hipotecadas. Quem está do lado de fora, na Toscana ou no Tocantins, costuma interpretar esse descaso como uma forma de menosprezo. Mas é contrário: é uma forma de modéstia. Os americanos apegam-se a um ou dois conceitos herdados de seus antepassados e, com humildade, simplesmente se recusam a discuti-los. Temo o dia em que eles decidam endurecer o molejo de seus Dodge Durango.

[...]

Revista Veja, 05/11/2008, p. 129

T2

ESTE, SIM, É INOVADOR

O Firefox 3, da Fundação Mozilla, é o navegador com maior número de inovações. A versão lançada em junho teve 8,4 milhões de downloads em um dia. Além de rápido, o Firefox 3 tem complementos fantásticos como o Cooliris (ex-PicLens), que apresenta imagens da internet em um painel virtual (foto acima). O Ubiquity permite o acesso rápido a mapas ou a vídeos associados a qualquer palavra digitada num texto. Ele corta etapas na navegação.

Revista Veja, 10/09/2008, p. 127

T3

Diogo Mainardi

Os americanos sempre ganham

“Uma libra de vossa bela carne.” Shylock, o agiota de O Mercador de Veneza, pede uma única garantia a Antonio, em troca de um empréstimo de 3000 ducados. Em caso de calote, ele quer poder decepar um naco do corpo de seu devedor.

[...]

De fato, nesta semana, em seu depoimento aos congressistas, Ben Bernanke chegou a dizer que o maior perigo do pacote era justamente este: comprar barato demais, desvalorizando os próprios ativos. As autoridades monetárias dos Estados Unidos querem cortar a carne dos mercadores que se arriscaram estupidamente no mercado de hipotecas, mas sem sangrá-los até a morte.

[...]

Revista Veja, 01/10/2008, p. 173

T4

COM AMIGOS COMO ESTES...

Para os governos populistas, o Brasil é o vizinho grandalhão que pode ser surrupiado sem temor de represália.

Equador

Rafael Correa expulsou a Odebrecht, seqüestrou os bens da construtora e tentou prender quatro de seus diretores. De quebra, ameaça dar um calote de 240 milhões de dólares no BNDES. A Petrobras já desistiu de operar no país

Argentina

O governo do casal Kirchner dificulta a compra de empresas locais por companhias brasileiras. A Petrobras ofereceu 200 milhões de dólares pela Esso, mas não conseguiu fechar o negócio devido à oposição oficial

Bolívia

Evo Morales tomou duas refinarias da Petrobras e rasgou contratos para aumentar o preço do gás. [...]

Venezuela

Hugo Chávez limitou a importação de carros brasileiros, a pretexto de economizar divisas e estimular a produção doméstica. [...]

Paraguai

O presidente Fernando Lugo quer obrigar o Brasil a pagar mais caro pela energia de Itaipu e fazer reforma agrárias nas propriedades dos brasiguaios. [...]

Revista Veja, 01/10/2008, p. 118

T5

Na vida de um país, há certos momentos que são de refundação. Eles tanto podem indicar um novo rumo como celebrar uma ruptura já feita. A abertura da Olimpíada de Pequim, na sexta-feira, foi um desses momentos.

[...]

É este o paradoxo: há quase duas décadas os chineses, mesmo quando erram e se recusam a admitir os erros, seguem no caminho certo. Talvez porque se trate de um povo com urgência de felicidade.

[...]

Revista Veja, 13/08/2008, p. 116

T6

Um é melhor que dois

Na sexta-feira, em seu gabinete, Lula teve uma longa conversa com Cristovam Buarque. Falou um pouco de educação e muito de sucessão. Apelou para a necessidade de a base governista ter um só candidato. Ou melhor, candidata – o presidente reafirmou sua opção por Dilma Rousseff. Buarque perguntou: por que não dois candidatos da base? Lula insistiu: um só é melhor.

Revista Veja, 08/10/2008, p. 64

T7

Lula ainda pode ajudá-la?

Quanto Lula ainda pode desequilibrar o jogo pró-Marta Suplicy neste segundo turno? Muito pouco, na avaliação da cúpula da campanha de Gilberto Kassab. Não se trata de desprezo pela evidente popularidade de Lula. Mas a turma de Kassab está convencida de que a transferência de prestígio que tinha de ser feita já foi feita no primeiro turno.

Revista Veja, 08/10/2008, p. 64

T8

TODOS NO JATO ELEITORAL DE LULA

Embalado por uma popularidade recorde, o presidente se torna a principal influência nas eleições de outubro, provoca briga entre aliados e seu apoio já é objeto de desejo até de quem lhe fazia dura oposição

OTÁVIO CABRAL

DE CARONA NO AEROLULA Sem coragem de enfrentar a popularidade de Lula, caciques e candidatos do DEM e do PSDB embarcaram no avião eleitoral do presidente. O tucano Geraldo Alckmin ficou bravamente sozinho no teco-teco da oposição

Poucas coisas animam tanto o presidente Lula como a proximidade de uma eleição. Nos últimos 26 anos, ele já encarou as urnas sete vezes. [...]

“Nunca houve um cabo eleitoral como Lula. Ele é popular, carismático e tem a economia a seu favor. É por isso que todo mundo quer o presidente em seu palanque”, afirma o cientista político Murillo de Aragão, da consultoria Arko Advice.

[...]

Revista Veja, 30/07/2008, p. 74

T9

Acordo bom para todos

Empresários e governo selam consenso sobre o Sistema S

Na semana passada, governo e entidades empresariais chegaram a um acordo para remodelar a aplicação dos recursos do sistema S – rede de treinamento profissional, recreação e cultura que congrega entidades como Sesi, Senac, Senai e Sesc. Mantido com a contribuição das empresas do comércio e da indústria, de 2,5% dos gastos com a folha de pagamento, esse sistema administra um valor estimado em 8 bilhões de reais ao ano. Os recursos são das empresas e sua administração é feita inteiramente pelo setor privado. É assim que tem funcionado há mais de sessenta anos, quando foi criado para suprir a necessidade de mão-de-obra treinada. Mas o ministro da Educação, Fernando Haddad, entrou em atrito com as confederações empresariais ao criticar a gestão atual desses recursos. Segundo Haddad, haveria falta de transparência nas contas. Além disso, a rede de ensino teria sido “elitizada”, porque a maior parte dos cursos é paga. Para além das críticas, Haddad, com o apoio do

ministro do Trabalho, Carlos Lupi, preparava um projeto que, entre outras medidas, deixava com o governo parte dos recursos arrecadados.

A proposta dos ministros desagradou em cheio aos empresários e já prometia ser mais uma dor de cabeça para o presidente Lula – que, aliás, foi aluno do Senai, onde aprendeu a profissão de torneiro mecânico. [...]

Ganharam os trabalhadores, com mais oportunidades, e as empresas, que terão uma oferta maior de mão-de-obra qualificada.

Revista Veja, 30/07/2008, p. 85

T10

“Existem tendências perturbadoras na região, como o socialismo antiamericano de Hugo Chávez. Diante dessas tendências, o Brasil representa algo totalmente diferente – um país bem-sucedido com um futuro brilhante.”

JOHN MCCAIN, candidato republicano à Presidência dos EUA, falando ao Estadão sobre a situação da América do Sul

Revista Veja, 30/07/2008, p. 66

T11

PARTICIPAÇÃO NOTA 10

Escolas brasileiras começam a criar bons programas para atrair os pais. Com eles por perto, o desempenho melhora

CAMILA PEREIRA

A internet, que até há pouco tempo ficava restrita às raras aulas de computação, começa a se prestar ao propósito de despertar a atenção dos pais para o que se passa na sala de aula de escolas brasileiras. [...]

Ela e outros pais atentos ao que se passa na sala de aula contribuem para algo que, no Brasil, é preciso perseguir com urgência: um bom ensino.

Revista Veja, 24/09/2008, p. 146

T12

EINSTEIN DÍGERÍVEL

As atrações interativas de uma mostra sobre o cineasta ilustram suas teorias complexas com experiências simples. Ninguém sai de lá mestre em física – mas a visita enriquece

MARCELO MARTHE

Albert Einstein descobriu a ciência aos 5 anos, graças a um estímulo prosaico: uma bússola que ganhou do pai. Ali nasceu sua curiosidade pelo modo de funcionamento do universo – a mesma curiosidade que mais tarde o levaria às suas descobertas revolucionárias sobre a natureza da matéria, do tempo e do espaço. Desde a semana passada, o maior cientista do século XX é tema de uma exposição em São Paulo (que passará ainda por outras capitais nos próximos meses). A mostra Einstein quase não traz relíquias – o máximo que se

vê são réplicas de cartas e manuscritos, além de um relógio e uma gravata que pertenceram a ele. O foco é outro: proporcionar uma imersão nas idéias de Einstein. Por meio de atrações interativas, as pessoas são apresentadas a conceitos complexos como os da teoria da relatividade (veja quadro). O uso do entretenimento para transmitir noções educativas tem alvo certo: as crianças e os adolescentes. [...]

Revista Veja, 01/10/2008, p. 170

T13

Ele volta já

O argentino Luis Favre tomou um chá de sumiço. Só vai reaparecer depois da eleição. Favre reconheceu que sua imagem atrapalha a campanha a prefeita de São Paulo de sua mulher, a petista Marta Suplicy.

Revista Veja, 27/08/2008, p. 48

T14

O outro de Madonna. Ou não

Tanto falaram que MADONNA emitiu um desmentido por escrito: “Meu marido e eu não pretendemos nos divorciar. Não tenho absolutamente nenhum envolvimento amoroso com ALEX RODRIGUEZ”. Adiantou? Nem um pouco. Todo mundo continua dando como certo que a cantora – que ensaia novo show e anda exibindo cara de pouquíssimos amigos está se separando de Guy Ritchie e o pivô é Rodriguez, 33 anos, filho de dominicanos, astro do beisebol, o atleta mais bem pago do planeta (salário de quase 30 milhões de dólares anuais). De quem a mulher, Cynthia, resolveu agora, ela sim, pedir divórcio. A alegação: “casos extraconjugais e outras condutas impróprias”.

Revista Veja, 16/07/2008, p. 135

T15

Os outros também têm medo

A atriz Regina Duarte não dá sorte com uma loja que comprou no edifício Barão de Lorena, situado na região dos Jardins, em São Paulo. Primeiro, alugou o imóvel a uma livraria que, segundo diz, deixou dívidas com o condomínio. Pensou que resolveria o negócio ao fechar um contrato de locação com um banco. Novamente, enganou-se. Os condôminos do Barão de Lorena querem obrigá-la a rescindir o contrato. Justificam que uma agência bancária converteria o prédio em alvo potencial de assaltantes. Na última reunião de condomínio, alguns de seus vizinhos chegaram a ameaçar processá-la para evitar a instalação do banco. Outros partiram para a ironia “Nós também temos medo”, disse um, parodiando a declaração de apoio ao PSDB dada pela atriz em 2002.

T16

Detestado por todos

Atores e atrizes adoram encarnar personagens maus, com os quais exibem melhor seus dotes dramáticos, mas JACKSON ANTUNES, 48 anos, 35 de profissão, está algo ressabiado com as atrocidades cometidas por Leonardo contra a mulher, Catarina (Lilia Cabral), em *A Favorita*. “Até meu filho, depois de uma sessão de pancadaria, virou e disse: ‘Papai, eu te odeio’”, conta. Recentemente, Antunes foi empurrado na rua, caiu, sofreu uma trombose e baixou ao hospital. “Um senhor me interpelou e eu fiquei rindo, achando que era brincadeira ou pegadinha. Isso o irritou mais ainda”, recorda. Então ele gostaria de abrandar o personagem? Nem pensar.

Revista Veja, 13/08/2008, p. 101

T17

“O Barrichello é assim: reclama quando perde e quando ganha.”

MICHAEL SCHUMACHER, heptacampeão de Fórmula 1, respondendo a críticas do brasileiro, que venceu no Desafio das Estrelas de Kart, em Santa Catarina, mas reclamou da pilotagem arriscada do alemão

Revista Veja, 10/12/2008, p. 59

T18

Os comedores de Batata, de 1885, mostra uma família de camponeses jantando, iluminada por luz artificial. Sua obra-prima, *A Noite Estrelada*, de 1889, é sua visão mais pessoal do céu noturno. [...]

Ao seu irmão Theo, em 8 de setembro de 1888, escreveu assim: “Com frequência, me parece que a noite é mais viva e mais colorida do que o dia”. Foi assim, com seu poder de observação e seu talento, aliados à sua surpreendente disciplina, que Van Gogh se immortalizou.

Revista Veja, 01/10/2008, p. 164

T19

ANDRÉ PETRY

A fê nos homofóbicos

Em 1946, quando os negros reivindicaram a inclusão de alguns direitos na Constituição, foi um salseiro. Foram acusados de antidemocráticos e racistas por congressistas e estudantes da UNE. [...]

O que essa proposta pretende dar aos gays, e sabe-se lá se terá alguma eficácia, é aquilo a que todo ser humano tem direito: respeito à sua integridade física e moral. Os

evangélicos, pelo menos os que foram a Brasília, dão prova de desconhecer que seres humanos não diferem de coisas só porque são um fim em si mesmos. Os seres humanos diferem das coisas porque, além de tudo, têm dignidade. As coisas têm preço.

Revista Veja, 02/07/2008, p. 98

T20

PREPARADOS PARA PERDER

O Brasil foi excepcionalmente bem nos últimos Jogos Olímpicos. Com catorze medalhas de ouro, ficamos em 14º lugar – destaque para o nadador Clodoaldo Silva, seis ouros. Infelizmente falamos da Para-olimpíada de Atenas, já que na última Olimpíada convencional o Brasil teve desempenho pífio: três ouros, 23ª posição, atrás de países como Jamaica, Quênia e Etiópia. Creio que essa diferença de performance entre os dois tipos de competição não seja totalmente acidental.

[...]

Esse é sem dúvida um traço cultural, difuso, do brasileiro. Mas não há dúvida quanto ao locus no qual essa mentalidade é mais amplamente difundida e inculcada: a nossa escola. Há leis sobre o acolhimento de crianças com deficiências físicas e mentais na sala de aula; há preocupação com a questão dos excluídos no programa de livros didáticos do MEC, até da área de ciências. Mas não existe nenhuma preocupação oficial com a identificação e o desenvolvimento daquilo que o país tem de mais precioso: grandes mentes.

[...]

Revista Veja, 03/09/2008, p. 98

T21

Acabou tudo em jogo de palavras

Sindicância conclui que dossiê era banco de dados, entenderam?

Há seis meses, quando se descobriu que ministros do governo Lula estavam financiando comprinhas em free shops e jantares em churrascarias com os cartões corporativos do serviço, um grupo de assessores da Casa Civil foi encarregado de escarafunchar os arquivos do Palácio do Planalto em busca de uma revanche: gastos semelhantes do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Os funcionários produziram, então, um arquivo secreto contendo somente despesas interpretadas como constrangedoras para o tucano. [...]

Na quarta-feira passada, depois de quatro meses de trabalho, os burocratas do Palácio do Planalto entregaram a Dilma o relatório final das investigações. Ganha uma tapioca paga com cartão corporativo quem adivinhar o resultado da sindicância.

Os servidores responsáveis pela auditoria chegaram à conclusão de que não houve crime. [...]

Revista Veja, 06/08/2008, p. 71

T22

Lya Luft

Três destinos femininos

Ayaan Hirsi Ali, uma jovem política e escritora somaliana, naturalizada holandesa e residente nos Estados Unidos, disse numa palestra que “as verdadeiras fronteiras são as do pensamento”. [...]

Tiveram muitas filhas, que geraram muitos filhos, com os rapazes que ousaram delas se aproximar. Fundaram uma comunidade singular em tudo: pela duração desse isolamento e pela dimensão de sua luta para provar que são dignas de respeito e afeto. São mulheres de idade ou bem jovens, saudáveis, cara limpa, sorriso aberto, numa fraternidade e cumplicidade comoventes. Ali tudo é de todos, todas se ajudam, todas suportam juntas o isolamento e as calúnias. “Cuidado, lá vêm elas!”, comenta-se quando chegam a outro povoado ou à capital para alguma compra necessária. Tudo lhes é dificultado: escola, atendimento médico e qualquer direito de cidadania. [...]

Revista Veja, 09/07/2008, p. 22

T23

OUTRO QUE PODIA CONTAR TUDO

O ex-banqueiro Salvatore Cacciola é extraditado e pode esclarecer escândalo

Na quinta-feira da semana passada, o ex-banqueiro Salvatore Cacciola desembarcou no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, após vinte horas de uma viagem iniciada no principado de Mônaco, com escalas em Nice e Paris. [...]

Cacciola sempre ameaçou contar detalhes do episódio e revelar o nome de outros envolvidos no esquema. Chegou a chantagear o governo, conforme VEJA revelou em 2001. O ex-banqueiro havia feito grampos ilegais para provar a existência de um esquema de vazamento de informações no BC – do qual ele próprio foi cliente. Depois usou as gravações para tentar salvar sua pele. Se ele tem realmente algo a dizer, terá agora a oportunidade de fazê-lo, já que deverá ser novamente interrogado na Justiça. Ao desembarcar no Rio, Cacciola estava bem à vontade. Deu até entrevista coletiva. Ele reclamou que os outros réus no processo que o condenou estavam respondendo em liberdade. Nenhuma menção a uma diferença essencial em relação aos demais envolvidos: ele foi o único que fugiu.

Ronaldo Soares

Revista Veja, 23/07/2008, p. 126

T24

O CARRO QUE COMEÇOU TUDO

DUDA TEIXEIRA

O Ford Modelo T, o carro que colocou o mundo sobre rodas, está prestes a completar 100 anos. O primeiro exemplar começou a ser produzido em 27 de setembro de 1908, em Detroit, nos Estados Unidos. O sucesso foi instantâneo. De mecânica simples, fácil de dirigir e barato, era a concretização da visão de seu fabricante, Henry Ford, sobre o automóvel. Para o industrial, devia ser um veículo utilitário para ser usado pelas pessoas comuns e não, como ocorria, um artigo de luxo para milionários. O Modelo T vendeu 15 milhões de unidades até sair de linha, em 1927. [...]

Revista Veja, 06/08/2008, p. 102

T25

Cobram dela até conta do INSS

Os advogados da família do cavaleiro Álvaro Affonso de Miranda Neto, o Doda, lutam para tirar o nome de sua mulher, Athina Onassis, de uma lista de devedores da Previdência Social Multimilionária. Athina foi envolvida em uma ação que o INSS move contra a Pamcary, empresa da família de Doda. O INSS alega que, desde o início dos anos 90, a Pamcary acumulou uma dívida de 240 milhões de reais. A empresa reconhece um quarto desse valor. Para garantir o pagamento, a Justiça incluiu a família Miranda e seus sócios no rol dos devedores. Na lista, há pessoas que nada tinham a ver com os negócios e outras que eram menores de idade quando as dívidas foram contraídas. Athina está nas duas situações. Seus advogados dizem que essas são provas de que ela nada tem a ver com o caso.

Revista Veja, 13/08/2008, p. 44

T26

PARA ELES, O TEMPO PARECE NÃO PASSAR

Alguns atletas, como a americana Dara Torres, continuam na disputa pelo ouro mesmo depois de alcançar a idade em que os esportistas se aposentam

RAFAEL CORRÊA

Mesmo que não ganhe uma medalha nos Jogos de Pequim, a atleta americana Dara Torres já entrou para a história do esporte. Aos 41 anos, ela é uma das nadadoras que vão participar da prova de 50 metros nado livre. Essa competição é a mais rápida da natação e, como ocorre nos 100 metros rasos do atletismo, costuma privilegiar atletas jovens no auge de sua forma física e vigor muscular. [...]

Revista Veja, 13/08/2008, p. 126

T27

Eleições 2010

O que eles pensam dela?

O.k. Dilma Rousseff é a candidata de Lula. Mas em março o governo fará uma grande pesquisa nacional de opinião – qualitativa e quantitativa – sobre sucessão.

Revista Veja, 24/09/2008, p. 56

T28

El Salvador, aí vai ele

João Santana tem a chance de, em 2009, ser marqueteiro de dois presidentes. Além de trabalhar para Lula, Santana foi contratado pelo esquerdista Maurício Funes, candidato opositor à Presidência de El Salvador. A eleição será em março, mas uma equipe do brasileiro já desembarcou em San Salvador. Lá (mais ainda do que aqui), o processo eleitoral é uma jornada longa: Funes tem participado de cinco comícios por semana. Só em dezembro, bem depois de ter acabado a eleição municipal (na qual trabalha para Marta Suplicy), é que Santana cairá de cabeça na campanha do salvadorenho.

Revista Veja, 02/07/2008, p. 54

T29

ELE TEM CEM ANOS

Pesquisadores traçam a árvore genealógica do HIV e descobrem que o vírus da aids começou a circular entre os seres humanos quase um século antes de a doença virar epidemia

A disseminação do vírus da aids começou há cerca de 100 anos, no antigo Congo Belga, hoje República Democrática do Congo, na África. Essa descoberta sobre o HIV está relatada na última edição da revista científica Nature, em artigo assinado por pesquisadores da Universidade do Arizona, nos Estados Unidos. Eles conseguiram determinar quando e de onde partiu o vírus por meio da comparação genética das duas amostras mais antigas de HIV existentes. Uma estava congelada desde 1960 e foi coletada do sangue de uma mulher morta em Kinshasa, a capital congoleza. A outra data de 1959 e foi obtida do sangue de um homem que morava na mesma cidade. Com essas duas cepas em mãos, os pesquisadores americanos traçaram a árvore genealógica do HIV e chegaram à conclusão de que ambas se originaram de um mesmo hospedeiro humano, que teria vivido entre 1884 e 1924. Eles até arriscam uma data precisa para o nascimento do vírus da aids: 1908. “A descoberta pode nos ajudar a entender como se deu a disseminação da doença”, disse Michael Worobey, o principal autor do estudo.

[...]

O mais provável é que essa contaminação original tenha se dado por intermédio de um hábito bastante comum na África: o de comer macacos. A disseminação do HIV coincide com o

crescimento desordenado das cidades da África Central, o que acentuou a falta de higiene e o comportamento de risco de seus habitantes.

Revista Veja, 08/10/08, p. 170

T30

PALMAS PARA ELE

O novo trem que liga o aeroporto à região central: fotografado e aplaudido por passageiros na viagem inaugural; abaixo, plantão de voluntários no terminal 3

[...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 139

T31

DÁ PARA ACREDITAR NA MUDANÇA?

É ele mesmo, um charme, fotografado aos 20 anos; mas já tem gente achando que levou um chapéu de Obama

O presidente eleito Barack Obama tem um tremendo senso de estilo. Vem de berço: basta conferir na foto acima, quando o projeto político era apenas um brilho nos seus olhos, algo embaçados pelo fumacê. Ele tinha 20 anos, uma colega de faculdade em Los Angeles identificou o charme natural do rapazola e pediu que posasse. A fotógrafa amadora, Lisa Jack, só foi checar os negativos muitos anos depois. Na semana passada, a revista Time publicou a série de fotos, da qual a mais cativante é a com chapéu panamá e um jeito de pegar o cigarro que... bem, anos 80, certo? O gosto impecável de Obama só vira duvidoso em matéria de aconselhamento espiritual.

[...]

Em vez de mudança na qual se pode acreditar, como dizia o slogan vitorioso, não estão acreditando na mudança de Obama. E nem adianta repetir um dos mandamentos do folclore político americano: Durante a campanha, você apunhala os inimigos; na transição, os amigos. Do lado socialmente correto, anote-se que Obama passou os últimos meses mascando chicletes de nicotina e conseguiu não só ser eleito presidente dos Estados Unidos, como muito mais difícil, parar de fumar. Ou quase.

Revista Veja, 24/10/08, p. 43

T32

Ele pode voltar

Ninguém sente a menor falta, mas o ex-presidente da Câmara Severino Cavalcanti está perto de voltar à vida pública. Ele se dá ao luxo de escolher. Severino é candidato a prefeito de João Alfredo (PE) e também primeiro suplente de deputado federal. Se o deputado Gonzaga Patriota, favorito à prefeitura de Petrolina, for eleito. Severino ganhará a vaga. Zanzando pelo Congresso na semana passada, Severino era cumprimentado como “presidente” pelos ex-colegas.

Revista Veja, 23/07/08, p. 42

T33

Ela ainda pode salvar vidas

De biquíni, brincando de tirar a roupa sob o olhar apreciador da apresentadora ELLEN DEGENERES, a loira gostosa por excelência PAMELA ANDERSON provou: aos 41 anos, se aquelas salva-vidas bem-dotadas de Baywatch ainda estivessem em ação, não faria feio de maiozinho vermelho. Com um pouco menos de efeito, é certo – os portenhos airbags estão nitidamente menos inflados. Pamela, que estréia no fim do mês na TV americana uma espécie de reality show do seu dia-a-dia, aproveitou a oportunidade para negar que esteja saindo com Michael Jackson, com quem foi vista num bar: “Foi só um drinque profissional. Ele me convidou para aparecer em seu novo vídeo”. Ufa.

Revista Veja, 17/09/2008, p. 93

T34

“Ela sabia que não ia sair viva dali.”

NAYARA SILVA, falando da amiga Eloá Cristina Pimentel, assassinada pelo ex-namorado

Revista Veja, 05/11/2008, p. 59

T35

ELA É UMA FERA

Patricia, mulher do governador: em público, é mansa. Nos grampos, uma leoa acuada

Revista Veja, 17/12/08, p. 126

T36

Tomara que ela acerte

Se for primeira-ministra de Israel, Tzipi Livni poderá fazer a paz vizinhos árabes – ou apertar o botão da guerra com ataque às instalações nucleares do Irã

O gesto de Condoleezza Rice, a secretária de Estado americana, parecia dizer: vai com calma. Mas Tzipi Livni, atual ministra das Relações Exteriores de Israel, está com a maior pressa. Quer ser primeira-ministra, e logo. Terá sua chance no próximo dia 17, quando Ehud

Olmert deixará o cargo, enxovalhado por envelopes de dinheiro que entravam em seus bolsos via empresário amigo e outras ilicitudes. [...]

A mãe de Livni, que como o pai foi militante do Irgun, grupo sionista radical, enfrentou as críticas dos velhos colegas para os quais era anátema devolver territórios aos palestinos, como aconteceu com Gaza. Até morrer, em outubro passado, dizia a única coisa possível para uma mãe judia: “Minha filha tem sempre razão”. Tomara que tenha acertado.

Revista Veja, 03/09/2008, p. 45

T37

Ela é bela, ética e bárbara

Regulamentação e ética nos negócios não poderiam ser temas mais prementes e há alguém de sobrenome Berlusconi cuidando do assunto. BÁRBARA, 24 anos, loira e bela filha do primeiro-ministro da Itália, Silvio Berlusconi, na semana passada se sentou na primeira fileira do seminário “ O papel da ética nos sistemas econômicos e nos negócios”, em Milão. O que ela achou? A questão dos conflitos de interesses requer regulamentação. A volta da ética é a resposta para a atual crise financeira”, prega Bárbara, que é mãe de um menino e estuda filosofia. E papai – multimilionário acusado de negócios heterodoxos, cuja primeira providência neste terceiro mandato foi blindar-se contra processos – nisso tudo? “Eu tenho liberdade para dizer o que penso. Ele elogia minhas posições”, diz ela.

Revista Veja, 15/10/2008, p. 41

T38

ELA É UM TERROR

O xeque Omar Bakri gostaria que a filha fosse mulher-bomba. Mas ela preferiu ser dançarina de boate

TOMAZ FAVARO

O que se deve esperar de uma jovem inglesa cujo pai é o mais conhecido propagandista do terrorismo islâmico na Inglaterra? Yasmim Fostok, de 27 anos, poderia ter seguido as regras impostas por seu pai, o xeque Omar Bakri, que a imprensa londrina apelidou de “pregador do ódio”. [...]

Os tablóides ingleses foram à loucura com as revelações sobre Yasmin. E por um bom motivo: a vida escolhida pela filha constrange o pai e seus seguidores. O xeque é um dos religiosos mais detestáveis da história moderna da Inglaterra.

[...]

Revista Veja, 22/10/08, p. 138

T39

Ah, o feitiço havaiano

Ele parece uma versão mais jovem de um certo presidente eleito, mas a havaiana é ela: Nicole Scherzinger, 30 anos (admitidos em setembro; até então, eram 28), namorada há sete meses do campeão da Fórmula 1, o inglês LEWIS HAMILTON, 23, nasceu em Honolulu. O

nome completo – Nicole Elikolani Prescovia Valiente Scherzinger – dá pista da ascendência multicultural: o pai é filipino, a mãe descende de russos e o padrasto, cujo sobrenome adotou é alemão. Vocalista das Pussycat Dolls, Nicole, que tem mais curvas do que Interlagos, pôs no You Tube um derretido vídeo comemorativo da vitória do namorado, que retribuiu declarando ser “louco por ela”. Nicole faz planos: “Acho que logo, logo vamos morar juntos”.

Revista Veja, 12/11/08, p. 74

T40

Diagnóstico caseiro

Novos aparelhos e testes de uso doméstico já fornecem resultados tão precisos que evitam uma experiência normalmente demorada e descrita com pouco entusiasmo: a visita a um laboratório.

Alguns deles já conseguem replicar técnicas semelhantes às usadas nas clínicas, caso dos exames para aferir os níveis de colesterol e de glicose que aparecem nestas páginas. São executados em casa por aparelhos bem fáceis de manusear. [...]

ELA TESTOU

Como havia levado quase um ano para engravidar do primeiro filho, a arquiteta Isabela Martins, 33 anos, recorreu ao teste de fertilidade. Queria acelerar sua segunda gravidez. “Interpretar os resultados exige algum tempo e atenção – mas, no final, o exame me ajudou.” Depois de três meses, ela espera gêmeos. [...]

ELE TESTOU

Há seis anos com um diagnóstico de diabetes, o paulista Celso Teixeira, 27 anos, controla todos os dias as taxas de glicemia no sangue – até durante as longas provas de ciclismo das quais costuma participar. “O aparelho é bem prático. Carrego o meu junto ao guidão da bicicleta e consigo usá-lo enquanto pedalo” [...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 166

T41

“Ele é a maior celebridade do mundo. Mas estará preparado para comandar?”

DO VIDEO DE CAMPANHA DE MCCAIN à Presidência dos EUA, que compara Barack Obama a Paris Hilton e Britney Spears

[...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 59

T42

O dele é maior que o dela

Falamos, claro, do ego (embora o salto dele também seja maior, como se vê na foto à entrada da missa de corpo presente de Yves Saint Laurent). Por causa disso, o presidente Nicolas Sarkozy, todo orgulhoso, permitiu que a mulher, Carla Bruni, se abrisse. No livro Carla e Nicolas, a Verdadeira História, os detalhes da paixão. Conheceram-se em casa de amigos em 13 de novembro passado, foram para a cama (dela, à luz de velas) no dia seguinte. Casaram-se oitenta dias depois a conselho da ex-primeira dama Bernadette Chirac, por conveniência protocolar. Carla elogia a inteligência do marido: “Ele tem cinco ou seis cérebros, excepcionalmente irrigados”. Não há ego que resista.

Revista Veja, 11/06/2008, p. 90

T43

Ele ainda é o quarto mais querido

Quanto deve estar valendo a imagem de Ronaldo Fenômeno barrigudo e fumando para as empresas que o têm como garoto-propaganda, como AmBev, TIM e Nike? Ainda não se sabe exatamente o efeito que o desleixo do Fenômeno terá na avaliação que os brasileiros fazem dele. [...]

Revista Veja, 23/07/2008, p. 43

T44

“Mas seria importante que a religião que ele professa parasse de demonizar as outras.”

FERNANDO GABEIRA, candidato do PV, provavelmente se lembrando do chute na santa católica e da perseguição às mães-de-santo promovida pela igreja de Crivella

Revista Veja, 01/10/08, p. 64

T45

Será que ele vai?

O Palácio do Planalto sediará na quarta-feira uma homenagem à Constituição de 1988. O ponto alto do evento será a entrega da medalha “20 Anos da Constituição Cidadã” aos

constituintes. O ex-constituente FHC foi convidado. Se for mesmo, será a primeira vez que FHC pisará no Planalto desde que deixou a Presidência.

Revista Veja, 22/10/08, p. 66

T46

As desconsoladas chuteiras de prata

Elas são tão poucas e tão humildes que nem de longe lembram os egos inflados de algumas das milionárias estrelas masculinas dos gramados. No entanto, embora o ouro olímpico continue inalcançado no país pentacampeão mundial, as moças fizeram um papel bem melhor do que os marmanjos em Pequim. Desconsolada, a seleção de MARTA e CRISTIANE nem comemorou a medalha de prata. Pela segunda vez seguida, depois de uma bela campanha, o time perdeu uma final para os Estados Unidos – como em Atenas, na prorrogação. “Algumas meninas estavam estressadas e sentiram a pressão”, desabafou Marta. Só existem 1157 jogadoras registradas no Brasil, ou seja, 0,6% do total de homens, contra 15% na Alemanha, 24% na Suécia e 40% nos EUA. As que disputam as poucas competições nacionais ganham em média 2000 reais por mês. Mas a coisa já foi pior. No Estado Novo e no regime militar, o esporte chegou a ser proibido pra as mulheres por se incluir nas modalidades consideradas “incompatíveis com a natureza feminina”.

Revista Veja, 27/08/2008, p. 125

T47

ELAS LEGITIMAM, NÃO REVOLUCIONAM

As sete Constituições brasileiras não transformaram radicalmente a sociedade, mas apenas refletiram mudanças que já haviam sido conquistadas pelos vencedores políticos

[...]

Revista Veja, 08/10/08, p. 76

T48

ELAS FAZEM E ACONTECEM

Revendedoras Avon não esperam a vida passar. Vão atrás de seus sonhos e, cheias de vontade de crescer, conquistam seus objetivos

A Avon encerra este ano de comemorações do cinquentenário no Brasil homenageando as suas grandes parceiras, as revendedoras autônomas. Mais de um milhão de vidas pelo país, mais de um milhão de histórias de transformação, independência financeira, superação e criação de novos rumos para si mesmas e suas famílias.

O modelo de negócio da Avon, criado há 122 anos no mundo, tem colaborado para realizar sonhos de pessoas como Cíntia, Marlene, Liege, Giselle, Jane, Carmelita, Daniela, Ana Paula, Miriam, inspirando milhares de brasileiras.

[...]

Revista Veja, 17/12/08, p. 84

T49

ELAS NÃO SAEM DA REDE

Pesquisa com 6700 crianças mostra como a internet está entranhada em suas jovens vidas

51% acessam a rede todo o dia

90% jogaram games on-line no último mês

33% baixaram músicas no último mês

[...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 94

T50

QUANDO ELAS QUEREM SER ABUSADAS

I kissed a Girl, de Katy Perry, fala de um beijo lésbico. Parece forte, mas cantoras já foram muito mais ousadas ao abordar tabus

SÉRGIO MARTINS

A canção mais picante do pop atual foi escrita por uma ex-artista gospel. Katy Perry, que nos tempos de moça carola atendia pelo nome de Katy Hudson, é autora de I Kissed a Girl, que traz os versos: “Eu beijei uma garota e gostei/ Do gosto do seu brilho de cereja / Eu espero que meu namorado não fique chateado”. A música ficou dois meses no topo da parada dos Estados Unidos – e ganhou inimigos.

[...]

Nessa escala da ousadia feminina, há ainda outro parâmetro para levar em conta: quanto uma música oferece de risco para sua intérprete. Os sucessos de Katy Perry e Lily Allen podem até lhes render alguma bronca. Embora mais contundentes, as canções de Britney e Alanis também só provocaram um efeito de choque providencial para as vendas das artistas.

Revista Veja, 8/10/2008, p. 186

T51

ELAS CONTRA ELE

Três mulheres enfrentam Fogaça em Porto Alegre

No primeiro turno, a verdadeira refrega em Porto Alegre se dá no campo feminino. Três candidatas de perfil semelhante disputam uma vaga no segundo turno contra o prefeito José Fogaça, do PMDB, à frente nas pesquisas. Elas são esquerdistas, deputadas e reverenciadas como musas de sua agremiação. A bela Maria do Rosário, do PT, está em segundo lugar, empatada com Manuela d'Ávila, uma espécie de Maria do Rosário catorze anos mais nova. Como a petista, Manuela ganhou fama no movimento estudantil e obteve seu primeiro mandato de vereadora pelo PCdoB. A diferença é que Maria do Rosário trocou de partido depois que foi eleita. Manuela continua lá, mas adotou um comunismo desbotado. Até na bandeira. Em vez do clássico pavilhão, seus correligionários usam um lilás. Em quarto lugar está Luciana Genro, do PSOL, que fez escova e caprichou na maquiagem. Um de seus cabos eleitorais é o delegado Protógenes Queiroz, aquele mesmo, da grampolândia.

[...]

Revista Veja, 01/10/2008, p. 110

T52

SAUDOSOS DO ESCRITÓRIO

Depois de conquistarem a regalia de trabalhar em casa, eles se viram solitários – e buscam compartilhar salas

Trabalhar em casa era um sonho acalentado por funcionários de algumas das maiores multinacionais na década passada. Com o surgimento da internet, parte delas aderiu ao home office, modalidade que deu àquelas pessoas, pela primeira vez, a alternativa de executar tarefas longe do escritório. Nos Estados Unidos, 10 milhões de empregados passaram a cumprir parte do expediente em casa. No Brasil, foram 4 milhões. Depois de uma década levando uma vida que eles próprios definiam como “mais livre” e “menos entediante”.

[...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 104

T53

ELES PAGAM A CONTA

Lincoln e Marcos Sakamoto: suas empresas alugam salas para quem prefere trabalhar lá

[...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 105

T54

ELES CONQUISTARAM PEQUIM

A Olimpíada de 2008 termina neste fim de semana com a marca definitiva de dois fenômenos do esporte: o americano Michael Phelps, que superou todas as expectativas e marcas na natação, e o jamaicano Usain Bolt, o homem mais rápido do planeta. Os dois são tema de VEJA.com.

- PHELPS, O HOMEM-PEIXE Desde que tem consciência do mundo Phelps esteve à beira de uma piscina. A nova página traz fotos da infância, as vitórias na adolescência, a parceria com o técnico Bob Bowman e os recordes inacreditáveis do maior nadador de todos os tempos. Em www.veja.com.br/cronologia

- BOLT E JESSE OWENS

O jamaicano conquistou duas medalhas de ouro e quebrou dois recordes mundiais em Pequim – 100 e 200 metros. Em 1936, o americano Jesse Owens consagrou-se nas mesmas provas dos Jogos de Berlim. A curiosa comparação entre as duas épocas e os dois atletas revela dados como:

- Bolt tem 1,96 m e 86 kg
- Owens, 1,54 m e 61 kg
- Bolt fez 100 m em 9s69
- Owens fazia 100 m em 10s20

Em www.veja.com.br/quem

Revista Veja, 27/08/2008, p. 8

T55

Melhor sair de perto

Sendo eles quem são, não parece nada inconcebível que a impulsiva LUANA PIOVANI, 32 anos, e o esquentado Dado Dolabella, 28, tenham em questão de minutos passado de extremas manifestações de paixão a um violento bate-boca que redundou em BO, justo na festa de estréia do primeiro monólogo dela. Impensável foi o que sobrou para Esmeralda de Souza, camareira da peça. Ao tentar tirar Luana da briga, ela foi empurrada para longe por Dolabella. Longe mesmo: Esmê, 62 anos, 42 quilos, saiu da refrega com os braços imobilizados. O casal rompeu “para sempre”; Dolabella pediu desculpas; e o show de Luana continua sem Esmê, que prestou queixa à polícia e se recolheu. “Além da lesão física, ela ficou muito abalada emocionalmente. Diz sua filha, Cláudia Luna.

Revista Veja, 05/11/2008, p. 86

T56

ELES SÃO DIFERENTES E ADORAM ISSO

Jovens evangélicos não bebem, não fumam, não têm sexo fora do casamento. Mas a rigidez diminuiu, eles se sentem melhores que os outros e acreditam num futuro de prosperidade

JULIANA LINHARES

Eles vão a baladas, namoram, surfam, usam roupas da moda. A diferença entre os evangélicos e a maioria dos outros jovens é que suas festas são sem álcool, o namoro é sem sexo e as roupas, sem exageros – nada de saias pelos pés e cabelos pela cintura, mas decotes e comprimentos moderados. [...]

Revista Veja, 10/09/08, p. 135

T57

Babem: eles voltaram

Ela tem depressão pós-parto, dorme o dia inteiro, se acha gorda e não come. Ele viaja muito, vive correndo atrás dos filhos, anda exausto. E o casamento está por um fio. Contrariando todas as alternativas anteriores, BRAD PITT e ANGELINA JOLIE ressurgiram, em seu habitual esplendor, na pré-estréia do novo filme dela, Changeling, em Nova York, trocando olhares e sussurros. O roteiro tudo azul incluiu fotos dela amamentando, tiradas por ele, e declarações do tipo: “Estou com um homem tão evoluído que olha para o meu corpo e acha que ficou mais bonito, por causa da jornada que percorreu e do que pode criar. Ele realmente me vê assim. E eu realmente me sinto mais sexy”. Pode ser só conversa. Mas faz sentido.

Revista Veja, 15/10/08, p. 129

T58

A Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca existe há cinco anos e meio, já consumiu 1,3 bilhão de reais em recursos de custeio e investimento, mas não conseguiu aumentar a produção brasileira em uma mísera sardinha. O Brasil, embora tenha os maiores rios do mundo e uma das mais extensas áreas litorâneas do planeta, ocupa a vigésima posição no ranking mundial dos produtores de pescado, atrás de países como Chile e Peru. Na semana passada, o governo encontrou a solução do problema. Em uma solenidade na Bahia, o presidente Lula anunciou a criação do Ministério da Pesca, que passará a contar com um orçamento anual de 520 milhões de reais, apoiado em uma estrutura que pode ultrapassar os 1000 funcionários e terá representações em todos os estados.

[...]

Revista Veja, 06/08/08, p. 70

T59

[...]

Aos 22 Anos, 1,75 metro, 60 quilos, manequim 38, Mischa padece do que parece ser a maldição feminina desde a invenção do maiô: a celulite, - no caso dela, em volume incomum para peso e idade.

[...]

Os fatores determinantes são sedentarismo, alimentação errada, herança genética e alterações hormonais, sobretudo a ação do estrógeno. Somem-se os fatos de que 1) o estrógeno é o hormônio feminino por excelência; 2) ele ajuda a reter líquido; e 3) ele contribui para que a gordura se acumule nos quadris e nas coxas – e chega-se a uma das maiores injustiças da natureza: homens raramente têm celulite.

[...]

Revista Veja, 23/07/08, p. 164

T60

[...]

“Isto é uma Olimpíada”, respondeu o atleta. “Você tem de estar preparado para competir a qualquer hora: manhã, noite, meio-dia, meia-noite, não interessa.” Não será a luz matinal que impedirá Phelps de continuar cumprindo o seu destino: o de ser um tubarão cujas presas são as medalhas de ouro.

Revista Veja, 13/08/08, p. 123

T61

[...]

Também foi sob responsabilidade da Rússia que milícias de ossetas se lançaram à milenar prática da vingança contra os odiados vizinhos georgianos – Simon Sebag Montefiore, autor de uma biografia do mais notório dos georgianos. Stalin, conta que na fase pós-soviética o conflito no Cáucaso foi retomado por agricultores usando tratores “transformados” em tanques. Da ação das forças irregulares redundaram, os maiores abusos: saques, vilarejos incendiados e mortes. Quantas? Até a semana passada, a Geórgia havia informado oficialmente 213, entre militares e civis.

[...]

Revista Veja, 27/08/08, p. 47

T62

[...]

Com seus muitos filhos e cemitérios, seus tachos cheirando a mar, varandas de ferro forjado e ruas com nomes derramando poesia - Amelia, Magnolia, Feliciano, Anabella -, Nova Orleans está se levantando com seu jeito inevitável de mulher que luta para tirar luz das trevas. Como o Katrina devastou tudo, a cidade está aproveitando o processo de reconstrução para testar, tentar, ousar – e virou o que ninguém esperava: um criativo laboratório de novas soluções urbanas. Seu sistema público de ensino, por exemplo. Virtualmente desapareceu: os prédios das escolas foram destruídos, os professores foram desligados.

[...]

Revista Veja, 27/08/08, p. 85

T63

[...]

VEJA ouviu os dez animados estudantes que aparecem nestas páginas. Seus currículos, separados por muitas diferenças, têm um ponto em comum: todos ficaram em primeiro lugar no último vestibular. Os campeões ingressaram em distintas carreiras e universidades espalhadas por todo o Brasil. Para chegar ao topo, nenhum deles precisou varar madrugadas nem abdicar dos fins de semana. Eles conseguiram, no entanto, o mais difícil nesse caso: manter o foco com admirável disciplina. A seguir, o grupo dá sugestões de como otimizar o duro período que antecede o vestibular e divide algumas de suas estratégias para resolver a prova.

[...]

Revista Veja, 03/09/08, p. 114

T64

[...]

Há, no entanto, uma diferença fundamental entre as novas vendinhas e as do passado: quem está no comando não são comerciantes amadores, mas os três líderes no varejo de alimentos do país: Carrefour, Pão de Açúcar e Wal-Mart.

[...]

Lá e mesmo nos Estados Unidos, onde as pessoas não dão sinais de ter perdido a disposição de frequentar hipermercados, as pequenas lojas de bairro são um fenômeno, acima de tudo, por um motivo: em países em que a economia prospera, as pessoas vão às compras em muitos momentos do dia e nos mais variados lugares. É exatamente o que começam a fazer os brasileiros agora.

T65

[...]

Tradicionalmente, esportes que não exigem tanto do corpo, como hipismo e tiro esportivo, são redutos de atletas “velhinhos”. O cavaleiro japonês Hiroshi Hoketsu, de 67 anos, ao participar de sua segunda Olimpíada depois de um hiato de 44 anos, será o mais velho dos Jogos de Pequim. Já o iatista americano John Dane III, de 58 anos, finalmente realizará um antigo sonho: ele vai disputar uma Olimpíada pela primeira vez, na classe Star – a mesma em que competem os brasileiros Bruno Prada e Robert Scheidt.

Revista Veja, 13/08/08, p. 128

T66

[...]

Em 2006, Booker ganhou, com mais de 70% dos votos. Está no meio do mandato e já tem um sucesso vistoso: reduziu drasticamente a taxa de crimes violentos. Booker faz parte da primeira geração de políticos negros que era jovem demais – ou nem nascida – para ter participado da luta contra o racismo nos anos 60.

[...]

Revista Veja, 30/07/08, p. 15

T67

Os jovens Ph.Ds. que circulam pelo Parque Alfa, o maior pólo de tecnologia de Florianópolis, pertencem a um grupo com hábitos aparentemente inconciliáveis: raramente são vistos longe de um computador, mas, sempre que podem, estão sobre uma prancha de surfe.

[...]

“Trata-se de uma comunidade de pessoas que ambicionam o mesmo: ser reconhecidas por um grande invento tecnológico”, resume Cláudio.

[...]

Revista Veja, 08/10/08, p. 159

T68

Parece sânscrito

Ela é alegre, entusiasmada, acabou de ser eleita prefeita de Natal pelo PV e todo mundo tem uma pergunta para quebrar o gelo: de onde vem o nome MICARLA DE SOUSA, 38? “É mistura de Miriam., minha mãe, e Carlos, meu pai”, informa.

[...]

T69

A igualdade é vermelha

Caçar, rezar e se orgulhar, de ser como são está no sangue dos rednecks, os caipiras do interior que se vêem espelhados na republicana Sarah Palin

Eles já foram chamados de muitas coisas: classe média baixa, eleitores do interior, brancos das áreas rurais, caipiras de cidade pequena. Foi só a governadora Sarah Palin despontar espetacularmente como a candidata a vice-presidente na chapa republicana para que a turma que ela representa à perfeição assumisse [...]

Revista Veja, 17/09/08, p. 53

T70

[...]

“Hoje em dia, a celulite é considerada doença. Não é grave, nem contagiosa, nem põe em risco a saúde a longo prazo, mas altera a normalidade do tecido. Por causa dela, a irrigação da pele fica prejudicada. Os vasos sanguíneos e as fibras de colágeno enrijecem e viram “traves” com gordura no meio, o que forma caroços”, explica a dermatologista Denise Steiner, coordenadora do departamento de cosmiatria da Sociedade Brasileira de Dermatologia. Para combatê-la, anunciam-se técnicas e aparelhos variados, a maioria deles com resultado zero e todos, sem exceção, de efeito temporário. A modelo catarinense Ana Cláudia Michels, 26, valeu-se de boa parte do arsenal para, como uma fênix fashion, ressurgir ainda mais perfeita nas passarelas das recentes semanas de moda, depois de dois anos e meio sem desfilar. “Sempre fui magra demais. Aos 17 anos, meu corpo mudou, ganhei peito, coxa e celulite”, conta. “Para voltar agora, fiz tudo o que existe para emagrecer e tomei todos os cuidados para que a celulite aparecesse o mínimo possível.” Os dois meses anteriores foram praticamente dedicados a isso: Ana fazia exercícios cinco vezes por semana (uma hora de aeróbico, uma hora de musculação pesada), adotou uma dieta controlada (substituiu doces, massas, refrigerante e álcool por frutas, proteínas e 2 litros de água diários), fez muita drenagem linfática e tratamento com alguns aparelhos sugeridos por sua dermatologista. Entre eles, o mais elogiado atualmente é o Velashape – que, dizem, até Madonna usa.

[...]

Revista Veja, 23/07/08, p. 166